

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA PRÓ-REITORIA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO OU DOUTORADO) EM HISTÓRIA

**Gabriel Cheleiro Justino**

**O “arquiteto memorialista” Carlos Lacerda e suas representações do  
Estado da Guanabara (1960-1965)**

Niterói

2022

GABRIEL CHELEIRO JUSTINO

LINHA DE PESQUISA  
SOCIEDADE, MOVIMENTOS POPULACIONAIS E DE CULTURAS

**O “arquiteto memorialista” Carlos Lacerda e suas representações do Estado da Guanabara (1960-1965)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador (a): Prof.(a). Dr.(a) Cláudia Mesquita

NITERÓI

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

J96 Justino, Gabriel Cheleiro.  
O “arquiteto memorialista” Carlos Lacerda e suas representações do Estado da Guanabara (1960-1965). / Gabriel Cheleiro Justino. -- Niterói, RJ, 2022.  
vi, 7-124p.  
[Numeração da publicação: [i] – vi, 7-124].  
Referência(s): P. 92-124.

Orientadora: PhD. Cláudia Cristina de Mesquita Garcia Dias.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, 2022.

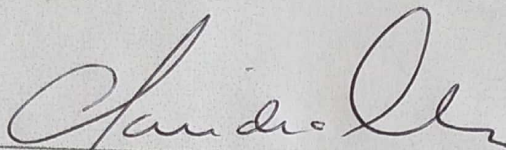
1. Lacerda, Carlos – 1914-1977. 2. Rio de Janeiro (RJ) – Estado da Guanabara (1960-1965). 3. Lacerda, Carlos (1914-1977) – Discurso - Memória. I. TÍTULO.

CDD 320.5098153

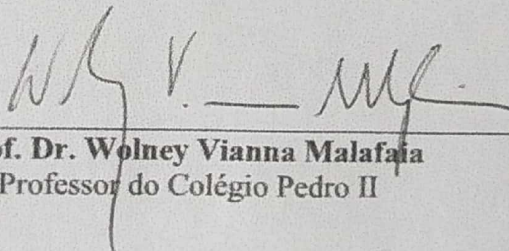
**GABRIEL CHELEIRO JUSTINO**

**O "ARQUITETO MEMORIALISTA" CARLOS LACERDA E SUAS  
REPRESENTAÇÕES DO ESTADO DA GUANABARA (1960-1965).**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 09 de setembro de 2022 pela banca examinadora, composta pelos professores:



**Prof.ª Dr.ª Claudia Cristina de Mesquita Garcia Dias**  
Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)



**Prof. Dr. Wolney Vianna Malafata**  
Professor do Colégio Pedro II

gov.br

Documento assinado digitalmente  
**JAYME LUCIO FERNANDES RIBEIRO**  
Data: 16/12/2022 09:41:05-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

**Prof. Dr. Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro**  
Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

## **Resumo**

Essa dissertação tem por objetivo contribuir com o debate sobre a cidade do Rio de Janeiro enquanto estado da Guanabara, tendo como eixo central os discursos políticos de Carlos Lacerda. Pretendemos abordar as transformações ocorridas na cidade no contexto da construção de Brasília e consequente perda de seu *status* de capital federal. Queremos analisar como essa transferência foi capaz de mudar a face de uma cidade vista como centro de poder por quase 200 anos e em como o então governador Lacerda foi capaz de construir uma nova cidade, a reinterpretando, tanto no aspecto físico, quanto simbólico. É possível observar em seus discursos políticos a construção de uma memória, interpretação do passado e projeção de futuro do estado da Guanabara.

**Palavras-chave:** Carlos Lacerda, Estado da Guanabara, discurso, memória

## **Abstract**

This dissertation aims to contribute to the debate on the city of Rio de Janeiro as a state of Guanabara, having as its central axis the speeches of Carlos Lacerda. We intend to address the transformations that took place in the city in the context of the construction of Brasília and the consequent loss of its status as Federal Capital. We want to analyze how this transfer was able to change the face of a city seen as a center of power for almost 200 years and how the then governor Lacerda was able to build a new city, reinterpreting it, both physically and symbolically. It is possible to observe in their political speeches the construction of a memory, interpretation of the past and future projection of the state of Guanabara.

**Keyword:** Carlos Lacerda, Guanabara State, discourse, memory

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais, Sônia e Sebastião, à minha noiva Priscilla por todo apoio, incentivo e compreensão dados a mim durante minhas pesquisas, estudos e contribuições que me enriqueceram enormemente.

Amplio os agradecimentos à Professora Cláudia, minha orientadora, que me auxiliou, guiou, além de engrandecer minha pesquisa com sua visão e experiência na área, além ter aceitado o projeto de pesquisa para que eu pudesse desenvolvê-lo.

Também sou grato ao Professor Jayme Lúcio, que acompanhou meu crescimento acadêmico tanto na graduação, como também agora no mestrado e enriqueceu minha pesquisa com suas palavras, estímulo e sugestões.

Aos demais professores que também contribuíram para que eu pudesse chegar nesse momento, através de dicas, indicações, ensinamentos e compartilhamento de experiências.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>06</b>
<b>Capítulo I – Carlos Lacerda, pontos importantes de sua trajetória .....</b>	<b>26</b>
<b>Capítulo II – O “arquiteto memorialista” Carlos Lacerda e suas representações do estado da Guanabara.....</b>	<b>51</b>
<b>Capítulo III – Heranças e lembranças: representações da Guanabara no espaço urbano carioca .....</b>	<b>72</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>92</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>95</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>100</b>

## Introdução

A cidade do Rio de Janeiro teve sua memória construída e reinterpretada ao longo do século XX, reforçando a tradição de *cidade-capital* como elemento fundamental de sua identidade local e referência para a memória nacional. Capitalidade que encontra o seu ponto de inflexão mais aguda, no momento da transferência do distrito federal para Brasília, em 1960, e logo depois com a fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro, em 1975. Entretanto, esse é um assunto que permanece vivo e revivido até os nossos dias, voltando à tona quanto maiores os conflitos e desafios enfrentados pelo Rio ao longo do tempo. Segundo reportagem apresentada pelo *Correio Braziliense*<sup>1</sup>, a crise em que se encontra atualmente o Rio de Janeiro teve seu embrião na transferência da capital para Brasília, criando um “vácuo de poder e capacidade, inclusive, de manusear recursos”<sup>2</sup>.

Tal debate não se faz por encerrado, Christian Edward Cyril Lynch aponta o Rio de Janeiro como sendo a única capital nacional do Brasil. Para o autor, a cidade ainda é um distrito federal, embora esteja sob um disfarce de capital estadual, pois não perdera “sua condição de capital simbólica, cultural, ou cidade síntese do Brasil”<sup>3</sup>, e ainda concentra não só em seu interior, mas como também ao seu redor, inúmeras repartições públicas subordinadas, um funcionalismo público federal que supera os estaduais em quantidade, à presença de universidades federais, quatro ao todo, além de ter sido escolhida pela União como sede das Olimpíadas de 2016, ao invés de São Paulo e Brasília.<sup>4</sup> . Em razão desse perfil de *cidade-capital*, Lynch defende que o Rio possa ser delimitado como segundo distrito federal, sem prejuízo à Brasília, que continuaria ocupando sua função político-administrativa.

---

<sup>1</sup> COSTA, Rodolfo; BITTAR, Bernardo. *Entenda como a corrupção arruinou o estado do Rio de Janeiro*. *Correio Braziliense*. Brasília. 03/11/2017, Política. Disponível em: <[https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2017/11/03/interna\\_politica,638393/entenda-como-a-corrupcao-arruinou-o-estado-do-rio-de-janeiro.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2017/11/03/interna_politica,638393/entenda-como-a-corrupcao-arruinou-o-estado-do-rio-de-janeiro.shtml)>. Acesso em: 23.Abr. 2020

<sup>2</sup> COSTA, *Entenda como a corrupção ...*

<sup>3</sup> LYNCH, Christian. *Questão de urgência nacional: o Rio como segundo distrito federal*. *Insight Inteligência* (Rio de Janeiro), v. 76, 2017. P. 4

<sup>4</sup> COSTA, *Entenda como a corrupção ...*



O antigo distrito federal, na qualidade de *cidade-estado* da Guanabara (1960-1974), é também lembrada como a “época de ouro” da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Marieta de Moraes Ferreira, a evocação desse “passado mítico, onde tudo era perfeito, mas que os erros humanos destruíram”<sup>5</sup>, tem origem em um reconhecimento feito posteriormente, por aqueles que moravam na cidade do Rio de Janeiro e desejavam reverter a fusão.

Por tudo o que representou para a história da cidade do Rio de Janeiro a criação da *cidade-estado* da Guanabara (1960-1974), é ainda escassa a produção historiográfica sobre esse momento tão impactante para sociedade carioca e fluminense. Essa pesquisa deseja contribuir com as discussões acerca dos últimos anos da cidade do Rio de Janeiro como capital federal e sua condição enquanto estado da Guanabara. Desejamos também lançar luz sobre a atuação de Carlos Lacerda na condução do Rio em um momento único de sua história, sendo responsável por reformá-la e reescrevê-la, fixando características materiais e simbólicas observadas até os dias atuais.

Iremos verificar como a transferência da capital para Brasília foi capaz de mudar a face de uma cidade vista como centro do poder central por quase 200 anos e em que medida Carlos Lacerda investiu na construção de uma nova cidade, reinterpretando-a em seus aspectos físicos e imateriais. É possível observar em seus discursos políticos, e na implantação de uma rede de instituições culturais especialmente criadas para a Guanabara, a força dos trabalhos de memória empreendidos por Carlos Lacerda, para além da sua já conhecida atuação como “tocador de obras”. Razão pela qual denominamos Lacerda, neste trabalho, como um “arquiteto memorialista”.

Vale ressaltar que a escolha do tema surgiu do meu interesse em compreender a história do Rio de Janeiro, cidade em que se projeta a imagem do Brasil no exterior, tido como síntese de um país e polo principal da identidade nacional. Além disso, também me interessou investigar as estratégias de Carlos Lacerda como construtor simbólico do Rio de Janeiro, através da análise de seus discursos políticos. Conhecido como exímio orador, imbatível com seus opositores -, Lacerda é um dos personagens mais emblemáticos e polêmicos de nossa história recente, tanto a nível local, quanto nacional, de modo a beirar a impossibilidade de se estudar o Brasil republicano sem passar por essa figura

---

<sup>5</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana*. Florianópolis, 1950-1970. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2002.

controversa, cuja eficiência em relação às políticas públicas é reconhecida até por seus opositores<sup>6</sup>.

O recorte de nosso trabalho abarca os anos de 1960 a 1965, período de transferência da capital para Brasília, criação da *cidade-estado* da Guanabara, campanha de Carlos Lacerda para o governo do novo estado, cujo término do seu mandato coincide com as comemorações do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, em 1965. Nossas fontes possuem naturezas diversas, são jornais de época, documentos oficiais, de origens literárias, livros, monumentos, obras e festividades, encontradas em arquivos e bibliotecas públicas, no espaço público (caso dos monumentos e outros elementos urbanísticos desse período) e em sites na internet.

O diálogo promovido entre esses diferentes tipos de fonte, é acompanhada pela orientação de José D'Assunção Barros<sup>7</sup>, no sentido de avaliar a posição que cada uma delas possui em relação ao processo histórico, sua época, posição ideológica do autor e, por último, em relação ao problema proposto em nosso trabalho, isso é, a atuação do governador Carlos Lacerda como um “arquiteto memorialista” da cidade do Rio de Janeiro, no momento de criação do estado da Guanabara e de transferência do distrito federal para Brasília.

A Guanabara nasceu junto com a criação de Brasília, mas não durou muito, apenas 15 anos, deixando de existir com a fusão da cidade do Rio de Janeiro com a antiga província fluminense<sup>8</sup>, em 15 de março de 1975, oficializada com a Lei Complementar Federal 20 de 1º de julho de 1974, do estado do Rio de Janeiro<sup>9</sup>. Sua extensão territorial era de aproximadamente 1.171 quilômetros quadrados<sup>10</sup>. A respeito de suas dimensões, os limites da cidade foram mantidos para a criação da Guanabara, sem qualquer alteração<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> D'ASSUMPCÃO, Mônica de Matos T. *Carlos Lacerda: demolidor de presidentes e construtor de um novo estado*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

<sup>7</sup> BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica*. Mouseion (UniLasalle), v. 12, 2012. P.134

<sup>8</sup> *Em 15 de março de 1975, Guanabara e Rio se transformam num único Estado*. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-15-de-marco-de-1975-guanabara-rio-setransformaram-num-unico-estado-10121382>>. Acesso em 04. Novembro. 2020.

<sup>9</sup> GEISEL sanciona a lei que fará a fusão. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 jul. 1974.

<sup>10</sup> IBGE. Estado da Guanabara, *Regiões Administrativas (súmulas de dados estatísticos)*. Rio de Janeiro: IBGE, 1966.

<sup>11</sup> BRASIL. Lei nº3.752, de 14 de abril de 1960. *Dispõe sobre documentos e procedimentos para despacho de aeronave em serviço internacional. Dita normas para a convocação da Assembleia. Constituinte do Estado da Guanabara e dá outras providências*. Capital federal, ano 88, p. 1, 1984.

O surgimento desse novo estado da federação se relaciona, antes de tudo, a uma ideia de transferência de capital para outra região do Brasil, sendo a partir desse ponto, necessário esclarecer que esse tema não surge no governo Juscelino Kubistchek (1956-1961). A criação de uma nova capital federal vem de um longo e demorado processo, em que alguns momentos ganha força e em outros fica adormecido por um tempo. A discussão sobre a transferência da capital é anterior ao estabelecido pela Constituição de 1891 e data de 1821, antes mesmo da independência. De acordo com Mária Bruna Pereira Ribeiro, José Bonifácio foi o responsável por propor a mudança da capital como necessária para garantir uma unidade territorial e ao mesmo tempo, construir uma identidade nacional<sup>12</sup>.

A partir do momento em que a República é proclamada, em 15 de novembro de 1889, a transferência da capital para o Planalto Central começa a ganhar forma, principalmente após a constituição de 1891, onde a elaboração da carta magna provocou fortes debates sobre o tema. A República quando põe fim ao Império brasileiro, necessita adotar uma série de medidas com o objetivo de construir um novo Brasil, colocando o Império como algo a ser superado, de modo que o novo governo investiu na construção de uma imagem do país como uma nova nação<sup>13</sup>. Para tal, irá selecionar elementos do passado que possam ser mantidos, resgatados e outros que serão apagados, construindo uma memória republicana. E a nova capital seria o símbolo dessa mudança, desse novo tempo.

No governo Floriano Peixoto, foi constituída uma comissão exploratória no ano de 1892 para conhecer e estudar essa área do Planalto Central. Região que corresponderia ao local onde hoje fica Brasília, demarcada como *Quadrilátero Cruls* ocupando uma área de 14.400 m<sup>2</sup>. Essa expedição viria a ser denominada de Missão Cruls, devido ao nome do responsável pela empreitada, Luís Cruls<sup>14</sup>. Entretanto, esse tema só voltou a discussão com Epitácio Pessoa, em 1922, com o lançamento da pedra fundamental para a construção de Brasília<sup>15</sup>. Getúlio Vargas irá demarcar as terras que seriam utilizadas para a nova capital, obedecendo a delimitação proposta pelo *Quadrilátero Cruls*. Em linhas gerais, a

---

<sup>12</sup> RIBEIRO, Mária Bruna Pereira, *A mudança da capital em debate nos artigos da Revista Brasileira de Geografia e do Boletim Geográfico (1938-1964)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia

<sup>13</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. P. 18

<sup>14</sup> BRASÍLIA. Portal do governo de Brasília. 2015. Disponível em: <http://brasilia.df.gov.br/sobre-o-df/historia/informacoes.html>. Acesso em 31.Mar./2020

<sup>15</sup> IBGE. Distrito federal Brasília. 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/brasilia/brasilia.pdf> Acesso em 31. Mar. 2020

justificativa usada para uma nova capital, era de que o Rio de Janeiro seria incapaz de exercer a liderança da modernização do país, sendo associado ao retrocesso, ao passado, na medida em que a sua capitalidade estaria associada à transferência da sede do Império português para o Brasil<sup>16</sup>.

Essa transferência se concretizou de fato, em 1763, por ordem de D. João V, em razões que vão desde uma semelhança climática e que por aqui se encontrarem frutos característicos da Ásia e da África, além de “aceitar” os frutos europeus<sup>17</sup>. Sem contar também com os aspectos geoestratégicos, já que o Rio de Janeiro estava próximo às Minas Gerais, principal centro da exploração do ouro brasileiro, evitando assim, a perda de controle sobre o que era escoado, possibilitando também a redistribuição de escravos, deslocados para o cultivo dos novos gêneros produzidos na colônia.

A cidade do Rio de Janeiro ganhou ainda mais importância com a vinda da Família Real Portuguesa em 1808, com sua corte e aparato burocrático, elevando a cidade como sede do Império Português, e quatorze anos depois, com a Independência, a sede do Império Brasileiro. A chegada da Corte ao Rio alterou toda a dinâmica da cidade, principalmente em relação ao comportamento, arquitetura urbana e a própria composição da população. No âmbito da arquitetura implicou na reformulação de prédios públicos e particulares para poder receber tanto as pessoas que vieram nesse momento, quanto para poder adequar à estrutura governamental burocrática.

O Rio de Janeiro seria, portanto, uma herdeira natural de Lisboa, na construção de um império que unisse Brasil e Portugal<sup>18</sup>, sua capital deveria refletir uma civilização europeia nos trópicos e, ao mesmo tempo, espelhar a um Estado imperial centralizado que ali estava sendo montado. Durante o Império, o Rio de Janeiro foi controlado politicamente para poder se tornar “cabeça do império”, pois a cidade deveria pertencer a todos e não a um estado ou grupo político. Isso se revela através da criação do Município Neutro, pelo Ato Adicional de 1834, que o isolou da província do Rio de Janeiro. A capital imperial deveria impor hábitos, costumes, modos de agir, ou seja, influenciar todo o império. O Rio era tido como um símbolo da centralização, sendo um elemento unificador economicamente e culturalmente de diversas regiões do território brasileiro, levando civilização à essas regiões.

---

<sup>16</sup> MELLO, E. C. *Um imenso Portugal*. História e historiografia. São Paulo: Editora 34, 2002. P. 67.

<sup>17</sup> SILVA, Abílio Diniz (Ed.). D. *Luís da Cunha*. Instruções Políticas Lisboa: CNCDP, 2001.P. 366.

<sup>18</sup> MOTTA, Marly Silva da, *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2001. 16f. P. 2

Com o advento da república, o papel da cidade entra novamente em discussão, pois o Rio de Janeiro precisaria se encaixar nesse novo projeto de nação. Após debates se a cidade deveria ser autônoma ou possuir alguma submissão política, econômica ou administrativa, é decidido que ela seria configurada como distrito federal, de modo a escolher seus representantes não apenas no âmbito legislativo, enquanto que no executivo, o representante seria indicado pelo Presidente da República.

O prefeito Pedro Ernesto reivindicou uma nova forma de inserir o Rio no conjunto da federação. Segundo ele, a cidade deveria ser valorizada dentro da política nacional, de forma autônoma, enaltecendo, assim, a figura do próprio prefeito<sup>19</sup>. Direito conquistado na Constituição de 1934, na qual a população pode eleger diretamente o seu prefeito. Pedro Ernesto administrou o Rio de Janeiro em duas oportunidades, a primeira entre 1931 e 1934, por nomeação, como interventor e em um segundo momento, entre 1935 e 1936, dessa vez por sufrágio.<sup>20</sup>

Com o Estado Novo, o Rio voltou a perder sua autonomia política, fazendo com que o distrito federal ficasse sob o poder pessoal de Getúlio Vargas, centralizando assim, de maneira político-administrativa a cidade, inclusive nomeando interventores para governar. A partir de 1946, o Brasil passou por uma experiência democrática após o fim do Estado Novo, processo iniciado um ano antes com eleições gerais, na qual votaram em torno de sete milhões e quatrocentos mil eleitores e a grande marca desse sufrágio foi a saída de Getúlio Vargas. Assume, então, o militar Eurico Gaspar Dutra, pertencente ao Partido Social Democrático (PSD) coligado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Seu governo se caracterizou pela promulgação da constituição de 1946, na qual apresentava uma democracia representativa, influenciada pelas experiências europeia e estadunidense. Além disso, novos partidos políticos surgiram, com diferentes ideologias, se refletindo também na imprensa, na qual jornais puderam ampliar suas posições políticas. Embora no campo eleitoral, os analfabetos permanecessem excluídos de participação e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi posto na ilegalidade em um contexto internacional de Guerra Fria<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> MOTTA, Marly Silva da, *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2001. 16f.

<sup>20</sup> MOURELLE, Thiago Cavaliere. *Pedro Ernesto Baptista: Um projeto político inovador- de interventor federal a primeiro prefeito eleito da História do Rio de Janeiro*. Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 2, p. 183-203, 2009. P. 184-199

<sup>21</sup> FERREIRA, Jorge. *A experiência democrática no Brasil (1945-1964)*. 2010. (Texto de referência para a exposição Res Publica Brasileira).

Em 1952, com Getúlio Vargas novamente no poder, Carlos Lacerda se torna o principal nome de oposição e um dos mais expoentes líderes da União Democrática Nacional (UDN), cujo atentado sofrido em agosto de 1954, faz acentuar a crise na presidência ao responsabilizar Vargas pelo incidente, culminando no seu suicídio poucas semanas depois. Em seguida, o governo de Juscelino Kubitschek (JK), foi marcado por desenvolvimentismo e crescimento ao Brasil, transformando o país em uma nação industrial, promovendo a interligação do país por meio de estradas, além de implementar a interiorização da capital federal, construindo Brasília.<sup>22</sup>

Nesse início da década de 1960, nas gestões de Jânio Quadros e João Goulart, o Brasil passou por forte radicalismo político, acentuado desde o final do último governo Vargas e culminando em 13 de março de 1964, quando em um comício na Central do Brasil, Goulart aborda as reformas de base, que possuía dentre outros tópicos, a reforma agrária e controle da remessa de lucros<sup>23</sup> O comício foi o ponto final do Governo do seu governo e o sinal verde para o golpe de 31 de março de 1964.

A atuação de Lacerda dentro desse contexto se baseia principalmente na oposição, atuando de forma combativa, como jornalista e político, onde já iniciaria como vereador pelo distrito federal, quando já buscava apagar as heranças de Vargas. Como deputado federal, manteve-se combativo ao varguismo e seus herdeiros. Lacerda era oposição ao governo de JK, Jânio Quadros e Jango, embora ainda tivesse apoiado inicialmente a campanha de Quadros.

Lacerda foi um entusiasta apoiador do golpe de 1964, que segundo ele viria para combater o comunismo e o populismo, a qual se dizia ferrenho opositor.<sup>24</sup> Em contrapartida a esse apoio, seu governo recebeu grandes recursos financeiros de um programa do governo americano, denominado Aliança para o Progresso, cujo objetivo seria barrar a expansão do comunismo através de elevação do Produto Interno Bruto (PIB), eliminar o analfabetismo e integrar as nações economicamente.<sup>25</sup>

Essa polarização política e ideológica se estende aos debates sobre a transferência da capital para o Brasília. As críticas eram variadas, assim como seus próprios críticos,

---

<sup>22</sup> MONTENEGRO, Rosilene Dias. *Juscelino Kubitschek: trajetórias*. In: XXIX Simpósio Nacional de História (ANPUH), 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. São Paulo: ANPUH, 2017. P. 1-15

<sup>23</sup> NEVES, Lucília A. *O governo João Goulart e o Golpe de 1964: memória, história e historiografia*. Niterói: Revista Tempo. N.28, 2009. P.132

<sup>24</sup> CHALOUB, Jorge. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese de doutorado em Ciência Política, IESP-UERJ, 2015. P. 109

<sup>25</sup> AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002

Amaury Mercadante irá organizá-los em grupos: os que criticam por ser algo que apresenta um custo elevado sem necessidade, outros são contra pois é um alto investimento que poderia ter sido aplicado no Rio de Janeiro e, por último, um grupo que critica por criticar<sup>26</sup>. Para o ex-prefeito de São Paulo, Prestes Maia, por exemplo, ao invés de se construir uma nova capital, deveriam deslocar os esforços para criar “30 ou 40 pequenas cidades no interior”<sup>27</sup>.

As críticas também eram direcionadas a geografia do Planalto Central, pois o fato de ser uma região árida, com ausência de vegetação, o abastecimento seria feito através de altas distâncias, o que encareceria o transporte até Brasília, que no final seria repassado ao bolso do consumidor, tornando a qualidade de vida ainda mais cara.<sup>28</sup>. Os sentimentos contrários às mudanças revelavam um “ceticismo de se construir uma cidade no meio do nada” somados aos altíssimos investimentos e ao curto prazo, tendo o início e o fim das obras dentro de apenas um mandato, conforme avalia o sociólogo Brasilmar Ferreira Nunes<sup>29</sup>.

Como se já não houvesse combustível político para se criticar a nova capital, a nomenclatura Brasília será também questionada, por não se considerar o nome sério o suficiente para tamanha importância de uma capital federal<sup>30</sup>. Posição compartilhada pela escritora Rachel de Queiróz, ao sugerir Vera Cruz como um nome mais adequado, dizendo achar Brasília feio<sup>31</sup>. Em suas duras críticas à construção de Brasília, Carlos Lacerda denunciou a política estatal como charlatanismo e um falso patriotismo de modo que não havia como manter um otimismo diante do “descalabro financeiro”, onde se negava a gravidade dessa situação.<sup>32</sup> Chegando ao ponto de comparar o Brasil a uma pessoa que, mesmo já possuindo uma determinada idade, ainda era tratada como criança, pois, retardava-se a chegada do futuro, embora esse fosse iminente. Ou à escravidão que retardou a chegada de imigrantes e trabalhadores livres<sup>33</sup>.

---

<sup>26</sup> MERCADANTE, Amaury. *Brasília, a Cidade Menina. O Seminário*, Rio de Janeiro, 08 ago. 1957

<sup>27</sup> BRASÍLIA, *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1958

<sup>28</sup> GUIMARÃES, Mário. *A loucura de Brasília. Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 3 set. 1957

<sup>29</sup> NUNES, Brasilmar Ferreira. "Prefácio". In: OLIVEIRA, Márcio de. *Brasília: O mito na trajetória da nação*. Brasília: Paralelo 15, 2005. P. 14-15

<sup>30</sup> MENDEZ, Tito. *Brasília, não! O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1957. *Flagrante*

<sup>31</sup> QUEIROZ, Rachel de. *Raminho de Alecrim. O cruzeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1957

<sup>32</sup> LACERDA, Carlos. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 29 dez. 1958 *Otimismo: o Nosso e o da Gamorra*

<sup>33</sup> MOTTA, Marly Silva da. "Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estados". In: BOM MEIHY, José Carlos Sebe (org.). *(Re) introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996

Havia um desafio a ser resolvido, que juridicamente ainda não tinha solução, chegaram a pensar em criação de uma “cidade nacional do Rio de Janeiro”, devido a tamanha identificação entre Brasil e o Rio de Janeiro, pois conforme justifica o autor desse projeto, o deputado Munhoz da Rocha, a identificação entre ambas as partes, fez com que as grandezas do Rio, sejam as grandezas do Brasil, os problemas de um, seriam do outro, o que é sinônimo de um, se associaria ao outro<sup>34</sup>.

Essa mudança representava não apenas o deslocamento de funções administrativas burocráticas, como também a consolidação dos agentes de dominação do Estado. Calcado no binômio litoral x interior, o objetivo da transferência, se embasa, como argumenta Mária Bruna, numa questão de progresso da nação, modernidade, o advento de novos tempos para o país<sup>35</sup>. Segundo Lacerda, uma capital no interior seria incapaz de modernizar o país, chegando a dizer em tom de ironia que Brasília é uma vingança, pois JK não mereceu seu voto, e a mudança da capital poderia ter sido uma reação a uma suposta falta do seu apoio na eleição presidencial<sup>36</sup>.

A criação de Brasília provocou uma dualidade de sentimentos no Rio de Janeiro, pois ao mesmo tempo em que a cidade perdia seu status de capital federal, poderia a partir de agora reafirmar sua capitalidade cultural, como observada nas manifestações de políticos e personalidades no sentido de reafirmar a Guanabara como “vitrine do Brasil”<sup>37</sup>. Apoiadores de Lacerda, como Tenório Cavalcanti, recorrerão ao sentimento carioca para negar à transferência, pois, segundo o “homem da capa preta”<sup>38</sup>, o carioca nato ou de coração, por amor próprio, deve negar todo e qualquer apoio a essa insânia governamental<sup>39</sup>.

Do ponto de vista das elites locais, a criação da Guanabara foi considerada um momento chave por representar o anseio dessas elites cariocas na busca por uma autonomia política então inexistente na qualidade de distrito federal. Desde o final do século XIX, o Rio de Janeiro era tomado como um centro socializador da nação, mesmo

---

<sup>34</sup> LEITE, *Que será...* P. 605

<sup>35</sup> RIBEIRO. *A mudança da capital em debate...*

<sup>36</sup> *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 18 dez, 1957. Notas Políticas

<sup>37</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlo Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009. P. 9-10

<sup>38</sup> Tal apelido se originou do fato de Tenório andar com sua metralhadora, intitulada “Lurdinha”, junto com uma capa preta e uma cartola, se tornando através dessa imagem, um justiceiro na cidade de Duque de Caxias, era o juiz, o júri e o executor A respeito de maiores informações sobre Tenório Cavalcanti, consultar: GONÇALVES, J. L. M. *Coronelismo na Baixada Fluminense - A Figura Mítica de Tenório Cavalcanti (1954? 1964)*. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal - RN. *Coronelismo na Baixada Fluminense? A Figura Mítica de Tenório Cavalcanti (1954? 1964)*, 2013

<sup>39</sup> CAVALCANTI, Tenório. *De pé atrás, cariocas! Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1957



que para isso fosse necessária a desarticulação das elites locais, com o objetivo de evitar uma eventual participação política das massas regionais<sup>40</sup>. Como centro socializador, a cidade conquistou um novo *status* perante o restante do país, a de capital cultural brasileira<sup>41</sup>. Estatuto esse ampliado e fixado por ocasião da perda efetiva da condição de distrito federal com a transferência da capital para Brasília<sup>42</sup>.

Wolney Vianna Malafaia confirma esse sentimento de alívio com o deslocamento da capital para o centro-oeste, pois para Brasília se transferem também toda uma burocracia que causava incomodo aos intelectuais cariocas - memorialistas, cronistas, poetas. Para eles, sem esse peso político-jurídico, o Rio se fixaria apenas como a capital cultura do Brasil, o que já seria motivo suficiente de celebração.<sup>43</sup> De acordo com Cláudia Mesquita:

se por um lado, a criação de Brasília representou a perda do estatuto de capital federal para o Rio de Janeiro, por outro constituiu um momento-chave da reafirmação de sua capitalidade cultural, provocada pela mobilização de intelectuais e políticos nesse sentido, e em decorrência direta das ações empreendidas pelo governador Carlos Lacerda, voltadas para a reafirmação da vocação da Guanabara como ‘vitrine’ do Brasil<sup>44</sup>.

Marly da Silva Motta define *cidade-estado* como um ente possuidor tanto de independência política quanto econômica<sup>45</sup>. Segundo a autora, a existência da Guanabara foi um momento único em nossa história política, tendo a constituição estadual de 1961 estabelecido uma configuração ambígua, sendo ao mesmo tempo *cidade-capital* - garantindo uma manutenção de seu aspecto político e jurídico - e ao mesmo tempo, *cidade-estado*, para que fosse inserido dentro da federação, junto aos outros estados, podendo assim reforçar sua capitalidade simultaneamente a corroborar a sua estadualização<sup>46</sup>.

---

<sup>40</sup> MOTTA, M. Rio, *Cidade Capital*. Rio de Janeiro: JZE, 2004

<sup>41</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Rio de Janeiro: uma história na cidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. P. 11-12

<sup>42</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do Som (1960-1965)*. Rio de Janeiro: Folha Seca/Faperj, 2010.

<sup>43</sup> MESQUITA, Cláudia; VELASQUES, M. C. . A *?pequena MONTMARTRE? e a ?princesinha do mar?: Representações dos bairros da Lapa e de Copacabana nos anos de 1960*. *Revista do Instituto Histórico E Geográfico Do Rio De Janeiro*, v. 27, p. 09-236, 2020. P. 45

<sup>44</sup> MESQUITA. *Um Museu para a Guanabara...* P. 18.

<sup>45</sup> Para maior debate sobre este conceito ver: KORMIKIARI, M. C. “O conceito de ‘cidade’ no mundo antigo e seu significado para o norte da África berbere”. IN: Estudos Sobre A Cidade Antiga, M. B. Florenzano E E. Hirata (Orgs.). SÃO PAULO, EDUSP/FAPESP, 2009: 137-172).

<sup>46</sup> Para mais detalhes sobre essa discussão. Ver: MOTTA, Marly Silva da. *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2001. 16f

Na perspectiva de *cidade-capital* apresentada por Giulio Argan, o Rio de Janeiro, se constituiu como um lugar de política e de cultura, sendo um “núcleo da sociabilidade intelectual e da produção simbólica, representando, cada uma a sua maneira, o papel de foco da civilização, núcleo da modernidade, teatro do poder e *lugar de memória*”<sup>47</sup>. Conforme Clifford Geertz, uma *cidade-capital* carrega consigo uma carga ideológica<sup>48</sup>, de maneira que essa cidade expressaria uma normalidade perante as outras<sup>49</sup>, como complementa Marly Motta. Raoul Girardet irá de forma simbólica definir a *cidade-capital* como sendo o local na qual a unidade da pátria é assegurada.<sup>50</sup> Lefebvre por sua vez entende tal núcleo urbano como sendo:

produto de consumo de alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar. Assim, os antigos centros entram de modo mais completo na troca e no valor de troca, não sem continuar a ser valor de uso em razão dos espaços oferecidos para as atividades específicas<sup>51</sup>

Isso significa que o Rio de Janeiro é dotado de um poder de síntese e representação da nação brasileira, sendo essa característica única entre as cidades brasileiras e ao mesmo tempo o que a diferencia das outras regiões do país<sup>52</sup>. A capitalidade da cidade do Rio de Janeiro tem uma história de longa duração, cujas origens remontam a sua condição de sede da América portuguesa em 1763, sede do império colonial Português, com a vinda da família Real portuguesa em 1808, do Império Brasileiro - com a Independência em 1822 -, e capital da República, em 1889. Por ser o centro e cabeça de todo o corpo burocrático (administrativamente e juridicamente) e político brasileiro, o Rio de Janeiro se “acostumou”, ao longo de séculos, a receber os maiores investimentos, maiores transformações e adequações que uma “vitrine” para os olhos do exterior, principalmente Europa, poderia receber.

A fim de adaptá-la a sua condição de *cidade-capital* da República brasileira, o Rio passou por diferentes cirurgias urbanas no sentido de adequá-la aos novos tempos que exigiam a sua modernização, tal como ocorreu na gestão Pereira Passos (entre 1902 e 1906) e na de Carlos Lacerda (de 1960 a 1965). Como centro socializador, deveria manter o seu

---

<sup>47</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: ALERJ: 2001.

<sup>48</sup> GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, P. 178

<sup>49</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Cabeça da nação, teatro do poder: a cidade capital como objeto de investigação histórica*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993.

<sup>50</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo. Companhia das letras. 1987.

<sup>51</sup> LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001 P. 12

<sup>52</sup> MOTTA, Marly Silva da. *O Rio de Janeiro continua sendo?* Rio de Janeiro, CPDOC, 2000. P. 2

papel de vanguarda social e cultural brasileira. Assim, essas acelerações da organização espacial da cidade atenderam às demandas exigidas pelas elites políticas que exerciam o poder não apenas no Rio de Janeiro, mas também no Brasil.

Para Giulio Argan, nos moldes capitalistas, o urbanismo é um mecanismo hierarquizante, seja politicamente, economicamente e/ou socialmente<sup>53</sup>. Segundo Manuel Castells, é através da urbanização que temos a difusão de valores, comportamentos urbanos sob a ótica social industrial burguesa<sup>54</sup>, que irá se somar à visão de Françoise Choay, sobre a importância do discurso médico sanitário como justificativa para inúmeras obras urbanísticas ocorridas a partir do século XVII na Europa<sup>55</sup>, processo observado na cidade do Rio de Janeiro, por orientação do médico sanitarista Oswaldo Cruz, em princípios do século XX.

Maurício de Abreu ressalta a dialética relação centro x periferia através do alto grau de estratificação social da cidade do Rio de Janeiro construído ao longo do tempo. Abreu inicia sua discussão argumentando que o Rio foi um modelo de urbanização para o restante do Brasil, devido ao fato de ter sido capital por cerca de 200 anos e até a década de 1950, a cidade mais populosa do país<sup>56</sup>. O modelo adotado tende a concentrar os investimentos, não apenas enquanto estado da Guanabara, mas também os investimentos dos municípios do entorno, do estado do Rio de Janeiro. Investimentos esses oriundos tanto do governo federal quanto do governo estadual, que foram maiores para o estado da Guanabara, aumentando assim a concentração de renda existente na região<sup>57</sup>.

Essa concentração acabou por influenciar, segundo Abreu, a própria diferença entre o antigo distrito federal e o estado fluminense, fazendo com que muitas pessoas buscassem se deslocar até as cidades do entorno da capital federal - a região da baixada fluminense -, com o objetivo de encontrar ali melhores condições de vida. O movimento migratório foi tão forte, que determinados municípios cresceram a níveis populacionais, cerca de 140%, ou seja, tiveram sua população multiplicada em duas vezes e meia.

O processo de formação da cidade do Rio de Janeiro se deu através de pressupostos opostos aos modelos existentes nos Estados Unidos, onde os centros econômicos,

---

<sup>53</sup> ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1992

<sup>54</sup> CASTELLS, Manuel. *La cuestión urbana*. Madri, Siglo Veintiuno, 1978

<sup>55</sup> CHOAY, Françoise. *A Regra e o Modelo: sobre a teoria da arquitetura e urbanismo*. Título original em francês: *La règle et le modèle – Sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme* [1980]. Tradução Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 333p. (Coleção Estudos, 88)

<sup>56</sup> ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IpanRio / Zahar, 1988. P. 13-33.

<sup>57</sup> ABREU. *Evolução Urbana...*

comerciais e financeiros são ocupados por moradias de populações pobres, enquanto as classes mais favorecidas, moram afastadas desses centros. De um modo geral, nos centros urbanos brasileiros temos um modelo em que as classes mais favorecidas e bairros mais nobres se situam próximos ao centro, enquanto que a população pobre e operária se encontra em periferias distantes, de difícil e demorado acesso. Abreu irá argumentar que isso ocorre devido a um longo processo histórico que foi acentuado com o advento da dita “civilização do automóvel”<sup>58</sup>.

A gestão de Carlos Lacerda foi uma expressão local dessa civilização do automóvel citada por Maurício Abreu, retratada pelo Plano Doxiadis<sup>59</sup>. Esse plano diretor da cidade traçaria os caminhos a serem tomados até os anos 2000, com o auxílio da Comissão Executiva para o Desenvolvimento Urbano do Estado da Guanabara (Cedug), cujas ações envolveriam áreas de habitação, saúde, estrutura econômica, infraestrutura e as barreiras topográficas, dentre outros. A ideia era descentralizar a economia com a criação de novos centros comerciais capazes de melhorar os transportes, trabalho e lazer<sup>60</sup>.

O mito de “cidade-maravilhosa” também alimenta o imaginário sobre a cidade do Rio de Janeiro, retomado por Carlos Lacerda na concepção simbólica da Guanabara. Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro problematiza essa questão, apontando como tal apelido foi trabalhado no imaginário popular, entre 1949 e 1954, de forma constante, apresentando-a como um ótimo local para se viver. Para o autor, embora essa primeira imagem possa apresentar o Rio como um lugar dotado de fluidez, livre de contratempos, existiam problemas crônicos a serem resolvidos, como os decorrentes das chuvas, ao mesmo tempo em que ocorriam falta de água em diversas regiões da cidade, como a interrupção constante de energia elétrica<sup>61</sup>.

O mito de “cidade maravilhosa” foi tão forte que a marcha foi escolhida como Hino Oficial<sup>62</sup>, pelo então governador Sette Câmara, através da Lei n.5, de 25 de maio de 1960. Embora essa decisão não tenha sido unânime, pois a mesma era considerada profana, devido a sua origem ser carnavalesca, mas a escolha por esse tema seria pelo

---

<sup>58</sup> ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IpanRio / Zahar, 1988. P. 13-33.

<sup>59</sup> PEREZ, Maurício Domínguez. *Lacerda na Guanabara: a reconstrução do Rio de Janeiro nos anos 1960*. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007.

<sup>60</sup> PEREZ, *Lacerda na Guanabara...*

<sup>61</sup> RIBEIRO, Jayme Lúcio Fernandes. *O Rio de Janeiro e o Imprensa Popular: imaginário social carioca nas páginas do jornal (1949-1954)*. In: XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

<sup>62</sup> Composta por André Filho e lançada em 1934, obtendo sucesso dos carnavais, 2 anos depois, embora sua titulação (Cidade Maravilhosa) já fosse utilizada desde 1908

fato da cidade ser considerada charmosa, “sedutora e capaz de despertar paixões”, segundo palavras de Álvaro Moreyra.<sup>63</sup> Lacerda ainda fará a compra dos direitos autorais da música em 1965<sup>64</sup>, mas a polêmica ainda não se dava por terminada, em 1967 houve uma proposta em defesa da mudança de hino, para um mais tradicional, o que não se consolidou.<sup>65</sup>

O governo de Carlos Lacerda notabilizou-se na resolução dessas mazelas que assolavam, por décadas, a cidade do Rio de Janeiro. A inauguração da Adutora do Rio Guandu, com o objetivo eliminar o problema da falta de água na cidade - com um déficit de milhões de litros de água diariamente -, foi um feito emblemático da sua gestão<sup>66</sup>. Lacerda também realizou inúmeros aterros, em prol do saneamento. Lagoas e mangues foram aterrados, rios canalizados, alterando inclusive as margens da Baía de Guanabara. Não à toa Lacerda ficou conhecido como um “tocador de obras”, pois o aumento dos impostos e os dólares advindos da Aliança para o Progresso permitiram a construção de túneis e viadutos (Rebouças e Santa Bárbara), parques (Parque do Flamengo)<sup>67</sup>, e instituições culturais, como a Sala Cecília Meireles, o Museu da Imagem e do Som, além do Parque Lage, para citar alguns exemplos.

Utilizamos o já clássico conceito de *lugar de memória* proposto por Pierre Nora, para tratarmos do patrimônio material e imaterial construído por Carlos Lacerda, e em sua gestão. Para Nora, a criação de *lugares de memória* se faz necessária quando não há mais meios de memória, pois “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares”<sup>68</sup>. Os *lugares de memória*, como nos chama a atenção Giane Maria de Souza, seguem “as prerrogativas ideológicas ou culturais de quem o comandou ou coordenou sua invenção”<sup>69</sup>. Paul Ricoeur sublinha ainda que a memória é objeto da

---

<sup>63</sup> MOREYRA, Álvaro. *A Cidade Mulher*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1991

<sup>64</sup> XAVIER, P. O. *Cidade Maravilhosa: Imaginário, mito e identidade*. 2017. 274 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Disponível em:

<<http://objdig.ufrj.br/42/teses/859369.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2021 P. 137

<sup>65</sup> XAVIER. *Cidade Maravilhosa*: P.136

<sup>66</sup> PASSOS, C. E. L. *Consumo de água e tarifa social em áreas de baixa renda: Estudo de caso das Comunidades de Santa Marta, Complexo do Borel/Casa Branca e Complexo da Mangueira, Rio de Janeiro, RJ*. (Mestrado em Engenharia Ambiental). Controle da Poluição Urbana e Industrial. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2010. Pág. 61

<sup>67</sup> MOTTA, Marly Silva da. Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado. *Nossa História*. Rio de Janeiro, nº19, maio, 2005. P 25-75

<sup>68</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993. P. 8-9

<sup>69</sup> SOUZA, Giane Maria de. *Encontros com a memória: uma experiência de educação em patrimônio histórico*, In. – Org. PAIVA, Odair da Cruz, LEAL, Elizabete. *Patrimônio e História*, Londrina, Ed. Unifil, 2014. P. 51

ideologia, pois “contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação”<sup>70</sup>, sendo impossível, por essa razão, separar o “arquiteto memorialista” Carlos Lacerda, do Lacerda “demolidor de presidentes”<sup>71</sup>.

Michael Pollak toma a memória como algo indissociável da organização social,<sup>72</sup> sendo seletiva, pois não ocorrem gravações e registro de tudo o que acontece.<sup>73</sup> Embora ela também se beneficie da memória de outras pessoas, pois além do testemunho de terceiros, elas necessitam concordar entre si, havendo também pontos de contatos entre essas memórias e assim as lembranças podem ser construídas em uma base comum. Essa disputa memorialista é inserida também através do enquadramento da memória, onde de acordo com o autor é abastecida pela história, sendo por ela interpretada e combinada mediante a preocupação de “manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”<sup>74</sup>

Lucília Delgado ao fazer uma relação entre memória e história, enxerga a memória como retentora do tempo, tendo uma relação dinâmica com a identidade, dentro de uma vida em sociedade.<sup>75</sup> Podemos então, compreender a memória através da forma de como o passado é visto e também como foi construída em um determinado período, a reinterpretando de inúmeras possibilidades, de acordo com quem irá interpretá-las, em qual momento isso será feito. Cabe também compreender memória coletiva atrelada à noção de identidade, pois irá influenciar o que está inserido nessa memória, sendo estável e coerente<sup>76</sup>, entendido por Lévi-Strauss, como uma “espécie de lar virtual ao qual nos é indispensável referirmo-nos para explicar um certo número de coisas, sem que jamais ele tenha existência real”<sup>77</sup>. Na perspectiva de Michel Foucault, a identidade é entendida como produção de poder<sup>78</sup>.

---

<sup>70</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp. 2007. P.98.

<sup>71</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado*. Nossa História. Rio de Janeiro, nº19, p.72-25, maio, 2005. P. 1

<sup>72</sup> POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acessado em 04/09/2021.

<sup>73</sup> POLLAK. *Memória...*P. 4

<sup>74</sup> POLLAK. *Memória...*

<sup>75</sup> DELGADO, Lucília. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.P. 45

<sup>76</sup> PERALTA, Elsa, “*Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica*”, in Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória, N.º 2 (nova série), Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007. Pág. 3

<sup>77</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. P.55

<sup>78</sup> FOUCAULT, Michel. In: SANTOS, José Reginaldo. *O mal-estar do patrimônio: identidade, tempo e destruição*. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol. 28, no 55, janeiro-junho 2015. P. 213

Desse modo, o discurso lacerdista converte-se em *lugar de memória*, na medida em que Lacerda, ao citar em seus pronunciamentos fatos, eventos e personagens históricos, nada mais faz do que recompor esse passado<sup>79</sup>, sobretudo em função das comemorações do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, com vistas ao fortalecimento do seu poder político. Nessa efeméride, Lacerda inaugura diversos monumentos e Museus, entre eles, o MIS (Museu da Imagem e do Som)<sup>80</sup>, responsáveis pela perpetuação da memória e da história da cidade do Rio de Janeiro, deixando nítidas as fronteiras socioculturais da Guanabara em relação aos outros estados da federação.

Joel Candau define a memória como algo relacionado a identidade, pois esta foi sendo construída a partir de um passado comum<sup>81</sup>. Tal referência ao passado, tem por objetivo, a manutenção da coesão de grupos e instituições integrantes de uma sociedade, e da qual ele faz parte como afirma Michel Pollak<sup>82</sup>, pois o que está em jogo dentro da memória é uma questão de identidades, seja ela individual ou de grupos<sup>83</sup>. Nesse contexto, Brasília configura-se como elemento antagônico de construção identitária carioca empreendida por Lacerda<sup>84</sup>, nessa mediação entre passado de *cidade-capital* e o presente de *cidade-estado* da Guanabara.

De acordo com Pierre Nora, a memória também constrói raízes nos espaços<sup>85</sup>, ela se localiza dentro do tecido urbano, pois transforma esses espaços em locais únicos, sendo possuidores de apelo afetivo, tanto para quem reside nesses lugares, quanto para quem os visitam.<sup>86</sup> Para Sandra Pesavento, a memória está intrinsecamente associada a ideia de cidade, pois é através dela que se “atribui significados aos lugares”, por meio de tradições, na medida em que, ela, ao inventar o seu passado lhe atribui origens e imaginários<sup>87</sup>. Desse modo, na qualidade de “arquiteto memorialista” nos interessa investigar a atuação de Carlos Lacerda na construção da *cidade-estado* da Guanabara do ponto de vista simbólico, a partir

---

<sup>79</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. P.14

<sup>80</sup> Mesquita, Claudia, *Um Museu para a Guanabara: Carlo Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009.

<sup>81</sup> CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2013. P. 60

<sup>82</sup> POLLAK, Michael. “*Memória, esquecimento, silêncio*”. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989. Pág. 3-15

<sup>83</sup> POLLAK, *Memória...*

<sup>84</sup> POLLAK, *Memória...*: P. 3

<sup>85</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993. P. 8-9

<sup>86</sup> NORA. *Entre memória...* P. 77

<sup>87</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n° 53, p. 11-23, 2007. P. 16

da sua particular leitura da história da cidade e conseqüente investimento na edificação de patrimônios materiais e imateriais.

Propomos, nesse trabalho, dialogar com diferentes dimensões de *lugar de memória*, como sugere Pierre Nora, com destaque para discursos políticos de Carlos Lacerda, e o patrimônio cultural por ele inaugurado na cidade do Rio de Janeiro. Queremos observar, o viés ideológico desses pronunciamentos materializados nos *lugares de memória* da Guanabara, reconhecidos como patrimônios culturais e históricos da cidade do Rio de Janeiro.

Sob a abordagem de uma história cultural, tal qual proposta por Roger Chartier, trabalharemos também com o conceito de representação quando nos referirmos aos discursos políticos de Carlos Lacerda e o patrimônio cultural e histórico por ele criado. A representação não é neutra e tampouco objetiva, ela é construída e trabalhada a partir de interesses, em outras palavras, é a maneira pela qual os homens erguem intelectualmente suas realidades, seus mundos e a partir disso, tem-se outra característica, ela não é universal, assim, a representação nada mais é do que a forma como os homens constroem a sociedade, atribuindo sentidos e significados.<sup>88</sup> Assim como Roger Chartier a insere em “um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”.<sup>89</sup> Conforme Gilmar Arruda, como “representações produzidas como resultado de uma experiência concreta e de desejos existentes sobre um determinado espaço geográfico”<sup>90</sup>.

Sobre a patrimonialização, extremamente utilizada por Carlos Lacerda em sua gestão, tem por conceito, “uma ação que tem como finalidade fomentar o desenvolvimento através da valorização, revitalização de uma determinada cultura e do seu patrimônio cultural”<sup>91</sup>. Ademais,

(...) a patrimonialização devem ser consideradas como uma operação de produção de acontecimentos, práticas ou dispositivos culturais singulares, permitindo a transmissão ao longo do tempo de objetos e/ou de práticas acompanhadas de suas significações sociais, ou seja, de saberes, de experiências e de valores. Tais práticas ou tais dispositivos

---

<sup>88</sup> CHARTIER, Roger. “*O mundo como representação*”. Estudos Avançados, São Paulo: USP, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.

<sup>89</sup> PESAVENTO, Cidades visíveis...

<sup>90</sup> ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre história e a memória*. Bauru: Edusc, 2000. P. 41

<sup>91</sup> SILVA, V. R. F. *Patrimônio, Memória e Mercadoria: uma reconstrução arquitetônica em Ouro Preto, Minas Gerais*. Pelotas: 2011. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). In: SILVA, S. S. . *Patrimonialização e Desenvolvimento*. In: II CODE - Conferência do Desenvolvimento, 2011, Brasília - DF. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos IPEA e Associações de Pós-graduação em Ciências Humanas, 2011.



são forçosamente híbridos, estratificados e autorreferenciais (no sentido em que eles significam as operações que efetuam)<sup>92</sup>

Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, afirma que um discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar”<sup>93</sup>. Assim, como procedimento metodológico, fizemos uma análise comparativa entre o que é dito por Lacerda em seus discursos políticos, em seus respectivos contextos, e o que de fato ele construiu em sua gestão.

Os discursos políticos de Lacerda, por nós selecionadas, foram os proferidos em sua campanha ao governo do estado da Guanabara, em 1960, se estendendo até 1965, quando Lacerda encerra seu mandato no executivo estadual. Ao todo selecionamos discursos que abrangem desde o seu primeiro ano como governador do estado da Guanabara ao seu último ano no cargo, encontrados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, publicados nos jornais *a Tribuna da Imprensa* e *Jornal do Brasil*, além do livro “*Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*”<sup>94</sup>, sendo este referente ao discurso proferido na inauguração do MIS (Museu da Imagem e do Som) em 1965.

Conhecer aspectos da trajetória de Carlos Lacerda é importante para melhor entendermos o perfil da pessoa que esteve à frente do estado da Guanabara ao longo de 05 (cinco) anos e empreendeu uma ampla construção de memória, de interpretação de passado e projeção de futuro dentro desse novo Estado. Importante analisarmos a trajetória dessa figura emblemática de nossa história política republicana e, particularmente, da história da cidade do Rio de Janeiro, fugindo à tentação biográfica, como nos chamou a atenção Pierre Bourdieu, na medida em que, segundo o autor, “não são poucas as armadilhas que a espreitam: a paixão pelo biografado produz julgamentos passionais”<sup>95</sup>, dotando assim os acontecimentos de significados e direção<sup>96</sup>. Portanto, trabalharemos com a noção de trajetória proposta por Bourdieu, compreendida como

---

<sup>92</sup> DAVALLON, Jean. “*Memória e patrimônio: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização*”. In: TARDY, C.; DODEBEI, V. (orgs.). *Memória e novos patrimônios*. Marseille: OpenEdition Press, 2015.

<sup>93</sup> FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996 P. 10

<sup>94</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

<sup>95</sup> Sem autoria. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 1, n. 8, fev/mar 2006, P.94.

<sup>96</sup> BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, P. 185

“série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”<sup>97</sup>.

Para nossos objetivos, o ponto da trajetória de Carlos Lacerda que mais nos interessa, é o seu trabalho como produtor simbólico da cidade do Rio de Janeiro, para além de grande personagem da política brasileira no século XX e um dos mais importantes oradores que já tivemos nas últimas décadas.

Os *lugares de memória* por nós destacados nesse trabalho, incluem: o Palácio Tiradentes, por se tratar de um lugar de poder do parlamento brasileiro, e de onde Carlos Lacerda profere o seu discurso de inauguração do novo estado, sede da Assembleia Legislativa da Guanabara, entre 1960 até 1963<sup>98</sup>.

O Parque do Flamengo, oficialmente Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, é um *lugar de memória* emblemático da Guanabara. Inaugurado em 1965, junto aos festejos do IV centenário da cidade<sup>99</sup>, foi imediatamente tombado a nível federal, numa busca de Carlos Lacerda para consolidá-lo como um dos mais importantes espaços de lazer e cultural da região metropolitana<sup>100</sup>, que vêm acompanhado do Palácio Tiradentes, o Museu da Imagem e do Som (MIS), do Parque Lage, Museu do Primeiro Reinado, além da Sala Cecília Meireles, da Escola Superior de Design Industrial (ESDI) e do símbolo do IV centenário.

Para tratarmos das questões acima propostas, essa dissertação divide-se em três capítulos. No capítulo I, apresentaremos a trajetória de Carlos Lacerda enquanto arquiteto memorialista do Rio de Janeiro, abordando aspectos de sua trajetória como político e jornalista. No capítulo II, trabalharemos o estado da Guanabara especificamente, sua configuração dentro da federação. Nesse capítulo trabalharemos a análise de discurso de Carlos Lacerda, selecionadas como fontes privilegiadas dessa dissertação. No capítulo III, abordaremos as heranças e memórias da Guanabara deixadas por Carlos Lacerda e seu governo que de maneiras interligadas umas às outras ainda se fazem presente em

---

<sup>97</sup> BOURDIEU. *A ilusão...*

<sup>98</sup> LIBORIO, D. S.. *Tríades Republicanas: a experiência de elaboração de uma exposição sobre os usos públicos do passado republicano brasileiro no Palácio Tiradentes*. Revista de História da UEG, v. 10, 2021, P. 1-25,

<sup>99</sup> CHUVA, MÁRCIA REGINA ROMEIRO. *Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio*. An. mus. paul., São Paulo, v. 25, n. 3, p. 139-166, Sept. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142017000300139&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142017000300139&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 01 Julho 2020.

<sup>100</sup> MENEZES, M. L. P. *O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos*. Biblio 3W. v. 22. 2017 P. 2

nossos dias, tais como o Museu da Imagem e do Som (MIS) e outros locais de memória que ainda são atuantes mesmo após décadas da fusão com o estado do Rio de Janeiro.

## Capítulo I – Carlos Lacerda, pontos importantes de sua trajetória

Carlos Frederico Werneck Lacerda nasceu no Rio de Janeiro em 30 de abril de 1914, filho de Olga Caminhoá Werneck e de Mauricio Paiva de Lacerda, deputado Federal e Ministro da Indústria durante a presidência de Prudente de Moraes, ministro do Superior Tribunal Federal (STF) em 1912, irmão de Maurício de Lacerda Filho, de Vera Werneck de Lacerda e de Maurício Caminhoá de Lacerda. Era neto de Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, também ex-deputado federal e ex-ministro da indústria<sup>101</sup>. O posicionamento político à esquerda de seu pai, serviu de inspiração para seu nome. Carlos Frederico, é a união dos nomes de Karl Marx e Friedrich Engels.

A relação de Lacerda com seus pais envolvia ambiguidades. Admirava o pai como um homem fascinante, belo, um gigante na terra, em oposição a sua baixa estatura<sup>102</sup>, alguém que possuía preocupações com questões sociais. Apesar da admiração, renegava a presença paterna, prova disso eram as cartas enviadas a sua mãe, na qual Lacerda não assinava com seu sobrenome paterno e se recusara a seguir a profissão de seu pai, já que esta era motivo de desgosto perante a família. Pretendia se tornar engenheiro-agrônomo, e considerava a política a razão pela qual seu pai se perdera<sup>103</sup>.

Pelo lado materno, é bisneto de Joaquim Monteiro Caminhoá (membro do Conselho do Imperador Dom Pedro II), trineto do Barão de Ribeirão (importante cafeicultor da região de Vassouras, cidade em que nasceu Carlos Lacerda).<sup>104</sup> Mais ainda, seus pais eram primos, descendentes do primeiro sesmeiro de Vassouras, Francisco de Rodrigues Alves. Recuando ainda mais a sua genealogia, encontra-se ascendência nos Reis de Castela e de Leão, além de Reis franceses<sup>105</sup>.

Carlos Lacerda iniciou seus estudos na escola pública José de Alencar, seguindo para Liceu Francês no ginásio, mais tarde se transferiu para Internato Pio-Americano,

---

<sup>101</sup> FGV-CPDOC. *E ele voltou... o Brasil no segundo governo Vargas: Carlos Lacerda*. Ver [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos\\_lacerda](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos_lacerda). Acessado em 06/08/2020.

<sup>102</sup> LACERDA, Cláudio. Lacerda..., cap. 2. *Fatos e Fotos*, n. 1.143, 18/7/1983 apud MENDONÇA, Marina Gusmão de. op. cit., 2002, P.26.

<sup>103</sup> LACERDA, Carlos. Rosas..., n.1. *Manchete*, n. 2258, 15/7/1995 apud MENDONÇA, Marina Gusmão de. op. cit., 2002. P. 25.

<sup>104</sup> DULLES, John WF (2000), *Carlos Lacerda – A Vida de um Lutador*, 1 – 1914–1960, Rio de Janeiro: Nova Fronteira

<sup>105</sup> FORJAZ, Jorge (2007), *Genealogias da Ilha Terceira*, 7, Lisboa, P. 461.

concluindo em uma outra escola no Rio de Janeiro. Ainda nos tempos em que estudava no José de Alencar, chegou a levar uma cópia de um manifesto revolucionário, de autoria de Isidoro Dias Lopes para a sala de aula, tendo lido alguns trechos durante uma aula. A oportunidade de ser ouvido, o fascinara desde essa época, sendo estimulado pela professora, que não o interrompeu em sua fala<sup>106</sup>.

Lacerda era uma pessoa de seu tempo, como muitos que nesse período viam na imprensa um meio de se alcançar a política. Daí a necessidade de se compreender a importância da imprensa e sua relação com a história. É preciso entender o que a imprensa representa como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, atuando como força dirigente ou orientadora, podendo se equiparar, ou mesmo ultrapassar, as funções desempenhadas pelos partidos políticos<sup>107</sup>.

A imprensa no Brasil, que na verdade se originou na Inglaterra, surgiu ainda durante o período colonial em 1808 com o periódico *O Correio Braziliense* que atravessava o Atlântico para circular por essas terras. Porém no mesmo ano de sua fundação, a Família Real portuguesa chega na América Portuguesa fugindo das guerras napoleônicas, com isso a quantidade de jornais em circulação aumenta de forma brusca, sem precedentes, muito devido à criação da Imprensa Régia que imprimiu vários desses novos periódicos<sup>108</sup>. O fato da imprensa no Brasil ter surgido quase que simultaneamente ao fim da nossa configuração colonial, nos mostra que tanto a imprensa quanto o Brasil se desenvolveram juntos, de mãos dadas, um acompanhando o crescimento do outro, se misturando. Ficando a imprensa atrelada à história política, social e econômica brasileira<sup>109</sup>.

Antes de tudo, a imprensa no Brasil deve ser compreendida como “objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado”<sup>110</sup> e somado a isso, ela também é um importantíssimo instrumento eleitoral ao divulgar candidatos, construir suas imagens,

---

<sup>106</sup> DULLES, John WF. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

<sup>107</sup> CAPELATO, Maria Helena. *Populismo na imprensa: UH e NP*. In: MELO, José Marques de (org.). *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981. p. 118; FARO, J. S. *A comunicação populista no Brasil: o DIP e a SECOM*. In: MELO, José Marques de (org.). In: Sosa, D. A.C. *Imprensa e História*. Biblos (Rio Grande), v. 19, 2006. P. 109-125

<sup>108</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>109</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>110</sup> MARTINS, LUCA. *História da imprensa...*

mostrando assim que é uma peça fundamental dentro do jogo político<sup>111</sup>. Fato observado nas ações de Carlos Lacerda através de seu periódico, em um processo de autopromoção e de desmonte das imagens presidenciais de seus oponentes em que ele se aproveita das informações contidas ali para manipular “o consciente coletivo de uma população”<sup>112</sup>.

Ainda sobre a sua carreira jornalística, Lacerda quebra uma promessa feita a sua mãe, de não ser influenciado pela profissão de seu pai, alegando para isso uma certa falta de aptidão para exercer qualquer outra profissão<sup>113</sup>. Iniciou na carreira jornalística pouco antes da Revolução de 1930, quando ingressou no *Diário de Notícias*, tendo sido articulista em uma seção que tinha Cecília Meireles como responsável, em 1931, publicando, nesse mesmo jornal, seu primeiro artigo.

Já em 1932, publica um artigo no semanário *para todos* em conjunto com Fernando Correia Dias, reforçando suas ligações com as classes artísticas e intelectuais<sup>114</sup>. Ainda nesse mesmo ano, chega a ingressar na Universidade do Rio de Janeiro para cursar Direito, porém, abandona o curso dois anos mais tarde<sup>115</sup>. Após esse período, Lacerda irá simultaneamente trabalhar para Assis Chateaubriand na redação de *O Jornal*, pertencente ao grupo Diários Associados, e também para a revista de esquerda *Diretrizes*, então pertencente a Samuel Wainer, futuro adversário político<sup>116</sup>.

Samuel Wainer foi um jornalista nascido em São Paulo em 1910, filho de pais imigrantes do leste europeu. Iniciou seus estudos no Colégio Pedro II do Rio de Janeiro, de onde saiu para cursar faculdade de Farmácia, mas sem chegar a exercer profissionalmente, já que ainda na graduação teve seus primeiros contatos com o jornalismo quando trabalhou no *Diário de Notícias* como repórter.<sup>117</sup> Tendo ainda passado pela *Revista Brasileira* e pela *Revista Contemporânea*, passou a ganhar destaque logo após o Estado Novo, quando fundou uma revista que abordava política, economia e cultura, denominado *Diretrizes* e que fazia oposição à ditadura de Getúlio Vargas.

---

<sup>111</sup> AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana. *Imprensa: fonte de estudo para construção e reconstrução da história*. X Encontro Estadual de História. Santa Maria, Rio Grande do Sul. 26 a 30 de junho de 2010.

<sup>112</sup> AGUIAR. *Imprensa: fonte de estudo para construção...*

<sup>113</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. P.28

<sup>114</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão de. *A Tribuna da Imprensa e os interesses liberal-conservadores no Brasil*. In: COOREA, Maria Letícia; CHAVES, Monica Piccolo Almeida; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. (Org.). *História econômica e imprensa*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, v. 1, P. 138

<sup>115</sup> FGV-CPDOC. *E ele voltou... o Brasil no segundo governo Vargas*: Carlos Lacerda. Ver [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos\\_lacerda](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos_lacerda). Acessado em 17/08/2020.

<sup>116</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes*. 1. ed. São Paulo: Códex, 2002. v. 1. 1p. In: COOREA, Maria Letícia; CHAVES, Monica Piccolo Almeida; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. (Org.). *História econômica e imprensa*. 1ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, v. 1, P. 139

<sup>117</sup> Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/wainer-samuel>>Acesso em: 12/04/2022.

Chegou ainda a trabalhar como correspondente no julgamento de Nuremberg, que condenou alemães nazistas. Wainer era o único latino-americano presente na ocasião.<sup>118</sup>

Após o fim do primeiro governo de Vargas, durante a presidência de Eurico Gaspar Dutra, Wainer conseguiu uma exclusiva entrevista com o ex-presidente, que foi publicada pelos Diários Associados, gerando uma repercussão que transformaria sua carreira, pois após Vargas ser eleito presidente, desejou um jornal que defendesse suas ideias, mas que não fosse propriamente do governo, para isso pensou no jornalista para colocar em prática esse pensamento. Wainer então consegue o financiamento para adquirir um parque gráfico, nascendo nesse momento o jornal *Última Hora*. O jornal de Wainer foi alvo de uma campanha difamatória liderada por ninguém menos que Carlos Lacerda. Tal oposição se deu por Lacerda considerar o periódico favorecido em operações com o Banco do Brasil, campanha que chegou ao ápice com a abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) em 1953. Tal comissão não impediu de Wainer ampliar sua rede de influência<sup>119</sup>.

Lacerda se utilizava da mídia para proferir ataques a Wainer, chegando a acusá-lo de ser estrangeiro, o que seria um crime, já que a lei não permitia que alguém nascido no exterior fosse proprietário de um órgão de mídia no Brasil. Denunciara ainda que a certidão de nascimento de Wainer havia sido adulterada, caracterizando também falsidade ideológica.

Assim como seu pai e avô, por algum tempo Lacerda irá compartilhar da ideologia comunista, tendo recebido de um tio, uma cópia do livro o *ABC do comunismo* de autoria de Nikolai Bukharin<sup>120</sup>. Porém, veio a romper com o comunismo em 1939, após ser convidado a escrever uma reportagem durante as comemorações do primeiro aniversário do Estado Novo, em 1938, financiado pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), divulgada durante a exposição no Observatório Econômico e Financeiro e publicada em edições posteriores da revista. Lacerda se utilizaria de seu conhecimento entre os militantes comunistas para conseguir as informações que precisava para a sua escrita, já que os comunistas tinham grande intimidade com o jornalista, devido ao seu

---

<sup>118</sup> Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930

<sup>119</sup> Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930

<sup>120</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes*. 1. ed. São Paulo: Códex, 2002. v. 1. 1p . In: COOREA, Maria Letícia; CHAVES, Monica Piccolo Almeida; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. (Org.). *História econômica e imprensa*. 1ed.Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, v. 1, P. 36

histórico familiar, muitas dessas informações foram encontradas nos depoimentos dos réus do levante comunista de 1935 prestados ao Tribunal de Segurança Nacional<sup>121</sup>.

De modo que seu artigo, intitulado “A exposição anticomunista”, tecia uma grande crítica não apenas ao Partido Comunista, mas também ao Movimento Comunista Internacional<sup>122</sup>. Lacerda incluiu Luís Carlos Prestes em suas críticas e dirá que a Aliança Nacional Libertadora (ANL) havia sido criada através de informações confidenciais da “Legação Soviética em Montevideú”<sup>123</sup>. Após o lançamento do artigo, Lacerda foi expulso do PCB, já que revelara dados dos membros do partido<sup>124</sup>, desrespeitado não só à doutrina, mas também aos ideólogos marxistas. Porém, os dados e nomes presentes em tal artigo já eram de conhecimento da Polícia do Estado Novo, não sendo nada de novo até então<sup>125</sup>. Sua expulsão o fez se considerar órfão, já que o PCB era como uma mãe, que havia sido morta para ele<sup>126</sup>.

Mesmo que as razões fossem contestadas por ambos os lados, houve um prejuízo a imagem do partido, atingindo valores marxistas e seus líderes exatamente quando o governo atacava ferozmente os comunistas<sup>127</sup>. Lacerda sofrera duros golpes em razão do artigo, após a sua publicação o PCB passou a acusa-lo de traidor e de ser trotskista, o que acabou por levá-lo a prisão, além de ser condenado ao ostracismo. Essa situação acarretou uma grave crise financeira, no momento em que nascera seu filho, e os trabalhos como jornalista se reduziam <sup>128</sup>.

Carlos Lacerda pedira a Fernando de Lacerda ajuda para retornar ao PCB, em contrapartida, deveria elaborar um artigo em defesa dos comunistas, onde estes deveriam esquecer as diferenças com Getúlio Vargas e apoiá-lo. Tal artigo, denominado *Os intelectuais e a união nacional*, não obteve sucesso, pois sua publicação foi negada por Samuel Wainer. Tal artigo acabou publicado por uma revista de menor circulação, a

---

<sup>121</sup> MENDONÇA, *O demolidor...*

<sup>122</sup> A EXPOSIÇÃO anticomunista. *O Observador Econômico e Financeiro*, v. 3, n. 36, janeiro de 1939, P.124-152 In: MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes*. 1. ed. São Paulo: Códex, 2002. v. 1. 1p. In: COOREA, Maria Letícia; CHAVES, Monica Piccolo Almeida; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. (Org.). *História econômica e imprensa*. 1ed.Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, v. 1, P. 139

<sup>123</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda contra Wainer: o corvo e o bessarabiano*, 1992, P.39.

<sup>124</sup> LAURENZA, *Lacerda contra Wainer...*, P. 39

<sup>125</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão. *O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002.

<sup>126</sup> WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003., P. 65-66

<sup>127</sup> WAINER, *Minha razão...*

<sup>128</sup> WAINER, *Minha razão...*



*Revista Acadêmica*, porém não surtiu o efeito desejado por Lacerda, pois o mesmo não conseguiu retornar ao PCB<sup>129</sup>.

Em 1949, Lacerda funda a *Tribuna da Imprensa*, jornal em que ele publicará suas críticas mais ácidas, principalmente direcionadas a Vargas, tecendo reprovações ao seu populismo e ao intervencionismo estatal, que em sua visão contaminavam a democracia brasileira, transformando-a em falsa e viciada<sup>130</sup>. A antinacionalista e antipopular<sup>131</sup>, cujo objetivo era derrubar os adversários, notadamente Vargas, Carlos Lacerda foi considerado como a ala mais radical da UDN<sup>132</sup>. Na *Tribuna da Imprensa* Lacerda promovia discussões sobre as principais questões políticas e econômicas do país, de modo a se consolidar como oposição ao ideal de Getúlio<sup>133</sup>, ao mesmo tempo em que combatia o comunismo, seu antigo alinhamento ideológico.

A *Tribuna da Imprensa* ganha esse nome devido a uma coluna que Lacerda possuía no jornal *Correio da Manhã*, onde atuou como freelancer após ter trabalhado em outros periódicos como *A Marcha* (onde havia sido editor, ainda nos tempos de comunista)<sup>134</sup>. O udenista publicou ainda, seu primeiro artigo na revista *Rumo* na qual escreve sobre o combate ao fascismo e ao nazismo. Ainda na década de 1930, mais precisamente em 1934, Lacerda publica um artigo tecendo críticas também ao Integralismo, de Plínio Salgado.

Uma das características de seus artigos, era o tamanho dos mesmos, sendo longos, além da riqueza de dados que Lacerda incluía neles após pesquisas que realizava antes de começar a escrevê-los.<sup>135</sup> A partir do final da década de 1940, Carlos Lacerda já era um dos mais lidos do país, assim se mantendo na década seguinte, sendo o favorito das classes mais favorecidas<sup>136</sup>.

A personalidade forte de Lacerda, fazia com que *A Tribuna da Imprensa* fosse caracterizada como um jornal que se assemelhava aos que existiam durante o Império e a

---

<sup>129</sup> WAINER, *Minha razão...*

<sup>130</sup> WAINER, *Minha razão...*

<sup>131</sup> WAINER, *Minha razão...*

<sup>132</sup> DELGADO, Marcio de Paiva. *O “golpismo democrático”: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna Da Imprensa na quebra da legalidade (1949 - 1964)*. Diss. Mestrado. Universidade de Juiz de Fora, ano 2006. Acesso em: 31. Ago. 2020

<sup>133</sup> DELGADO. *O “golpismo democrático”...*

<sup>134</sup> CORRÊA, Lucas Berlanza. *Carlos Lacerda jornalista: repórter, gestor e teórico da imprensa*. Rio de Janeiro, 2015. Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO. P. 19

<sup>135</sup> CORRÊA, *Carlos Lacerda jornalista...* P.20

<sup>136</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro, E-papers Serviços Editoriais, 2007.P. 228

República Velha, de tons panfletários e polêmicas construídas<sup>137</sup>. De tal forma que o jornal ficaria conhecido como o Jornal de Carlos Lacerda durante o período em que era proprietário do jornal, de 1949 até 1962. A tiragem pequena do jornal, variando entre 25 mil e 45 mil exemplares, não era uma preocupação para Lacerda, já que, segundo ele, “os jornais que mais influenciam a opinião pública não são nem nunca foram, aqui ou em qualquer parte do mundo, os que mais vendem”<sup>138</sup>. As polêmicas eram o principal motor de divulgação da *Tribuna*, ajudando o udenista a consolidar sua posição política, inclusive dentro da própria UDN, ajudando-o a ser eleito para o governo do estado da Guanabara<sup>139</sup>.

No campo jornalístico havia uma rivalidade entre Wainer e Lacerda, que se utilizavam de seus jornais como instrumento político<sup>140</sup>, cada um a seu modo. Samuel Wainer, assim descrevera seu desafeto...

Lacerda sabia polemizar, tinha uma riqueza verbal avassaladora, mas não era um grande jornalista, na medida em que desconhecia setores vitais da atividade profissional. Gostava de passar horas sentado diante da máquina de escrever, datilografando furiosamente, mas nunca se interessou, por exemplo, em conhecer por dentro uma oficina. Tampouco sabia cuidar de uma primeira página, escolher a melhor foto, retocar uma diagramação. De qualquer forma, ele conseguiu forjar uma imagem de grande jornalista<sup>141</sup>

Wainer será o autor de uma das mais célebres alcunhas de Lacerda, “o Corvo”. Tudo teria começado no momento da morte de um repórter policial, a qual Lacerda, vestido todo de preto, teria sido acusado de querer explorar a morte, que ocorrera de forma violenta em Copacabana e transferir a responsabilidade a Getúlio Vargas apelando para a insegurança em que se encontrava o país.

A partir disso, Samuel irá descrever a imagem de Lacerda em tal velório como a de um corvo<sup>142</sup> e a partir dessa caracterização, o seu jornal *Última Hora* trouxe em suas páginas uma caricatura feita pelo cartunista Lan com o referido corvo tendo a cabeça de Lacerda. Tamanha foi a repercussão da charge ao ponto dos funcionários da própria

---

<sup>137</sup> RIBEIRO. *Imprensa e história...* P. 283

<sup>138</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro, E-papers Serviços Editoriais, 2007.P. 145

<sup>139</sup> RIBEIRO. *Imprensa e história ...* P. 146

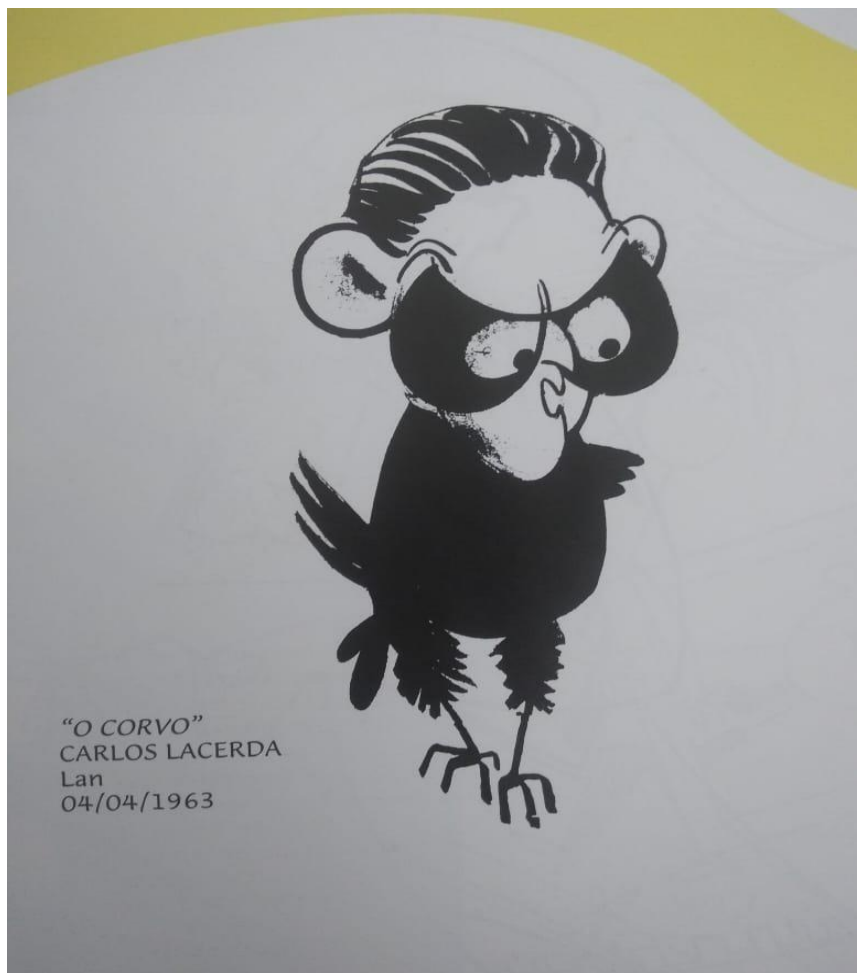
<sup>140</sup> LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: o Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo, Senac, 1998.P. 99

<sup>141</sup> WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Rio de Janeiro, Record, 1987. P. 139

<sup>142</sup> WAINER. *Minha razão*, P. 181

*Tribuna da Imprensa* se referirem ao patrão como “a ave”<sup>143</sup>. Essa associação se deu pela ave ser conhecida por ser dotada de mau presságio, por ser agourenta<sup>144</sup>.

Figura 1 - “O corvo”, Carlos Lacerda.



Fonte: Caricatura do livro *Arquivos em imagens: n3. Série Última Hora*(ilustrações); 1999, P.42.

---

<sup>143</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro, E-papers Serviços Editoriais, 2007.P. 257

<sup>144</sup>COSTA, Wagner Cabral da. Pra rebecca, o rebecca e a rabeca: sátira e caricatura de Vargas na revista *Careta* (1946-50), In: *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM*, Londrina. 2011. Anais... Londrina: UEL, maio de 2011.

### 1.3 - O político

Carlos Lacerda iniciou a sua carreira política ao ser eleito vereador do distrito federal pela UDN (União Democrática Nacional) em 1947. Conhecido pelo seu forte oposicionismo desde a primeira gestão de Getúlio Vargas, quando tecia fortes críticas em sua coluna no *Correio da Manhã*, chamada *Tribuna da Imprensa*<sup>145</sup>. A UDN, partido pela qual era filiado e um de seus principais personagens, existiu entre 1946 e 1964, e foi o principal partido oposicionista a Getúlio Vargas, possuindo orientação liberal.<sup>146</sup> A democracia para os udenistas era entendida como uma série de ideários e valores que estavam ligados a um viés liberal, a exemplo dos países do atlântico norte<sup>147</sup>. Isso, entretanto, não fazia o partido deixar de ser heterogêneo, havendo diversas subdivisões internas<sup>148</sup>. Esses grupos internos levavam Lacerda a pensar o partido como um saco de gatos e local de atração dos descontentes do governo varguista<sup>149</sup>. Ele mesmo se inseria em um subgrupo denominado udenismo conflitivo, que se caracterizava por possuir um discurso voltado ao embate político diretamente, cabendo às elites a função de liderar esse enfrentamento. Divisões internas à parte, a UDN se apresentava como uma atualização do pensamento liberal<sup>150</sup>.

Segundo Otávio Dulci, o projeto político da UDN se apresenta como alternativo ao populismo, em evidência entre as décadas de 1930 e 1964<sup>151</sup>. A UDN era composta por setores urbanos, de classe média, desde “anticomunistas à oposicionistas vazios”<sup>152</sup>. Representando, assim, “o liberalismo das classes médias urbanas mais cultas, o liberalismo burguês, mais político que social”<sup>153</sup>. O anti-populismo era o que mantinha

---

<sup>145</sup> WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Rio de Janeiro, Record, 1987.

<sup>146</sup> SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Décadas de Espanto e uma Apologia Democrática*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>147</sup> CHALOUB, Jorge. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Rio de Janeiro: IESP/UERJ, 2015. P. 26.

<sup>148</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

<sup>149</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.P. 31

<sup>150</sup> CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. *Dois Liberalismos na UDN*: Revista *Estudos Políticos*, v. 1, 2013, P. 294-311

<sup>151</sup> DULCI, Otávio Soares. *A UDN e o anti-populismo no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986.

<sup>152</sup> BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República de 1930 a 1960*. 4.ª ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976. P. 174-177

<sup>153</sup> FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*. 3.ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.P. 87

os diversos grupos internos vinculados à UDN, posteriormente acrescido pelo discurso anticomunismo<sup>154</sup>.

Lacerda trazia a política para a prática, fugindo da atuação teórica, agindo com agressividade, de forma direta. Com base política sempre no distrito federal, posteriormente estado da Guanabara, Carlos Lacerda vinculava seu projeto político a seu carisma pessoal<sup>155</sup>. Essa vinculação era conquistada pelos seus incisivos discursos e através deles Lacerda buscava se auto mitificar, desde quando, ainda no período Vargas, tentou destruir a imagem do líder gaúcho no imaginário popular<sup>156</sup>.

Tamanha era a identificação com a figura de Carlos Lacerda e com sua liderança, que dentro da UDN surgira uma corrente conhecida como lacerdismo, postulante de uma “verdadeira democracia”, tal como a proclamavam, principalmente a partir de momentos de instabilidade política, mesmo que para isso tivessem que eliminar quaisquer heranças dos períodos varguistas. Lacerda apresentou-se como a principal figura oposicionista do período, se utilizando de todas as formas de mídias presentes naquele momento<sup>157</sup>.

Nos períodos de crises, Lacerda construía uma imagem de homem providencial, aquele capaz de tirar o país da crise,<sup>158</sup> e como era um homem midiático, presente em rádios, jornais, nos meios de imprensa em geral, o lacerdismo se propagou entre a população de uma maneira rápida, fazendo com que a própria UDN tivesse que acompanhar esse crescimento e conseqüentemente, acabou por gerar conflitos internos no partido, principalmente entre os ditos liberais<sup>159</sup>

A diversidade interna da UDN influenciava seus rumos, a ponto de ocorrer, como aponta Maria Vitória Benevides, uma esperada fragmentação interna do partido<sup>160</sup>, ainda mais acentuada dentro dos estados, sendo cada unidade federativa dona de conflitos internos diferentes, acabando por interferir nas possibilidades de formações de alianças com outros partidos<sup>161</sup>.

---

<sup>154</sup> DULCI, Otávio Soares. *A UDN e o anti-populismo no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986.

<sup>155</sup> CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. *Dois Liberalismos na UDN: Afonso Arinos e Lacerda entre o consenso e o conflito*. *Revista Estudos Políticos*, v. 1, 2013, P. 301

<sup>156</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão. *O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002.

<sup>157</sup> MENDONÇA. *O demolidor de presidentes...*

<sup>158</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão. *O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002.

<sup>159</sup> DELGADO, Márcio de Paiva. *Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)*. In *Locus, Revista de História*. Juiz de Fora, Novembro/2016. P 3. Ver <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2703/2105>. Acesso em 06/08/2020.

<sup>160</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 P. 226.

<sup>161</sup> BENEVIDES. *A UDN e o udenismo...*P. 230

Entretanto, havia uma homogeneidade na representação de um liberalismo udenista elitista, na qual as elites eram vistas como responsáveis para tomar decisões políticas, ao passo que a população, dotada de ignorância, segundo os udenistas, não estaria apta a boas escolhas. Esse discurso serviria como base para a defesa da intervenção militar e a repressão aos operários<sup>162</sup>. Para o programa udenista era de suma importância o combate ao comunismo e a preservação de valores cristãos<sup>163</sup>, sendo incompatível defender a democracia ao mesmo tempo em que se convive com o comunismo. Ambos devem estar em lados opostos, tendo o comunismo que ser combatido<sup>164</sup>.

Carlos Lacerda ficou conhecido por diversas alcunhas, dentre elas a de “demolidor de presidentes” desde 1955, quando após o processo eleitoral, tentou impedir as posses dos eleitos no pleito, Juscelino Kubitschek e João Goulart<sup>165</sup>. Nesse contexto, profere uma de suas mais famosas frases, onde ele diz: “esses homens não podem tomar posse; não devem tomar posse; não tomarão posse”<sup>166</sup>.

Enquanto governador da Guanabara, Lacerda não deixou de fazer oposição ao governo federal, com ataques também a Jânio Quadros, acusando-o de golpista às vésperas de sua renúncia, mantendo forte antagonismo com seu sucessor, João Goulart<sup>167</sup>. Lacerda defendeu a intervenção dos militares em 1964, rompendo com eles pouco depois, por conta do cancelamento das eleições gerais previstas para 1965 – e prorrogação do mandato de Castelo Branco por mais 2(dois) anos<sup>168</sup>-, da qual o então governador da Guanabara tinha notório interesse em participar com candidato à presidência do Brasil.

Uma outra alcunha atribuída a Carlos Lacerda foi a de “construtor de estados”, incorporada à sua imagem nas primeiras eleições realizadas no novo estado da Guanabara. O então candidato queria passar a imagem de alguém capaz de administrar de forma eficiente e pragmática, de modo que o estado fosse autônomo e detentor de uma maior independência em relação ao governo federal<sup>169</sup>.

Enquanto “construtor de estado”, Lacerda buscou afastar quaisquer vínculos políticos fora do aparato burocrático necessário à gestão estadual. Como consequência, o

---

<sup>162</sup> BENENVIDES. *A UDN e o udenismo*...P. 194

<sup>163</sup> BENENVIDES. *A UDN e o udenismo*...P. 108

<sup>164</sup> CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Brasileiros*. Brasília: UNB, 1981, p. 441.

<sup>165</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado*. Nossa História. Rio de Janeiro, nº19, p.72-25, maio, 2005. P. 3

<sup>166</sup> MOTTA. *Carlos Lacerda*... P. 2

<sup>167</sup> MOTTA. *Carlos Lacerda*...

<sup>168</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado*. Nossa História. Rio de Janeiro, nº19, p.72-25, maio, 2005. P. 4

<sup>169</sup> MOTTA. *Carlos Lacerda*: ...

então governador trazia para sua administração as atenções nacionais para seu campo político<sup>170</sup>. Além do processo eleitoral, outros fatores contribuíram para que ele assim fosse reconhecido, incluindo as comemorações do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro, somadas à recuperação necessária na cidade após a transferência da capital para o centro-oeste, justificativas para muitas das obras realizadas durante sua gestão<sup>171</sup>.

Durante a campanha presidencial de 1950, Lacerda ameaçava alterar as regras eleitorais para impedir um possível segundo governo Vargas, mesmo que tivesse que recorrer a meios revolucionários<sup>172</sup>, afirmando que essa revolução viria defender a democracia e não a atacar<sup>173</sup>. Com a derrota eleitoral, a UDN se tornou mais radical, simultaneamente ao período de crises enfrentadas pelo governo em quatro anos, como o aumento em 100% do salário mínimo, que culminou no afastamento do então ministro do trabalho João Goulart. Aumento que gerou descontentamento por parte dos militares, que enxergavam essa nova medida como uma desvalorização da carreira militar, o que os aproximava do discurso de oposição lacerdista. Dessa forma, o líder udenista atraía para seus quadros, classe média, forças armadas, e a burguesia industrial<sup>174</sup>.

Posteriormente, os lacerdistas lideraram o pedido de impeachment do presidente Vargas, o que foi negado.<sup>175</sup> Tal pedido, ineficiente, obrigou a UDN e Carlos Lacerda a tomarem medidas que resultassem na deposição de Vargas, de modo que o resultado dependeria da existência de um clima hostil no governo<sup>176</sup>. A partir de agosto de 1954, os ataques de Lacerda que já eram frequentes e ácidos, se tornaram ainda mais radicais, expandindo suas críticas à equipe ministerial e à família do presidente, sobrando até mesmo para setores moderados de seu próprio partido, a UDN<sup>177</sup>.

---

<sup>170</sup> SILVA, C. A. de S. e. *A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012 P. 49

<sup>171</sup> CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio*. ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA, CULTURA E MATERIAL (IMPRESSO) , v. 25, p. 139-166, 2017.

<sup>172</sup> *Tribuna da Imprensa*, 01/06/1950.

<sup>173</sup> DELGADO, M. P. . *O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955*. In: Primeiro Colóquio do LAHES - 13 a 16 de Junho de 2005, 2005, Juiz de Fora. *O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955*. Juiz de Fora, 2005

<sup>174</sup> DULCI, Otávio. *A UDN e o anti-populismo no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986.

<sup>175</sup> DULCI. *A UDN...*

<sup>176</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão. *O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002.

<sup>177</sup> DELGADO, M. P. *O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955*. In: Primeiro Colóquio do LAHES - 13 a 16 de Junho de 2005, 2005, Juiz de Fora. *O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955*. Juiz de Fora, 2005

Ainda em 1954, as classes médias paulistas e cariocas estavam mobilizadas em torno da UDN em campanhas contra Getúlio Vargas<sup>178</sup>, somando-se a isso o atentado sofrido por Lacerda em frente ao edifício onde residia, na Rua Tolero veio aumentar ainda mais essa tensão. Nessa ocasião o segurança de Lacerda veio a falecer devido aos tiros dados por dois pistoleiros, e Lacerda consegue escapar com segurança, apenas com um ferimento na perna<sup>179</sup>. De acordo com a perícia feita no local, os ferimentos causados no Major Vaz, eram de armamento de uso exclusivo das Forças Armadas e da guarda presidencial de Vargas, para Lacerda foi o momento ideal para desestabilizar ao máximo o presidente, se utilizando desse atentado e o responsabilizando pelo ocorrido<sup>180</sup>.

A partir do dia seguinte ao atentado, Carlos Lacerda vai associar a imagem do presidente a bandidos e loucos<sup>181</sup>, estimulando um sentimento de antigetulismo, exigindo a renúncia do presidente.<sup>182</sup> Os ataques incluíam termos virulentos e ácidos, como quando comparou o getulismo a tuberculose, febre amarela e sífilis, sendo o getulismo, uma doença social<sup>183</sup>. A ponto de clamar a população pegar em armas em uma eventual reeleição<sup>184</sup>. O antigetulismo lacerdista se baseia mais em uma forma de ataques do que em propostas propriamente ditas, pois Lacerda não apresenta soluções políticas e de gestão como alternativa ao que está sendo feito, se limitando a atacar, a desconstruir a imagem do presidente.

Quando ocorre o suicídio de Getúlio, Lacerda e seu jornal começaram a sofrer ataques da população, sendo responsabilizados pelo ato de Vargas. As consequências não tardaram a chegar na UDN, levando o partido a ser derrotada nas eleições de 1954, reduzindo sua participação no Parlamento, e como único resultado positivo, Lacerda foi eleito deputado federal<sup>185</sup>. Em seguida, Lacerda inicia uma jornada com o objetivo de se distanciar da imagem de responsável pelo ocorrido, mostrando-se como alguém que não

---

<sup>178</sup> SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985

<sup>179</sup> DELGADO. *O jornalista e o político Carlos Lacerda...*

<sup>180</sup> DULLES, John WF. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992

<sup>181</sup> *Tribuna da imprensa* 05-06/08/1954

<sup>182</sup> *Tribuna da imprensa*, 11/08/1954.

<sup>183</sup> BENEVIDES, Maria Victoria Mesquita. *A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1960)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981, P. 81

<sup>184</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes. A trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002. P. 115

<sup>185</sup> DULCI, O. S. *A UDN e o Anti-Populismo no Brasil..* 1. ed. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986. v. 1. P. 130



guardava mágoa, reinterpretando o suicídio de Vargas como uma tragédia, na qual suas diferenças ideológicas não importavam nesse momento<sup>186</sup>.

Tanto Lacerda quanto seu partido, a UDN, mantiveram suas posturas de oposição até o advento dos governos militares em 1964, se aproveitando das insatisfações das classes médias com as seguidas crises econômicas que atingiam o Brasil simultaneamente à ascensão das classes trabalhadoras, tanto na cidade quanto no campo. Isso levou um sentimento de inferiorização por parte das elites, pois achavam que estavam sendo nivelados por baixo com a aproximação das classes operárias<sup>187</sup>.

Café Filho, vice-presidente de Vargas, que já havia rompido com Vargas dois dias antes de seu suicídio, irá assumir o posto de presidente, até o fim do mandato, em 1955<sup>188</sup>, quando ocorrem eleições gerais, que foram vencidas pelo então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek e João Goulart assumindo como vice-presidente, levando a UDN a uma nova derrota.

Lacerda que antes das eleições defendia a intervenção dos militares na política nacional, tentou evitar a posse dos eleitos e não obtendo sucesso, buscou asilo na embaixada de Cuba, de lá seguiu para os Estados Unidos e posteriormente para Lisboa, de onde só retornaria ao Brasil no final de 1956<sup>189</sup>. Jorge Chaloub identificou nessas atitudes de Lacerda traços de autoritarismo, devido a essa oposição não só às eleições, mas também ao governo de Juscelino<sup>190</sup>.

Quando retorna ao Rio de Janeiro, Lacerda inicia seus ataques à JK, chegando a organizar a campanha de Jânio Quadros para as eleições de 1960 tendo como proposta ser diferente da gestão de Juscelino, com denúncias de casos de corrupção na construção da nova capital federal<sup>191</sup>. A força dos ataques ao JK era tamanha, que Juscelino procurava impedir o acesso de Lacerda aos veículos de rádio e televisão,<sup>192</sup> através da

---

<sup>186</sup> LACERDA, Carlos. *Rosas e Pedras no meu caminho*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001. P. 249

<sup>187</sup> SILVA, KianeFollman da – *A reorganização da direita no Brasil e o papel do MBL. Da fundação ao impeachment de Dilma Rousseff (2013-2016)*

<sup>188</sup> DELGADO, Márcio de Paiva. *O “golpismo democrático”*: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964). 2006a. Dissertação de Mestrado (em História, Cultura e Poder). Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

<sup>189</sup> FGV-CPDOC. *E ele voltou... o Brasil no segundo governo Vargas: Carlos Lacerda*. Ver [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos\\_lacerda](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos_lacerda). Acessado em 07/08/2020.

<sup>190</sup> CHALOUB, Jorge. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Rio de Janeiro: IESP/UERJ, 2015.

<sup>191</sup> CHALOUB. *O liberalismo...*

<sup>192</sup> DELGADO, M. DE P. *Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)*. *Locus: Revista de História*, v. 12, n. 2, P. 11.

implementação da Lei Marcial da Imprensa, pois o então presidente temia ser derrubado pelo udenista, caso este fosse para a televisão<sup>193</sup>.

A participação na campanha de Jânio, também se deu visando o cargo de governador do futuro estado da Guanabara, porém essa aliança não durou muito, já que quando ambos já tinham conseguido seus objetivos, Lacerda se torna oposição também à Jânio e ao seu sucessor João Goulart<sup>194</sup>.

Carlos Lacerda se apresentava como um profundo crítico do populismo, conceito considerado ambíguo e impreciso para Bobbio<sup>195</sup>, sendo um dos mais complexos e polêmicos de nossa historiografia<sup>196</sup>. Como afirma Ângela de Castro Gomes<sup>197</sup>, tal definição é entendida como uma “política de massas” pois enxerga que os trabalhadores não possuem “nem consciência e nem sentimentos de classe”, além disso, a classe dominante é dotada de conformismo. Ainda há o estado inserido nesse conceito, como uma “democracia populista”, compreendido entre 1945 e 1964 já que “propiciou a conciliação de interesses em benefício da industrialização e em nome do desenvolvimento nacionalista” segundo concepção de Octávio Ianni<sup>198</sup>.

Francisco Weffort entende o populismo como um processo iniciado em 1930 através do governo Vargas, provocando uma transformação ampla da sociedade brasileira, caracterizado tanto como uma forma de governo quanto de política de massas. Segundo Weffort, o populismo é o resultado da combinação entre repressão estatal e manipulação das massas com a satisfação dos trabalhadores ao terem suas demandas atendidas. Esse pacto populista<sup>199</sup> ocorre com o estado se comunicando diretamente com a população, sem intermediários, através da figura do presidente<sup>200</sup>.

O populismo deve entendido, nesse contexto, como um sistema político, com disputas, negociações e reciprocidades entre as mais diferentes classes, sendo assim uma via de mão-dupla de negociações, o que dá protagonismo aos personagens ali inseridos e

---

<sup>193</sup> DELGADO. *Lacerdismo...*

<sup>194</sup> DELGADO. *Lacerdismo...* P.11.

<sup>195</sup> BATISTELLA, Alessandro. “Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade”. In: *Revista Latino-Americana de História*, Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012, Edição Especial – Lugares da História do Trabalho, P. 468.

<sup>196</sup> BATISTELLA, *Um conceito em reflexão...*

<sup>197</sup> GOMES, Angela de Castro. *O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito*. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.P. 24-25

<sup>198</sup> IANNI, Octávio. *O colapso do populismo no Brasil*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971 P. 62

<sup>199</sup> BATISTELLA, *Um conceito em reflexão...* P.471

<sup>200</sup> WEFFORT, F. C., “Políticas de massas”, in *Política e Revolução Social no Brasil*. Rio de Janeiro, Civiização Brasileira, 1965 P. 176

com isso, há o reconhecimento da importância do poder da classe dominada enquanto sujeito histórico, se impondo sobre o restante da sociedade<sup>201</sup>.

O populismo no Brasil possui bem definidamente seu início e fim, compreende o período entre 1930 e 1964, no qual encontramos lideranças carismáticas, demagogas havendo trabalhadores domesticados, que sofreram com uma incompleta modernização e a ação de um estado paternalista e coercitivo<sup>202</sup>. Essa concepção foi acentuada a partir da concepção de que houve a afirmação de partidos políticos, pelo avanço ideológico do nacional-desenvolvimentismo, crescimento a consolidação dos movimentos sociais rurais e urbanos, além da transformação dos trabalhadores em atores sociais, ganhando assim um protagonismo<sup>203</sup>.

Segundo Angela de Castro Gomes, a percepção do povo como protagonista nos faz compreender que a população experimenta situações e relações produtivas e a trazem para sua cultura, de inúmeras formas, e a partir daí agem sobre uma determinada situação<sup>204</sup>. Isso permite a geração de um dinamismo nas relações entre trabalhadores e políticos, sendo uma relação passível de reinvenção<sup>205</sup>. Para a autora, os trabalhadores se apropriam dos símbolos das elites e recriam seus significados, ampliando o varguismo para além do que era proposto pelas suas lideranças<sup>206</sup>. Tendo em vista essa discussão, a tese clássica do populismo é desmontada, como a que ofereceria a manipulação de uma população que por sua vez era passiva e inconsciente, onde, além disso, havia a expansão propagandista dos ideais políticos<sup>207</sup>.

Na perspectiva maniqueísta, Lacerda pedia ações mais contundentes no combate ao comunismo, já que esse mal se assemelha a uma doença que rapidamente poderia se alastrar. Porém, como governador da Guanabara, o udenista não se limitava a criticar, apresentava também soluções apontando a modernização do Brasil, de acordo com o

---

<sup>201</sup> (LACLAU, 1979, P. 201). IN: BATISTELLA, Alessandro. “Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade”. In: *Revista Latino-Americana de História*, Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012, Edição Especial – Lugares da História do Trabalho

<sup>202</sup> BATISTELLA, Alessandro. “Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade”. In: *Revista Latino-Americana de História*, Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012, Edição Especial – Lugares da História do Trabalho,

<sup>203</sup> BATISTELLA, *Um conceito em reflexão...* P474

<sup>204</sup> THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981 . P. 182

<sup>205</sup> GOMES, Angela de Castro. *Reflexões em torno de populismo e trabalhismo*. Varia História, Belo Horizonte, nº 28, p. 55-68, dez. 2002 P. 59

<sup>206</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Experiência versus estruturas. Novas tendências na história do trabalho e da classe trabalhadora na América Latina –o que ganhamos? O que perdemos?* História Unisinos, São Leopoldo, número especial, p. 17-51, 2001. P. 30-31

<sup>207</sup> BATISTELLA, *Um conceito em reflexão...* P. 477

modelo liberal dos Estados Unidos, como capaz de superar um passado que tanto atrasava o país<sup>208</sup>. Lacerda tomou partido dentro de um cenário de Guerra Fria, se alinhando aos norte-americanos, já que estes poderiam, segundo ele, representar o melhor para os interesses nacionais brasileiros. A isso se explica a ligação que possuía com as elites ligadas ao mercado, que defendiam a liberdade estatal<sup>209</sup>, bem como o seu apoio aos militares, em 1964.

A UDN tinha em seu alicerce, em sua base de sustentação, o anticomunismo, o antipopulismo, sendo que Lacerda representava o antigetulismo<sup>210</sup> e essas correntes se unificavam em torno de um inimigo em comum, semelhante ao que pensava e propagava Carlos Lacerda em seus discursos<sup>211</sup>. Eram esses inimigos quem davam folego e sustentavam o partido, afinal os udenistas possuíam “qualidades morais e intelectuais”<sup>212</sup>, não havendo ninguém melhor do que eles a ocupar o poder<sup>213</sup>. A atuação udenista tinha por objetivo “desintoxicar” o Brasil, após passar anos sofrendo com a demagogia, de um período ditatorial<sup>214</sup>.

### 1.5 – O fenômeno do lacerdismo

A maneira pela qual Lacerda combatia o populismo, reforçava o sentimento do lacerdismo, já que ele era a personificação da luta contra Getúlio e a sua herança, passando pelos seus herdeiros, com ataques elevados ao extremo, principalmente através do seu periódico *A Tribuna da Imprensa*<sup>215</sup>. O lacerdismo como um fenômeno antipopulista surge na década de 1950 e se prolonga na primeira metade dos anos de 1960, quando ocorre a crise que levaria Vargas ao suicídio, em 1954, e posteriormente com a eleição de Jânio Quadros a presidente. A própria eleição de Lacerda ao governo do estado

---

<sup>208</sup> BATISTELLA, Alessandro. “Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade”. In: *Revista Latino-Americana de História*, Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012, Edição Especial – Lugares da História do Trabalho, P.107

<sup>209</sup> BATISTELLA, *Um conceito em reflexão*. Pág 110-111

<sup>210</sup> REGINA, Thiago Costa Juliani. *As representações sobre a União Democrática Nacional na imprensa carioca do Segundo Governo Vargas (1951-1954)*. 2020. 181 páginas. Dissertação (Mestrado em História), Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. P. 71

<sup>211</sup> DULCI, O.S., *A UDN e o Anti-Populismo no Brasil*. Belo Horizonte, UFMG / PROED, 1986.

<sup>212</sup> CHALOUB, J. G. S.. *O moderno no liberalismo brasileiro: o dualismo udenista*. In: XXXIV Encontro Nacional da ANPOCS, 2010, Caxambu. *Anais do XXXIV Encontro Nacional da ANPOCS*, 2010.

<sup>213</sup> CHALOUB. *O moderno no liberalismo brasileiro*

<sup>214</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977

<sup>215</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

da Guanabara<sup>216</sup> também se apresenta como uma solução para desmontar o aparato iniciado por Getúlio, como o populismo, a corrupção e o comunismo<sup>217</sup>.

Lacerda, em alguns momentos, parece adotar aquilo que criticava, conforme a necessidade e a conveniência, tal como incluir em seus discursos os trabalhadores da cidade como dotados de um papel de destaque político<sup>218</sup>. Segundo o próprio Lacerda, o lacerdismo era um fenômeno reformador<sup>219</sup>, e assim como a UDN possuía suas contradições, entre as quais o apoio à candidatura de Jânio Quadros à presidência, já que o então candidato era uma referência do populismo paulista<sup>220</sup>. Com diferentes posturas adotadas ao longo dos anos, Lacerda justifica que o importante era “acompanhar a evolução dos acontecimentos”<sup>221</sup>

A exposição de Lacerda nas mídias, sejam elas impressas, rádios ou até mesmo a televisão fazia surgir uma subcategoria do lacerdismo, as ditas “*mal-amadas*”, termo cunhado pelo cronista Antônio Maria sobre o segmento do eleitorado feminino emergente que o acompanhava principalmente pela a televisão e eram contagiadas pela sua “imagem viril e vibrante, associada a uma oratória inflamada”<sup>222</sup>. O próprio Lacerda entendia o termo como algo pejorativo, pois;

as “mal amadas”, segundo Antônio Maria, seriam criaturas que não eram suficientemente amadas pelos respectivos maridos ou namorados e que se fixavam em mim, como um mito, assim, machista. Era essa a intenção dos que usavam o termo pejorativamente. Era como se você dissesse, “as solteironas”.<sup>223</sup>

Ainda mais detalhadamente sobre a origem do termo,

Antônio Maria fez um programa uma noite na televisão que incomodou o Lacerda. Olhou para a câmera e disse: “Minha senhora, não se vota num homem porque ele é bonito. Carlos Lacerda é um homem bonito, mas não se vota por isso, não. A

---

<sup>216</sup> DELGADO, Márcio de Paiva. *O “golpismo democrático”: Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)*.2006. Dissertação de Mestrado (em História, Cultura e Poder). Departamento de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora P. 9

<sup>217</sup> DELGADO, *O “golpismo democrático”... P. 9*

<sup>218</sup> MCCANN, Bryan. Carlos Lacerda: *The Rise and Fall of a Middle-Class Populist in 1950s Brazil*. *Hispanic American Historical Review*, v. 83, n. 4, p. 661-696, 2003. In: MELLO, Guilherme. *Oposição demolidora: a formação do lacerdismo*. 2018. (Apresentação de Trabalho/Seminário) P 222

<sup>219</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. P. 222

<sup>220</sup> AZEVEDO, Luiz Vitor Tavares. *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na Tribuna da Imprensa (1953-1955)*. Dissertação de Mestrado defendida no ICHF/UFF em 1988: 114, apud DELGADO, Márcio de Paiva., op. cit., 2006: P. 76

<sup>221</sup> LACERDA, Carlos. *Discursos parlamentares: seleta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. In CHALOUB, op. Cit. P. 87

<sup>222</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Frente e verso da política carioca: o Lacerdismo e o Chaguismo*. Estudos Históricos - Cultura Política, Rio de Janeiro, v.13, nº 24, p.351-376, 1999.76. P. 76

<sup>223</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

senhora deve prestigiar o seu marido, a sua casa". Quando o Maria disse isso, Lacerda sentiu que ele tinha aberto uma cunha, que poderia lhe tirar um percentual de votos por ciúme, por chamar a atenção do sujeito para o fato de que aquilo que a mulher dele estava sentindo pelo Lacerda era tesão, não era posição política. Isso poderia prejudicá-lo. No dia seguinte Lacerda foi à televisão responder e disse assim: "Ontem, um homem gordo e balofo esteve aqui na televisão". Olhou para a câmera: "Um homem de noitadas"<sup>224</sup>.

Nada poderia ser tão grave a Lacerda e ao lacerdismo quanto ter sua imagem pública queimada, ser visto de forma negativa, pois ele buscava mistificar sua imagem, tentava se autoglorificar<sup>225</sup>. O udenista se baseava em seu carisma, mas esse carisma não foi transmitido a sucessores, se mostrando ótimo em se tratando do “demolidor de presidente”, mas não em preparar herdeiros políticos, embora houvesse uma enorme e inegável influência do jornalista em diversos setores, como militares e nas instituições civis<sup>226</sup>. A visão política do lacerdismo, baseada na identificação de um mal a ser combatido, mesmo que para isso tivesse que adotar meios radicais, vem ao encontro da reflexão de Umberto Eco “ter um inimigo é importante não somente para definir a nossa identidade, mas também para encontrar o obstáculo em relação ao qual medir nosso sistema de valores (...). Portanto, quando o inimigo não existe, é preciso construí-lo”<sup>227</sup>.

Isso faz com que o discurso de Lacerda assumira um caráter religioso, pois a derrota do adversário se transforma em um objetivo a ser cumprido, mesmo que para isso tivesse que arcar com consequências decorrentes de seu tom agressivo<sup>228</sup>. O mais conhecido exemplo é o atentado sofrido na Rua Tolero no qual Lacerda acusa diretamente Getúlio pela morte de seu segurança, o Major Rubens Vaz<sup>229</sup>.

Em seus discursos, era frequente a citação ao partido comunista, como um perigo ao país, tal como uma doença que ameaça o Brasil<sup>230</sup>, perigo esse que se somava ao que

---

<sup>224</sup> SILVA, C. A. de S. e. *A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

<sup>225</sup> MENDONÇA, Marina Gusmão. *O Demolidor de Presidentes*. São Paulo, Codex 2002. P. 39

<sup>226</sup> CHALOUB, Jorge. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese de doutorado em Ciência Política, IESP-UERJ, 2015. P. 34

<sup>227</sup> ECO, Umberto. *Construir o inimigo: e outros escritos ocasionais*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa: Gradiva

<sup>228</sup> CHALOUB. *O liberalismo...* P. 86

<sup>229</sup> DELGADO, M. de P. 2006. *O “golpismo democrático”. Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, 155 p. P. 86

<sup>230</sup> LACERDA, *Discursos ...*

Lacerda chamava de irmão gêmeo, o fascismo, não que ele as considerasse iguais, mas que caminhariam lado a lado em prol de um mesmo objetivo, que é a ditadura<sup>231</sup>. O que pode parecer contraditório, já que Lacerda apoiou a ditadura civil-militar instalada em 1964, como principal representante da cena anticomunista no Brasil<sup>232</sup>.

Após Lacerda se tornar oposição ao governo de Jânio e de João Goulart, o movimento lacerdista, caracterizado como antipopulista e antitrabalhista trouxe os insatisfeitos para o seu lado e assim pode se apresentar como alternativa, como o oposto deste projeto em curso até então.<sup>233</sup> O lacerdismo buscava se tornar uma opção ao populismo, de modo a reestabelecer uma hierarquia social e ordem política considerada perdida com o populismo. Em sua gestão como governador eleito do novo estado da Guanabara, tentou aliar sua imagem de “demolidor de presidente” à de construtor de estados<sup>234</sup>, ou seja, não se limitou a fazer oposição, mas se apresentar como um político também capaz de gerir, de ser um bom administrador<sup>235</sup>, ajudando, assim, a projetar sua imagem de candidato à presidência.

Lacerda nunca escondeu sua vontade de disputar as eleições presidenciais, pois considerava um direito seu terminar sua carreira política no posto mais alto do país<sup>236</sup>. Porém, com o advento do Ato Institucional nº2, que previa a cassação de políticos, a extinção de partidos políticos, além de transformar as eleições presidenciais em indireta<sup>237</sup>, sua tão sonhada eleição presidencial não aconteceria, eliminando de vez com seus planos de governar o Brasil.

Com base no seu descontentamento com os rumos e prorrogação do governo militar e já após sua saída do governo da Guanabara, Lacerda, junto de seus antigos adversários políticos, Juscelino Kubitschek e João Goulart formaram a chamada Frente Ampla, que nada mais era do que um manifesto político ao povo brasileiro, como o objetivo de redemocratizar o Brasil, cuja intenção era a de mais tarde se configurar como

---

<sup>231</sup>LACERDA. *Discursos...* P 91

<sup>232</sup> CHALOUB, Jorge. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese de doutorado em Ciência Política, IESP-UERJ, 2015. P. 109

<sup>233</sup> DULCI, Otávio. *A UDN e o anti-populismo no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986.

<sup>234</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro, FGV. 2001.

<sup>235</sup> PEREZ, Maurício Dominguez. *Estado da Guanabara: Gestão e estrutura administrativa do governo Carlos Lacerda*. (Doutorado em História Social, tese). Rio de Janeiro. UFRJ, 2005.

<sup>236</sup> LACERDA, Carlos. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977

<sup>237</sup> «ATO INSTITUCIONAL Nº 2, DE 27 DE OUTUBRO DE 1965.». [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Consultado em 17 de agosto de 2020

um partido político<sup>238</sup>. Tal fato não se concretizou por dificuldades impostas pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA)<sup>239</sup> e pela negativa de Jango para a constituição partidária do grupo, embora a posse de Costa e Silva desse fôlego às pretensões de um partido da Frente Ampla<sup>240</sup>.

Entretanto, acabando de vez com os planos da Frente Ampla, os militares vieram a promulgar a portaria de número 177 de 1968, que proibia qualquer atividade desse grupo. Ainda nesse mesmo ano, é instituído o AI-5<sup>241</sup>, pelo qual Lacerda seria preso. Solto após uma semana, Carlos Lacerda perderia seus direitos políticos pelo período de dez anos<sup>242</sup>. Após um período atuando como correspondente na Europa e na África do jornal *O Estado de São Paulo* e do *Jornal da Tarde*, regressaria ao Brasil para seguir no ramo empresarial tanto nas companhias Crédito Novo e Construtora Novo Rio.

---

<sup>238</sup> AULER, Isabel Cristina Fernandes; Reznik, Luís. *As Memórias de Carlos Lacerda. Evocação de um passado presente*. Rio de Janeiro, 2011, 110 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

<sup>239</sup> DULLES, John W F. *Carlos Lacerda. A vida de um lutador*. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. P.483

<sup>240</sup> DULLES, Carlos Lacerda...

<sup>241</sup> O AI-5 foi o mais rigoroso dos Atos Institucionais, pois cassou parlamentares contrários ao governo, permitiu a intervenção presidencial nos municípios e estados. Para mais informações, consultar CODATO, Adriano. *O GOLPE DE 1964 E O REGIME DE 1968: ASPECTOS CONJUNTURAIS E VARIÁVEIS HISTÓRICAS*. *História. Questões e Debates*, Curitiba - PR, v. 40, p. 11-36, 2005.

<sup>242</sup> FGV-CPDOC. *E ele voltou... o Brasil no segundo governo Vargas: Carlos Lacerda*. Ver [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos\\_lacerda](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/carlos_lacerda). Acessado em 07/08/2020



## Capítulo II – O “arquiteto memorialista” Carlos Lacerda e suas representações do estado da Guanabara

Carlos Lacerda foi um “arquiteto memorialista” da cidade Rio de Janeiro, por ter planejado a cidade não somente do ponto de vista material, como também do ponto de vista simbólico, projetando-a para as décadas seguintes, reinterpretando sua memória e reescrevendo sua história. Na condição de *cidade-estado* da Guanabara, o Rio conheceu uma autonomia, também do ponto de vista cultural, que não possuía durante o período de capital federal, já que estava subordinada diretamente às decisões e interferências do governo central.

A metáfora do arquiteto justifica-se pela competência de Lacerda na projeção, criação, elaboração, construção de um novo estado da federação, já que a sua gestão não se limitou às questões burocráticas e reformas urbanas, mas aos trabalhos com a memória da cidade do Rio de Janeiro, seu passado, e mitos de origem. Carlos Lacerda unifica a perícia típica dos arquitetos com a percepção de uma lógica e dinâmica oriunda dos memorialistas. Com o objetivo de evitar que a cidade perdesse importância diante do cenário nacional ao mesmo tempo em que cancelaria a sua reconstrução, Lacerda também investe na sua projeção política como eventual presidente do Brasil.

Mesmo afirmando que o Rio é a terra de todos os brasileiros, ao se apresentar como político, Lacerda busca afirmar seu pertencimento ao Rio de Janeiro, e reforçar os seus laços estreitos. Sua ligação com a cidade é familiar, e remonta a sua própria origem:

A casa da Rua Alice, 41, vendida e derrubada, foi feita pelo meu bisavô. Já disse que ali nasci. Mas não disse que meu avô Lacerda fazia questão de registrar seus netos no cartório de Vassouras. Por isso, carioca de nascimento, e batizado na igreja de Nossa Senhora da Glória do Largo do Machado, sou fluminense perante a lei.<sup>243</sup>

Sob um viés ideológico, os usos do passado tiveram um papel fundamental nesse empreendimento simbólico na medida em que Lacerda recupera, e enaltece o Rio como

---

<sup>243</sup> Projeto De Lei Nº L 4.764, de 1981. Disponível em [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=EA8F4558431F849FD522B5BF0AC8EBFD.proposicoesWebExterno1?codteor=1173848&filename=Dossie+-PL+4764/1981](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=EA8F4558431F849FD522B5BF0AC8EBFD.proposicoesWebExterno1?codteor=1173848&filename=Dossie+-PL+4764/1981) Acesso em 10. Jun. 2022

palco e cenário dos principais acontecimentos do Brasil colônia, império e república<sup>244</sup>. Cláudia Mesquita aborda o empreendimento memorialista da gestão lacerdista<sup>245</sup>, tratando a inauguração do Museu da Imagem e do Som carioca como um “museu de fronteira”, assim concebido para “demarcar os limites simbólicos da nova identidade regional carioca frente ao conjunto da federação”<sup>246</sup>.

Lacerda é um caso exemplar dos usos da memória como um campo de disputa, utilizando o antagonismo entre a velha e a nova capital do país, como metáforas das disputas políticas do líder udenista *versus* o seu grande adversário do momento, o presidente Juscelino Kubitschek<sup>247</sup>. Brasília foi a principal antagonista escolhida por Lacerda em seu projeto de construção de uma identidade para a Guanabara, confirmando, mais uma vez, a pecha de “demolidor de presidentes”.

A polêmica sobre os destinos do Rio com a perda do seu antigo estatuto de capital, é iniciada bem antes da mudança da capital ser concretizada<sup>248</sup>. Desde a criação, em 1956, da Companhia Urbanizadora Nova Capital (Novacap), responsável pela construção de Brasília, começou a se pensar sobre qual seria a nova dinâmica social, econômica, financeira, política, e cultural, para antigo distrito federal. A questão da autonomia estava em pauta.

Conforme destaca José Murilo de Carvalho, não haveria autonomia enquanto a capital ainda estivesse no Rio, pois a cidade estaria sujeita a práticas clientelistas, com a corrupção aflorando no interior dessas práticas<sup>249</sup>. Essa falta de autonomia se dava pela sobreposição dos interesses federais em relação ao que dizia respeito à cidade em si<sup>250</sup>. De acordo com Rafael de Almeida Magalhães, vice de Carlos Lacerda, a transferência provocara a autonomia política da cidade, permitindo que o Rio de Janeiro pudesse recuperar serviços básicos, deteriorado pelos anos sob a dominação federal.

Para Lacerda, a Guanabara deveria ser autônoma, com uma administração independente, e ao mesmo tempo exercer uma projeção nacional aliando política nacional

---

<sup>245</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009.

<sup>246</sup> MESQUITA. *Um Museu para a Guanabara...*

<sup>247</sup> MESQUITA. *Um Museu para a Guanabara... P. 10*

<sup>248</sup> MOTTA, Marly Silva da. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. P. 48

<sup>249</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. SP: Cia. das Letras, 1987.

<sup>250</sup> VERSIANI, Maria Helena. *A política carioca nos anos 1960: cassações e clientelismo*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. 2005, Londrina, PR. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2005. P. 1-8.

e estadual.<sup>251</sup> A nova identidade do Rio de Janeiro deveria manter a tradição do passado como capital, além da uma construção do presente e do futuro, marcando assim o espaço que o Rio deveria ocupar. A cultura, nesse sentido ganha importância crucial nesse empreendimento identitário.

Wolney Malafaia reitera a importância dada por Carlos Lacerda à cultura, sendo o cinema um exemplo dessa sua política cultural, por meio da criação da Comissão de Auxílio à Indústria Cinematográfica (CAIC)<sup>252</sup>, cujo objetivo era injetar recursos no cinema do novo estado através de uma política de premiações e financiamentos<sup>253</sup>. Com o auxílio do Banco do Estado da Guanabara (BEG), há um forte investimento de Carlos Lacerda para que o Rio de Janeiro permaneça como centro de referência, em seu aspecto cultural e social, centralizador de produções culturais.

No encerramento da gestão Lacerda, a cidade do Rio de Janeiro comemorou seu IV centenário, em 1965, celebrado através de uma série de eventos, voltados para a afirmação da cidade do Rio de Janeiro como capital cultural do país, além de promover a imagem de Lacerda nacionalmente. Havia um interesse popular e da imprensa em festejar e recordar datas e fatos do Rio capital<sup>254</sup>. Na ocasião é lançada uma série de edições comemorativas, entre as quais o livro *Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos*, cujo objetivo era celebrar sua evolução urbanística e nomear aqueles que ajudaram a moldar a cidade ao longo de sua história<sup>255</sup>.

Além dessa publicação, foi lançado o livro *Rio em Prosa e Verso* organizado por Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, cujo prefácio é do próprio Lacerda, no qual, como não poderia deixar de ser, e em virtude do momento festivo, ele faz um balanço da história da cidade ao mesmo tempo em que se insere dentro desse panorama, colocando-se como um (re)construtor do Rio:

---

<sup>251</sup> MOTTA, Marly Silva da, *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2001. 16f. P. 10

<sup>252</sup> MALAFAIA, Wolney Vianna. *Imagens do Brasil: O Cinema Novo e as metamorfoses da identidade nacional*. 2012. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Políticas e Bens Culturais, Programa de Pós-graduação em História, Políticas e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012. P. 37

<sup>253</sup> RAMOS, José Mário Ortiz. *Cinema, Estado e Lutas Culturais (Anos 50, 60, 70)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. In: MALAFAIA, Wolney Vianna. *Imagens do Brasil: O Cinema Novo e as metamorfoses da identidade nacional*. 2012. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Políticas e Bens Culturais, Programa de Pós-graduação em História, Políticas e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

<sup>254</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *As festas que a República manda guardar. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2 n.4, P. 185.

<sup>255</sup> SILVA, Fernando Nascimento (dir.). *Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos*. Rio de Janeiro: Record, 1965. P. 13

sem perder a sua capacidade de alegria, ela (a cidade do Rio) mergulhou de cabeça no trabalho e está num começo de reconstrução em que as obras valem ainda mais pelo que significam do que pelo que aparentam. Tudo o que se faz no Rio hoje, tem o sentido de uma ressurreição do espírito, de uma criação da inteligência, de uma realização do esforço do homem, do valor da criatura, da capacidade do brasileiro construir seu próprio destino e fazer uma grande Nação como foi capaz de fazer uma grande cidade<sup>256</sup>

A relação de Carlos Lacerda com a literatura não era nova, sendo autor de vários livros, dentre contos, crônicas, depoimentos, memórias e ficção<sup>257</sup>. Sua primeira experiência profissional, aos 16 anos, foi ao lado de Cecília Meireles no *Diário de Notícias*, onde ele atuou como articulista na seção sobre educação, na qual ela era a responsável<sup>258</sup>. A partir desse momento, foi iniciada a longa amizade entre os dois. Segundo Lacerda, o ambiente no jornal era “intenso”, acalorado centro de debates em torno da Revolução de 30<sup>259</sup>. A amizade entre Lacerda e Cecília Meireles culminou na homenagem dada à escritora na sala de concertos com o seu nome, inaugurada em 1965.

A gestão de Lacerda à frente do novo estado representou um momento de invenções de tradições<sup>260</sup>, motivado tanto pela criação da Guanabara, quanto pelas comemorações do IV centenário do Rio de Janeiro<sup>261</sup>. A participação de escritores e cronistas foi fundamental nesse empreendimento simbólico, pois eles foram responsáveis por abordar o cotidiano da cidade, e os grandes feitos da antiga capital federal. A imprensa também foi de grande importância na constituição simbólica da cidade, e na valorização de seu lado boêmio<sup>262</sup>.

---

<sup>256</sup> MORAES, Vinicius de. *Quando a capital se vai* [1960]. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 501-502. In: SANTOS, V. S. M. dos. *A cidade do Rio de Janeiro no IV Centenário em algumas páginas literárias*. Acervo (Rio de Janeiro), v. 28, p. 132-143, 2015

<sup>257</sup> PAIVA, A. G.. *A incursão literária do jovem Carlos Lacerda: memórias de um Rio de Janeiro em transformação*. Revista SOLETRAS, v. 27, p. <http://www.e-pu-284>, 2014. P.267

<sup>258</sup> MESQUITA, Claudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009.

<sup>259</sup> LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996. In: CAMARA, S.; ROBERTO, J. de C. *Entre o “sonho e a ação”: a infância e sua educação nas crônicas de Cecília Meireles no jornal Diário de Notícias de 1930 a 1932 / Between the “dream and the action”: the childhood and its education in Cecília Meireles chronicles in Daily News newspaper from 1930 to 1932*. Educação em Foco, [S. l.], v. 20, n. 30, p. 39–58, 2017. DOI: 10.24934/eef.v20i30.1759. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/1759>. Acesso em: 1 ago. 2022.

<sup>260</sup> HOBBSAWM, E. e RANGER, T. *A invenção da tradição*. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>261</sup> MESQUITA, Cláudia; VELASQUES, M. C. *A Pequena Montmartre e a Princesinha Do Mar: Representações dos bairros da Lapa e de Copacabana nos anos de 1960*. Revista Do Instituto Histórico E Geográfico Do Rio De Janeiro, v. 27, p. 09-236, 2020. P. 47

<sup>262</sup> MESQUITA, VELASQUES *A pequena Montmatre...*, P. 48

Durante os festejos, buscava-se responder a uma questão: O que é ser carioca? Seria aliar paisagem, modo de ser, costumes? Questão colocada ainda no século XIX, por Machado de Assis, um entusiasta da mudança da capital<sup>263</sup>. O autor comparou a cidade do Rio de Janeiro como a Nova Iorque brasileira, e escreveria, com uma espantosa precisão futurista, que o Rio poderia sediar os Jogos Olímpicos, construir a ponte Rio-Niterói e que a cidade ainda ganharia o nome de Guanabara<sup>264</sup>. Décadas depois, Vinicius de Moraes, após a concretização da mudança da capital, defende a manutenção do nome carioca para a população local, ao invés de guanabarino, inaugurando uma espécie particular de cidadania local, baseada em um estado de espírito:

um carioca que se preza nunca vai abdicar de sua cidadania. Ninguém é carioca em vão. Um carioca é um carioca. Ele não pode ser nem um pernambucano, nem um mineiro, nem um paulista, nem um baiano, nem um amazonense, nem um gaúcho. Enquanto que, inversamente, qualquer uma dessas cidadanias, sem diminuição de capacidade, pode transformar-se também em carioca; pois a verdade é que ser carioca é antes de mais nada um estado de espírito.<sup>265</sup>

Podemos então afirmar que a construção do que é ser carioca, nesse momento, passou pela fixação de uma forma peculiar de ser, uma forma única, por meio de uma narrativa romantizada, apaixonada e humorística<sup>266</sup>. Stanislaw Ponte Preta, heterônimo do cronista Sérgio Porto, apelida o Rio de BURACAP em alusão satírica aos tradicionais buracos existentes nas ruas da cidade, que por anos se faziam presente na vida dos cariocas<sup>267</sup>. Blague com a disputa que tomava conta da imprensa da época entre Brasília, apelidada NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) *versus* à BELACAP, a bela e “eterna” capital do país.

Uma das mais icônicas homenagens ao IV centenário da cidade foi a inauguração do Aterro do Flamengo, apresentado como a Central Park carioca. Esse espaço, com 1.200.000 m<sup>2</sup>, tornou-se uma importante ligação entre o Centro e a Zona Sul. Como projeto paisagístico idealizado por Burle Marx, para o aterro foi utilizado o material

---

<sup>263</sup> ASSIS, Machado de. *No futuro, o estado da Guanabara [1896]*. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, P. 497-499

<sup>264</sup> ASSIS. *No futuro, o estado...* P. 498

<sup>265</sup> MORAES, Vinicius de. *Quando a capital se vai [1960]*. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, P. 501-502.

<sup>266</sup> SANTOS, Vicente Saul Moreira dos Santos. *A cidade do Rio de Janeiro no IV centenário em algumas páginas literárias*. Disponível em: < <http://oaji.net/articles/2016/3932-1475260542.pdf>.>. Acesso em: 29. Abril. 2020

<sup>267</sup> MESQUITA, Claudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

oriundo da demolição de boa parte do Morro de Santo Antônio, embora esse desmonte tenha se iniciado uma década antes para um congresso religioso internacional<sup>268</sup>.

A gestão de Lacerda preparou o Rio para receber uma grande quantidade de automóveis, atendendo a uma demanda da indústria automobilística recém implantada no país. A partir dessa perspectiva, o Plano Doxiadis é pensado, após estudos revelarem a concentração de empregos e atividades no entorno da região central da cidade, já saturada em termos viários, visando, assim, a sua descentralização. Não se limitando ao sistema viário, previa investimentos em questões energéticas, implantação de sistemas de telefonia<sup>269</sup>. O Plano tinha como referencial, a criação de uma cidade ideal até o século XXI, integrando as comunidades de forma hierárquica<sup>270</sup>. Embora entregue em 1965, na gestão de Carlos Lacerda, o Plano não fora oficializado nem no governo Negrão de Lima, pois o estudo não foi reconhecido como um plano ordenador da cidade, sendo as propostas desconsideradas.

Na gestão Lacerda, algumas favelas receberam algum tipo de urbanização, como, por exemplo, a do Jacarezinho e a da Rocinha, porém muitas foram erradicadas, e seus moradores transferidos para outras localidades distantes das áreas centrais<sup>271</sup>. A razão dessas remoções, teria como objetivo reativar o setor da construção civil, favorecendo a especulação imobiliária, trazendo valorização principalmente à zona sul da cidade<sup>272</sup>.

Oficialmente, o discurso era de que a remoção estaria ligada a inserção do favelado na vida moderna, e para isso, Lacerda criou, em 1962, um programa de remoção das favelas, denominado Plano de Habitação Popular, cujo objetivo seria urbanizar áreas destinadas a construção de moradias populares. O programa em questão recebera recursos dos Estados Unidos, através do programa Aliança para o Progresso, criado pelo então

---

<sup>268</sup> SANTOS, Vicente Saul Moreira dos Santos. *A cidade do Rio de Janeiro no IV centenário em algumas páginas literárias*. Disponível em: < <http://oaji.net/articles/2016/3932-1475260542.pdf>>. Acesso em: 29. Abril. 2020

<sup>269</sup> CRUZ, Maurício Feijó . *O papel da mobilidade urbana nos superplanos O Plano Urbanístico Básico de São Paulo (1968) e o Plano Doxiadis para o Estado da Guanabara (1965)*. In: X Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, 2018, Barcelona. Archivos Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2018. v. 10.

<sup>270</sup> REZENDE, Vera. *Planos e regulação urbanística: a dimensão normativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro*. In: Oliveira, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: História e desafios Rio de Janeiro*: Editora FGV. 2002. P. 267

<sup>271</sup> PANDOLFI, Dulce; GRYNSZPAN, Mario. *Poder público e favelas: uma relação delicada*. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002

<sup>272</sup> MOTTA, Marly. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

presidente John F. Kennedy. A ideia do programa era elevar o PIB (Produto Interno Bruto) *per capita*, eliminar o analfabetismo e integrar as nações economicamente<sup>273</sup>.

Na realidade, o objetivo dos americanos era o de impedir o avanço comunista, e trazer os países da América do Sul para o lado norte-americano, principalmente após a Revolução Cubana<sup>274</sup>. Localidades cariocas contempladas como Plano de Habitação, homenagearam o programa estadunidense: a Vila Aliança (de Aliança para o Progresso) e Vila Kennedy (em homenagem ao presidente norte-americano), havendo inclusive uma réplica da Estátua da Liberdade em sua praça principal<sup>275</sup>. Carlos Lacerda afirmara que governar a Guanabara capacitaria a qualquer pessoa a se tornar presidente, e na medida em que foi capaz de reconstruir a cidade com suas obras, poderia fazer o mesmo pela nação<sup>276</sup>. Obras financiadas por meio de empréstimos concedidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em razão das boas relações de Lacerda com o governo americano e sua oposição ao presidente João Goulart. Oficialmente, tal apoio à Guanabara se deu, pois, o estado “possuía mais elevado índice de renda per capita do país e possuindo o seu segundo parque industrial, foi beneficiado com um volume de recursos da ordem de 70 milhões de dólares”<sup>277</sup>.

Carlos Lacerda instituiu em sua gestão, a Divisão de Patrimônio Histórico e Artístico (DPHA). Sua importância se dá pelo fato de ser o primeiro órgão de proteção patrimonial a existir no Brasil a nível estadual, criado por Decreto de nº 346, em 31/12/1964<sup>278</sup>. Tal decreto estabelece que qualquer bem, independentemente de sua característica, sendo de interesse público, deve estar inserido neste decreto, podendo ser um bem móvel ou imóvel, público, particular, natural ou não, desde que inserido nos

---

<sup>273</sup> AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

<sup>274</sup> NATIVIDADE, M. M. . *A Aliança para o Progresso e a questão agrária no Brasil: considerações iniciais*. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História, Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios da ANPUH, 2015.

<sup>275</sup> MARTINS, Felipe (17 de maio de 2014). «*Estátua da Liberdade de volta à Vila Kennedy*». jornal *O Dia*. Consultado em 25 de abril de 2021

<sup>276</sup> LACERDA, Carlos. *E chegamos ao IV Centenário [1964-1965]*. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, P. 566.

<sup>277</sup> *Aliança para o Progresso: resultado de inquérito*. P.71

<sup>278</sup> ESTADO DA GUANABARA. *Decreto “N” nº 346 de 31 de dezembro de 1964. Regula a Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara*. In: Mattos, G. M. M. de (2018) *Leituras de um passado, desenhos de um futuro: a preservação do patrimônio cultural edificado na Área Central do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: [https://www.academia.edu/44155202/Leituras\\_de\\_um\\_Passado\\_Desenhos\\_de\\_um\\_Futuro\\_A\\_preserva%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Patrim%C3%B4nio\\_Cultural\\_Edificado\\_na\\_%C3%81rea\\_Central\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_2018\\_](https://www.academia.edu/44155202/Leituras_de_um_Passado_Desenhos_de_um_Futuro_A_preserva%C3%A7%C3%A3o_do_Patrim%C3%B4nio_Cultural_Edificado_na_%C3%81rea_Central_do_Rio_de_Janeiro_2018_) [Consultado em: 17 de junho de 2021].

domínios do estado<sup>279</sup>. Abrangendo assim, bens dotados de valores históricos, folclóricos, dentre outros.

Os primeiros bens tombados por esse Decreto foram o Parque Lage e a Ladeira da Misericórdia, ambos em 1965. O tombamento do Parque Lage foi algo inovador para o período, já que ao contrário do que se fazia à época, foram preservados não apenas a arquitetura, mas uma importante área verde ao redor de seu casarão<sup>280</sup>. Os processos de tombamento seguiam em torno dos “marcos da evolução civilizatória fluminense”<sup>281</sup>

A posse do primeiro diretor do DPHA, Marcello de Ipanema, foi em cerimônia realizada no Palácio Guanabara, demonstrando a importância dada por Carlos Lacerda à questão do patrimônio. O DPHA incentivou o inventário dos bens localizados no estado da Guanabara, ajudando assim na sua preservação e conservação<sup>282</sup>.

Os sambas de enredo do carnaval de 1965, coordenado pela Secretaria de Turismo e da Superintendência do IV centenário, também foram direcionados para às efemérides cariocas e suas festividades. Também como parte dos festejos, Lacerda inaugurou o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS). Museu inovador para a época, primeiro no Brasil voltado à cultura popular urbana e a preservação do patrimônio imaterial<sup>283</sup>. A ideia de criação do MIS, era sacralizar o Rio enquanto capital cultural, sendo também, uma forma de reconhecer a cidade como um ente autônomo cultural e politicamente, capaz de receber e absorver pessoas de todos os locais, demonstrando a heterogeneidade do povo carioca, oriundo de todas as partes do Brasil e do mundo<sup>284</sup>.

No MIS, Carlos Lacerda confirma a sua profunda admiração pela Família Imperial brasileira. Em seu discurso de inauguração do Museu, o governador afirma que “a história da cidade do Rio de Janeiro é a história de D. João VI”<sup>285</sup> e que através deste, tivemos o

---

<sup>279</sup> ESTADO DA GUANABARA. Decreto “N”...

<sup>280</sup> PEIXOTO, Gustavo Rocha. *INEPAC: um perfil dos 25 anos de preservação do patrimônio cultural no Estado do Rio de Janeiro*. Arquitetura Revista FAU/UFRJ, 1990 Pág. 08

<sup>281</sup> ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. *INEPAC – Um perfil dos 25 anos de Preservação do Patrimônio Cultural no Estado do Rio de Janeiro*. In: *Arquitetura Revista*, 8. Rio de Janeiro: FAU;UFRJ, 1990. P.. 11

<sup>282</sup> MONTEIRO, J. O. *As políticas culturais do Instituto Estadual do patrimônio Cultural (INEPAC-RJ) sob a ótica do patrimônio natural na Região Norte Fluminense e seu uso turístico*. 2016. 112 f.

Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Instituto de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016. P 13

<sup>283</sup> AGUIAR. Tânia Mara. *Museu da Imagem e do Som: O desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil*. 2012. 397f. Tese (Doutorado em Museologia) – Departamento de Museologia, Universidade Lusófona e Humanidades e Tecnologias: Lisboa, 2012.

<sup>284</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de janeiro. Folha Seca, 2009 P. 10.

<sup>285</sup> LACERDA, Carlos. *O Rio, Escola de Brasil. Apresentação do livro de Gastão Cruls, Aparência do Rio de Janeiro*, Ed. José Olypio, Rio de Janeiro, 1965 In: MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de janeiro. Folha Seca, 2009.



pioneirismo “na formulação de uma política cultural para o Brasil”<sup>286</sup>. Como materialização dessa construção simbólica, Carlos Lacerda seleciona e compra pessoalmente em Portugal retratos a óleo da família Bragança, gravuras do Brasil antigo e arquivos ultramarinos referentes à história da cidade<sup>287</sup>.

## 2.1–Os discursos

Os pronunciamentos de Carlos Lacerda devem ser entendidos na perspectiva de sua trajetória como político, jornalista, militante anticomunista, conhecido pelas suas falas fortes, polêmicas, diretas, capaz de chamar a atenção desde políticos mais experientes, até a parcela da população não letrada. A compreensão dos seus pronunciamentos ganha sentido e forma à medida em que são contextualizados, sem isso, fica difícil a compreensão não apenas do seu conteúdo, como também para quem a sua fala é direcionada. Segundo Jorge Chaloub, a essência de pensamento político de Lacerda estava na escolha de um adversário, na criação de alguém a ser batido em sua fala, um inimigo que estava em posição política de destaque e que devido a essa posição deveria ser retirado de lá, tal como fez com Getúlio Vargas. A justificativa para sua oratória violenta se dava na intenção de se evitar um mal maior, que era a atuação política desse adversário<sup>288</sup>.

Suas críticas não se limitavam ao ambiente político, adentravam em questões sociais, o que dava um caráter urgente em seus discursos, já que essas mesmas críticas eram construtoras do seu prestígio, fama e dos votos que recebia<sup>289</sup>. Essa construção de sua imagem, não se limitava a estas questões, afinal, Lacerda também era um homem de ideias, não se restringindo a uma questão de conflitos, também era um líder ideológico. Em seus pronunciamentos edificava a sua imagem, se diferenciando dos seus oponentes, guiando-se através da transição entre discurso e prática.

O governador da Guanabara crescia em momentos de crises e nesses períodos apresentava uma imagem de herói encarregado de salvar a pátria ameaçada, de homem

---

<sup>286</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: ...*

<sup>287</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: ...*

<sup>288</sup> CHALOUB, Jorge. *O Liberalismo de Carlos Lacerda*. Dados, Rio de Janeiro, v. 61, n. 4, p. 385-428, Dec. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582018000400385&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582018000400385&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 Mar. 2021

<sup>289</sup> CHALOUB, Jorge. *O Liberalismo de Carlos Lacerda*. Dados, Rio de Janeiro, v. 61, n. 4, p. 385-428, Dec. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582018000400385&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582018000400385&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18 Mar. 2021

providencial.<sup>290</sup> Homem providencial caracterizado como lutador, combatente e que resiste a ameaças<sup>291</sup>. Muitas vezes, a crise era aprofundada por ele próprio, na medida em que promovia os debates acalorados, se autopromovia politicamente dentro dessas crises de forma a atingir o eleitorado em detrimento de seus adversários.<sup>292</sup>

Carlos Lacerda, dessa forma, chamava o protagonismo para si, em tempos de crise se propagava como uma voz, uma liderança, facilitada pelo poder de deslocamento entre as principais mídias existentes na época, configurando-se como figura carismática, indo além do seu partido, a UDN, atingindo a população como um todo. Ao longo dos anos se apresentou como uma via de oposição não só ao período Vargas, mas aos herdeiros políticos do getulismo e a tudo o que ele representava<sup>293</sup>.

Trechos de seus pronunciamentos aqui selecionados têm como marco inicial o ano de 1960 e finalizam em 1965, ou seja, compreendem desde a sua despedida da Câmara dos Deputados, até a prestação de contas de sua gestão enquanto governador antes de deixar o cargo. Grande parte dos discursos de campanha de Carlos Lacerda ao Governo do Estado da Guanabara foram proferidos no chamado “Caminhão do Povo”, um caminhão dotado de uma alto-falante sobre o qual Lacerda percorria os subúrbios do Rio, como estratégia para “fugir à censura que JK impusera à oposição, impedida de ter acesso ao rádio e à televisão”<sup>294</sup>.

Em seus pronunciamentos, nota-se a simbiose estabelecida por Carlos Lacerda entre o povo carioca e o povo brasileiro, entre a *cidade-estado* da Guanabara e o Brasil. No discurso abaixo, proferido em 1958, Carlos Lacerda não se direciona ao povo carioca, mas ao povo brasileiro, reforçando a sua tese de que a Guanabara era uma “região sem regionalismos”<sup>295</sup>. Segundo Lacerda, a participação popular dos cariocas seria a solução para o país voltar aos trilhos.

Recurso retórico bastante utilizado durante sua candidatura ao governo guanabarinense, como também ao longo de seu mandato enquanto governador estadual. Lacerda visa com isso ser o portador da moral, o responsável pela recuperação do país, dotado das virtudes necessárias para a melhoria do Brasil. Sua prática se repete quando

---

<sup>290</sup> MENDONÇA, Marina de Gusmão. *O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda: 1930-1968*. São Paulo: Codex, 2002. Pág. 12

<sup>291</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P. 80

<sup>292</sup> DELGADO, Márcio de Paiva. “O golpismo democrático”: *Carlos Lacerda e o jornal tribuna da imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2006. P. 7

<sup>293</sup> DELGADO *O Golpismo...*, P. 9

<sup>294</sup> MAGALHÃES, Rafael de Almeida, *Ceticismo utilitário*. Folha de São Paulo, 4 set. 2002.

<sup>295</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

ele almeja se tornar presidente do Brasil, utilizando-se do governo da Guanabara para alcançar esse objetivo. Lacerda se constrói como alguém providencial e se diferencia dos

batráquios que pedem rei, os corruptos que se medem pela fortuna que amontoam à custa da miséria alheia, os mandarins da República, os donos de todos os privilégios, os príncipes da corte maldita, os plebeus de um pátio de ambições horríveis, os cúpidos, os vorazes, os que dominam o Brasil há vinte e tantos anos e se habituaram a ter este país como uma estância sua e este povo como seus meros colonos.<sup>296</sup>

O governador da Guanabara possuía uma visão de como o Rio de Janeiro deveria ser e se comportar em relação ao restante da nação. A cidade abrigaria valores como trabalho, contribuição, cooperação. Sua gestão ainda trabalhará para garantir a liberdade de produzir e trabalhar, o que indica a defesa da propriedade. De modo que pretendia ao ser governador demonstrar sua capacidade em cumprir não só sua promessa, mas também dar o exemplo do que ele desejaria que fosse feito para o país como um todo. Afinal, segundo Lacerda, “é por isto que o Rio de Janeiro vai dar ao Brasil inteiro o exemplo do valor da verdadeira liberdade: a de trabalhar, a de contribuir, a de cooperar, a de participar conscientemente de um gigantesco esforço coletivo.”<sup>297</sup>

Carlos Lacerda ao assumir o Estado da Guanabara como primeiro governador eleito, em cerimônia realizada no Palácio Guanabara<sup>298</sup>, sucedendo o governador interino Sette Câmara<sup>299</sup>, iniciou seu pronunciamento como críticas a nova capital federal: “A mudança da capital federal não resolveu, antes agravou o problema dos milhões de criaturas que vivem nessa região”<sup>300</sup>. Tema recorrente em seus discursos, já que por anos atuou na oposição, chegando a se referir à transferência como “uma retirada em desordem para o Planalto Central”<sup>301</sup>. Tal oposição não cessará em seus anos como governador, ao contrário, o novo estado será tomado como uma trincheira política contra os seus

---

<sup>296</sup> LACERDA, Carlos. *A Voz do Silêncio: Exortação Cívica*. /RJ/1958.LP.

<sup>297</sup> *Isto eu prometo*. Disponível em

<[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&Pesq&pagfis=1675](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq&pagfis=1675)>. Acesso em: 10 março 2021

<sup>298</sup> *Lacerda diz que sua vitória foi insurreição da consciência popular*. Disponível em: <

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pasta=ano%20196&pagfis=12986](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pasta=ano%20196&pagfis=12986)>. Acesso em: 31 Março 2021

<sup>299</sup> Ministro de carreira diplomática, que assumira a função no momento da fundação do novo estado em 21 de abril de 1960, nomeado pelo então presidente Juscelino Kubitschek *O GLOBO, O novo governador*, 16 de abril de 1960.

<sup>300</sup> *Lacerda diz que..*

<sup>301</sup> CANTARINO, Carolina. *Relações ambivalentes desafiam a historiografia*. Cienc. Cult., São Paulo, v. 66, n. 3, p. 8-9, Sept. 2014. Disponível

em<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252014000300004&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 Abril 2021.

adversários e palanque de um potencial candidato a presidente nas eleições gerais que ocorreriam em 1965.

Nas críticas tecidas às gestões anteriores e ao governo federal, Lacerda se apresentará como um gestor público diferentes daqueles que o antecederam, pois fora eleito diretamente pelo voto, demonstrando legalidade em sua gestão, afirmando que a população queria algo novo, diferente do que era encontrado em anos anteriores. Olhando para o futuro, sem perder sua conhecida acidez, se direciona aos parlamentares guanabarininos buscando apoio para cumprir a execução na melhoria da saúde, educação, transporte, enfim, toda uma cadeia de elementos que possam manter o funcionamento da cidade. Em caso da não colaboração dos políticos, Lacerda prometera “atear fogo nos castelos de papelão dos políticos desonestos”<sup>302</sup>.

Anticomunismo é outro tema recorrente nos pronunciamentos de Carlos Lacerda. Não podemos perder de vista o contexto da Guerra Fria, com a Revolução Cubana acabado de acontecer, a Guerra do Vietnã, e o mundo dividido entre capitalistas e comunistas, representados pelos Estados Unidos e União Soviética, respectivamente. Na fala abaixo, Lacerda reforça seu atual espírito anticomunista, ressaltando o alinhamento da Guanabara à nação norte-americana e ao mundo ocidental, como na seguinte passagem:

de nossa parte, dizemos que o Estado da Guanabara não tolerará em seu território o comunismo, nem sob a forma aberta e franca de outrora, que chega ao assassínio e ao terror, nem sob a forma atual, que se disfarça de nacionalista e populista como de anticolonialista e pacifista para conspirar contra o Brasil, deixando-o sem alianças e sem objetivos nacionais e definidos, à mercê da surpresa e do acaso.<sup>303</sup>

A posse de Carlos Lacerda como governador da Guanabara foi realizada em um dos locais mais emblemáticos da cidade do Rio, o Palácio Tiradentes, palco de grandes momentos históricos, como a assinatura da Lei Áurea, a prisão de Tiradentes e posses presidenciais, como a de Getúlio Vargas. Em seu discurso perante os deputados estaduais, Lacerda reivindica para a Guanabara a posição de liderança frente à nação, como a unidade federativa mais preparada “para influir na condução geral do País”<sup>304</sup>. Tal posição da *cidade-estado* deve-se deve à:

composição de seu povo, soma de todos os povos do Brasil; pela sua vocação atlântica que lhe dão um sentido universal da Política, que lhe

---

<sup>302</sup> CANTARINO. *Relações ambivalentes...*

<sup>303</sup> DEBERT, Guita Grin. *Ideologia e populismo: Adhemar de Barros, Miguel Arraes, Carlos Lacerda, Leonel Brizola. Rio de Janeiro: Centro Eldestein, P. 204*

<sup>304</sup> DEBERT, *Ideologia e populismo...*

aguça a sensibilidade sem lhe particularizar paixões provincianas; pelas suas tradições de antiga capital, ainda não substituída pela aglomeração de prédios na qual, contrafeitos, acampam os três poderes da República; pela novidade impetuosa de sua ascensão à categoria de Estado Federado, a unidade que nos incumbe governar estará em condições de cumprir os seus deveres para com a generosa Pátria comum que nos abriga.<sup>305</sup>

Lacerda, além de pretender tornar-se reconhecido, reforça o papel do Rio de Janeiro perante ao restante do país, na qual a cidade perde o direito de ser capital, mas não perde sua importância enquanto cidade de referência nacional. Em sua abordagem dos deveres da Guanabara, Carlos Lacerda os relaciona a questões nacionais, como “o de contribuir em íntima associação com os demais Estados, indo ao encontro do pensamento do futuro presidente da República para fazer ressurgir, no Brasil, a Federação”<sup>306</sup>, pois pensar a Guanabara é pensar o Brasil. Outro dever abordado por Lacerda é o de...

contribuir por palavras e atos para ajudar o futuro presidente do Brasil a levar por diante a obra gigantesca que lhe compete estabelecer. Compreendemos da plataforma do presidente eleito que ele defende para o Brasil uma política exterior na qual o País não seja apenas um parceiro silencioso do Ocidente, mas sim seu participante ativo e consciente da civilização democrática que tem por objetivo o progresso social e, por instrumento essencial, a liberdade. Além das origens e objetivos comuns, que nos identificam com o mundo livre e nunca com o mundo recolonizado pelo comunismo, temos em comum também o mesmo inimigo nessa concepção, que ativamente procura destruir a nossa para construir seu império sobre o mundo.<sup>307</sup>

No trecho abaixo, Lacerda apresenta-se como um homem providencial, que não mede esforços em favor da cidade, seu povo e sua memória, não se limitando a fazer apenas o que pode, empenhando-se na manutenção daquilo que fez o Rio de Janeiro tornar-se a cidade que melhor representa o Brasil. É possível observar que o udenista carioca utiliza-se do tradicional papel do Rio de Janeiro, como um pano de fundo para se propagar, pois como alguém providencial, não deixaria a cidade perder importância, já que isso representaria também a perda do seu capital político.

se mais não der é porque mais não possuo. O que não estiver em mim, irei buscar nos outros, para que todos deem o que sabem e o que podem, em favor de um povo que bem merece de cada um tudo. Pois o nosso é um povo que no meio da confusão e do sofrimento, da decepção contínua e dos exasperantes ludíbrios, foi ainda capaz, raro entre povos da terra, de procurar

---

<sup>305</sup> DEBERT, *Ideologia e populismo...*

<sup>306</sup> DEBERT, *Ideologia e populismo...*

<sup>307</sup> DEBERT, *Ideologia e populismo..* P. 204

mansamente, com uma resignação que é a suprema forma da esperança, o seu caminho de renovação e de mudança.

O discurso de posse de Carlos Lacerda é antes de tudo uma exaltação de si, mais do que a apresentação de um projeto para o novo estado. Ao encerrar seu pronunciamento, Lacerda afirma que “alguma coisa, senhores Juízes, mudou com a nossa eleição. A essa mudança, para que seja a melhor possível, tomando-vos por testemunha, ofereço a vida”. Esse trecho nos remete à carta-testamento de Getúlio Vargas, onde este afirma “eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.”<sup>308</sup>

Lembrando que em história não há coincidências e nem acasos, tampouco na política, a referência ao seu antigo desafeto corrobora a ideia de que Carlos Lacerda bebeu nas mesmas fontes retóricas de Getúlio Vargas, adotando discurso parecido de quem combateu por longos anos, sendo responsável pela crise que levou ao suicídio do então presidente em 1954. São contradições observadas que nos levam a compreender que enquanto homem político, Lacerda não media esforços para sua promoção, mesmo quando recorre de maneira tão cristalina a seus desafetos, não precisando muito para percebermos tal associação. Mudam-se os contextos, mas a herança da memória varguista ainda se faz presente em suas ações, têm-se a adoção da imagem de um mártir, a construção de um mito. Lacerda assim se coloca acima do próprio estado em que ele assume o governo, reforça o direcionamento da gestão estatal à sua promoção.

A natureza cosmopolita e internacionalista da Guanabara – até como um estado independente do restante da federação -, é reforçada no discurso de Carlos Lacerda proferido em 1962, por ocasião de um almoço oferecido pela municipalidade de Paris, com a participação da imprensa local<sup>309</sup>. Em sua fala, o governador da Guanabara propõe ao Mercado Comum Europeu a integração com o Brasil, com o objetivo de diversificar nossa cultura agrícola e assim o Brasil poder possuir uma economia de concorrência.

Nesse pronunciamento, Lacerda se apresentou enquanto governador da Guanabara, ao mesmo tempo em que listou os problemas enfrentados assim como as soluções adotadas para combatê-los, essa postura visava não apenas mostrar os rumos tomados para seu estado, mas também para se apresentar à Europa. É preciso lembrar que

---

<sup>308</sup> Carta-testamento de Getúlio Vargas (24 de agosto de 1954). FGV/CPDOC. Disponível em: [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br). Acessado em 21 de abril de 2022.

<sup>309</sup> *Se Europa nos esquecer liberdade corre perigo*. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=11222](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=11222) >. Acesso em: 15 março 2021

Lacerda visava concorrer às eleições presidenciais, e necessitava que outros países o conhecessem mais a fundo, saber de suas propostas, suas ideias e, como não poderia deixar de ser, no cenário da Guerra Fria, demonstrar seu alinhamento político.

Nesse contexto, o governador apresenta-se como anticomunista, mas dizendo-se um profundo conhecedor do comunismo, por já ter sido simpatizante. Dessa forma, quer evitar ser qualificado como reacionário ou de direita, a fim de escapar de rótulos políticos, estereótipos e poder continuar a tecer críticas de forma direta, ácida. Para o governador da Guanabara: “Ser conservador nem sempre é ser reacionário e ser anticomunista nem sempre é ser da direita. Quanto a mim, posso dizer que sou anticomunista porque, tendo sido simpatizante do comunismo, conheço perfeitamente as suas intenções e os seus métodos”<sup>310</sup> Por isso, segundo suas palavras, “nem por isso me considero reacionário e da direita”<sup>311</sup>.

Como não poderia faltar ao seu discurso, Lacerda critica Fidel Castro e o regime de Cuba, dizendo que o Brasil estaria assustado com a violência praticada pelo governo cubano, afirmando que: “No Brasil, a grande massa é impressionada sobretudo pela violência do regime castrista. Lá não gostamos disso. Somos as vezes, violentos nas palavras, mas não gostamos de ver sangue”<sup>312</sup>. Como chefe do executivo estadual e potencial candidato à presidência do Brasil, agindo em prol do progresso e da liberdade, Lacerda fala aos ouvidos não só dos franceses, mas da comunidade europeia, da qual busca apoio para seu projeto de nação.

Reforçando a imagem do Rio como uma cidade generosa que a todos acolhe, Carlos Lacerda, em seu discurso de inauguração do MIS, afirma que o Museu foi criado para documentar a ação do homem por intermédio da imagem e do som, independentemente de sua origem, se era carioca, brasileiro ou de outra nacionalidade e não importando as razões pelas quais estaria no Rio de Janeiro.<sup>313</sup> Além da generosidade, Lacerda investe na representação do Rio como capital cultural, cosmopolita, um ente autônomo, tanto cultural quanto politicamente.<sup>314</sup> Assim, com o MIS se pretendia...

documentar em som e imagem esse esforço do homem brasileiro, do homem carioca dos homens de todas as nações que para aqui vieram,

---

<sup>310</sup> *Se Europa nos esquecer liberdade corre perigo*. Disponível em: <  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=11222](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=11222)>. Acesso em: 15 março 2021

<sup>311</sup> *Se Europa nos esquecer...*

<sup>312</sup> *Se Europa nos esquecer...*

<sup>313</sup> LACERDA, Carlos. *Discurso de Inauguração do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. 3 de Setembro de 1965*. Em Setor de Fitas de Áudio da Fundação MIS Rio de Janeiro

<sup>314</sup> MESQUITA. *Um Museu para a Guanabara:...* P. 10.

convergentes, formar, ampliar, reformar, desenvolver, tornar viva, humana, colorida, variada, multiforme, infinitamente alegre, mas infinitamente sofrida, a gloriosa e valorosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro<sup>315</sup>.

Criado sob a premissa de ser o primeiro museu no Brasil a preservar o patrimônio imaterial<sup>316</sup>, o MIS também está inserido no contexto de comemorações dos 400 anos da cidade do Rio de Janeiro, celebração principalmente da administração lacerdista. Lacerda demonstra sua habilidade como “arquiteto memorialista” do Rio, ao explicar as origens do acervo do MIS, e o seu empenho pessoal na aquisição das primeiras peças para o Museu, através de uma complexa rede de pesquisa, que compreendia desde visitas a uma humilde casa em Jacarepaguá – em busca da coleção do fotógrafo Augusto Malta -, até viagens ao outro lado do Atlântico, onde fora comprar gravuras do Rio colonial e peças relativas aos Bragança, em Portugal.

Segundo Lacerda, o objetivo do MIS não se limitava à curiosidade pública, sendo também um centro de documentação, de trabalho com a memória do Rio de Janeiro através de imagens e sons, um trabalho memorialístico que tinha como função “encontrar nas raízes do Rio de Janeiro, os segredos e soluções do seu futuro”. Segundo o governador, no Museu “se verá projetada sob o passado, na sombra do esforço dos nossos antecessores, o que há de ser o Rio radioso com o passar dos tempos e o prosseguimento harmônico e conjugado de tais esforços de sucessivas gerações de trabalhadores”<sup>317</sup>.

Desse modo, o MIS atua na elaboração de uma memória para a *cidade-estado* da Guanabara, pelas mãos e lentes de Carlos Lacerda, cuja atuação como “arquiteto memorialista” do Rio de Janeiro é um elemento chave dessa construção. O objetivo do MIS, segundo suas palavras é:

documentar em som e imagem esse esforço do homem brasileiro, do homem carioca dos homens de todas as nações que para aqui vieram, convergentes, formar, ampliar, reformar, desenvolver, tornar viva, humana, colorida, variada, multiforme, infinitamente alegre, mas infinitamente sofrida, a gloriosa e valorosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.<sup>318</sup>

---

<sup>315</sup> LACERDA. *Discurso de Inauguração ...*

<sup>316</sup> AGUIAR. Tânia Mara. *Museu da Imagem e do Som: O desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil*. 2012. 397f. Tese (Doutorado em Museologia) – Departamento de Museologia, Universidade Lusófona e Humanidades e Tecnologias: Lisboa, 2012.

<sup>317</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009. P.235

<sup>318</sup> MESQUITA, *Um Museu para a Guanabara...*



A inauguração do Museu realizada em 1965, não só comemora o IV centenário da cidade, como também marca o último ano de Lacerda enquanto governador da Guanabara, às vésperas de uma candidatura à presidência, o que, como já vimos, não aconteceu. No discurso de inauguração do MIS, ele traz a memória de si próprio, parte de uma propaganda para se projetar nacionalmente como candidato potencialmente viável ao governo federal. Através do MIS, Lacerda dialoga com a população carioca, fluminense e brasileira, homenageando o homem comum e todos aqueles que nasceram ou vieram fazer do Rio de Janeiro um local de desenvolvimento, formação e vida, de várias formas, sofrida e gloriosa<sup>319</sup>.

Como um misto de alegria e orgulho, o governador enfatiza diversas vezes em seu discurso a primogenitura desse projeto -voltado para “contemplar o passado a fim de se entender no presente, e se decifrar nos enigmas que se lhes oferecem para o seu futuro”<sup>320</sup>- o único nessa modalidade de museu audiovisual. Posteriormente, outros viriam surgir pelo país, inspirados no MIS carioca.

A inauguração do Parque Lage, em 28 de setembro de 1965, também fez parte dos festejos do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro<sup>321</sup>. O palacete erguido por Henrique Lage foi elaborado em estilo italiano, para homenagear a sua esposa<sup>322</sup>, tendo sido o imóvel tombado tanto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quanto pelo Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade do Rio de Janeiro, ainda na gestão de Carlos Lacerda no governo do Estado da Guanabara, como já vimos.

Com a morte de Henrique Lage (1941), e de sua esposa (1962), uma parte da propriedade foi vendida ao Banco do Brasil como pagamento de dívidas, posteriormente revendida a Roberto Marinho para a construção da sede da TV Globo, essa compra foi feita a partir de uma sociedade com uma empresa denominada Comércio e Indústria Mauá, que por sua vez era propriedade de Arnon de Mello, pai de Fernando Collor,

---

<sup>319</sup> MESQUITA, *Um Museu para a Guanabara...* P 236

<sup>320</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009. P.235

<sup>321</sup> *Cultura e pesquisa agora se instalam no parque do povo*. Disponível em: <

[http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1965\\_00227.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1965_00227.pdf) >. Acesso em: 18 março 2021

<sup>322</sup> MEDEIROS, Andressa Aparecida de Jesus. *O ecletismo no casarão do Parque Lage: o olhar do visitante e análise morfológica do ecletismo, a história, a escola e o tombamento*. 2015. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015P. 24

presidente eleito em 1989, porém essa transação não duraria muito tempo, pois foi anulada com o tombamento do parque<sup>323</sup>, quando o parque foi desapropriado<sup>324</sup>

A inauguração do Parque, apelidado de “Parque do Povo”<sup>325</sup>, contou com a presença de cerca de 10 mil pessoas. O discurso de Carlos Lacerda inicia-se apresentando o espaço e suas suntuosas dimensões, de 552 mil metros quadrados, além de tecer críticas ao Banco do Brasil, dizendo que o Banco infringiu a lei do Patrimônio Histórico Nacional ao elaborar um edital na qual não privilegiava o poder público, como previa a lei<sup>326</sup>. Conforme pontifica em seu discurso:

sem aviso público e notório como manda a lei, o Banco do Brasil, instruído por mãos poderosas, faz um edital de encomenda, violando a lei do Patrimônio Histórico Nacional, em cujo rol de preciosidade a conservar no Brasil se encontrava registrado este Parque e este prédio. Para a vencia e, ainda mais, para o despedaçamento de ambos, exige a lei seja dada preferência ao poder público antes que ao particular, pois ao poder público incumbe resguardar aquilo que a Nação considera o seu patrimônio artístico, seu tesouro histórico.<sup>327</sup>

Além disso, Lacerda criticava o Banco por ter recebido pagamento irrisório pela alteração do nome do parque e outra parte do pagamento feito à viúva de Henrique Lage por parte do jornal *O Globo*, de propriedade de Roberto Marinho, que por sua vez, teria efetuado um empréstimo à essa instituição financeira. Em suma, Marinho estaria pagando o banco, com dinheiro do próprio banco. Tais eram os atritos entre eles, que Roberto Marinho, falando ao próprio governador, que para ser presidente do Brasil, precisaria do apoio do jornal.

Como estratégia presente em seus discursos, Lacerda declarava um inimigo, tratava de alguém que se devesse combater, junto com práticas ditas corruptivas. Fazia isso com Vargas, Juscelino, Jânio, João Goulart e como podemos ver, Roberto Marinho. O udenista tem adversários muito bem definidos e o que era necessário para combatê-los, assim o governador se mostra um defensor do Parque, do acesso do público ao Parque.

E para gerir o Parque Lage é nomeada a Fundação Otávio Mangabeira, órgão criado pelo próprio governador para que pudesse viabilizar obras sociais, contando

---

<sup>323</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; CABRAL, Jacqueline Ribeiro. (s/d). Verbete *Roberto Marinho*. In: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, CPDOC/FGV.

<sup>324</sup> MEDEIROS. O ecletismo no casarão do Parque Lage. P. 64

<sup>325</sup> *Cultura e pesquisa agora se instalarão no parque do povo*. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1965\\_00227.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1965_00227.pdf)>. Acesso em: 18 março 2021

<sup>326</sup> *Cultura e pesquisa agora se instalarão no parque do povo*. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1965\\_00227.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1965_00227.pdf)>. Acesso em: 18 março 2021.

<sup>327</sup> *Cultura e pesquisa agora se instalarão no parque do povo...*

inclusive com o apoio da iniciativa privada para viabilizar recursos ao mesmo tempo em que também seria de sua responsabilidade a construção de escolas<sup>328</sup>.

De acordo com Lacerda, o Parque Lage ao ser inaugurado, se tornaria o terceiro parque público da cidade desde o advento da república, o terceiro ainda em sua gestão, vindo depois do Parque do Flamengo e do Parque Ari Barroso, este último localizado na região da Leopoldina. Através da citação de importantes parques existentes na cidade, como o Campo de Santana, a Quinta da Boa Vista, Lacerda traz referências históricas desses locais, a fim de elevar a importância do Parque Lage filiando-o aos anteriormente construídos e assim ganhar também prestígio, por tê-lo transformado em patrimônio.

Afirmando que “o Rio inteiro era um patrimônio brasileiro!”, e como frequente em seus discursos, o “arquiteto memorialista” apela à história e a memória da cidade, reforçando que o Rio é um patrimônio do Brasil, pois está presente em postais e no cinema. Em todas as partes, as pessoas possuem o sonho de conhecer sua segunda terra natal, a Guanabara, segundo o seu governador:

os brasileiros de toda a parte, logo que chegavam à luz do entendimento debruçavam-se sobre os postais de seus amigos, liam e viam no cinema a face maravilhosa do Rio de Janeiro! E por toda a parte, onde quer que nascessem, onde quer que andassem ou vivessem, sonhavam com o dia de conhecer o seu segundo torrão natal — a Guanabara.

E ainda podemos resumir com a seguinte afirmação proferida em seu discurso:

quem não ouviu nada, quem não soube, quem não sequer terá ouvido alguém dizer, do espanto de chegar ao Rio e de ver — parques nascidos e parques ressuscitados, e de ver a escola a cada passo, e as crianças como um bando de pássaros, fugidos dos jardins. Quem não viu, quem não sentiu a maravilha que renasce e esse que sente, que veem, e quase diria — ouvem o renascimento do Rio — pois é um orgulho nacional que se transforma num clamor, para que no Brasil se faça o que se fez na Guanabara!

Encerrando seu discurso de inauguração do Parque Lage com comentários sobre quando assumiu o governo do estado da Guanabara, poucos meses após a transferência da capital para Brasília, Lacerda afirma que encontrou uma cidade abandonada, em ruínas, com buracos espalhados, sem esperança, envergonhado.

---

<sup>328</sup> CONCEIÇÃO, Cíntia Nascimento de Oliveira; COSTA, Patrícia Coelho da. *“Pioneiros Da Teleducação Na Guanabara: a televisão educativa na perspectiva das experiências pioneiras de teleducação e formação de professores e profissionais do Instituto de Educação do Estado da Guanabara e da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (1960 - 1975).”* Rio de Janeiro, 2016. 196 p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. P. 65

Ao passar o cargo para o seu vice, Rafael de Almeida Magalhães, em novembro de 1965<sup>329</sup>, Lacerda faz um balanço de sua gestão, prestação de contas e declaração dos seus bens. Ao final do pronunciamento, acusa o recebimento de um comunicado sobre a publicação do Ato Institucional de número 2 <sup>330</sup>, promulgado pelos militares, que previa dentre outras coisas, que as eleições presidenciais deixassem de ser diretas para se tornarem indiretas, além da criação do bipartidarismo, dando fim aos partidos então existentes

Tal ato sepulta as intenções de Carlos Lacerda de disputar as eleições presidenciais, já que segundo a própria UDN, Lacerda era o nome mais indicado a concorrer à presidência<sup>331</sup>, e para a qual Lacerda vinha se preparando ao longo do seu governo na Guanabara. Ao passar o cargo, Lacerda reforça que não houve renúncia de sua parte, mas sim a entrega do cargo em mãos seguras e confiáveis. Fazendo agradecimentos, e reconhecimento aos servidores, cujas atuações provocaram no governador uma profunda admiração. Em seu agradecimento, Lacerda inclui também os poderes Judiciário e Legislativo e sem dar palavras ao novo governador, opta por encerrar a sessão.

Nessa fala, Lacerda não faz menções a adversários, opta apenas por agradecimentos, sem ataques, fato raro em seus discursos conhecidos por serem fortes, diretos, com críticas a adversários. Sua despedida do cargo de governador é uma demonstração de gratidão ao povo carioca e aos servidores estaduais.

a dedicação, a isenção, a devoção, mesmo dos servidores do Estado, desde os mais experientes e mais ilustres aos mais humildes, e mais anônimos, tornaram-me pessoal e civicamente devedor deles, bem como do povo carioca, ao qual desejo manifestar a minha gratidão pela oportunidade que concedeu de governá-lo, pela honra que me deu e, sobretudo, pela vez que me abriu de demonstrar, no Governo, o que dizíamos na oposição.

---

<sup>329</sup> *Lacerda passa o mandato ao vice e presta contas*. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=76202](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=76202)>. Acesso em: 06 Abril 2021

<sup>330</sup> «ATO INSTITUCIONAL Nº 2, DE 27 DE OUTUBRO DE 1965.». [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Consultado em 21 de Abril de 2021

<sup>331</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. P. 333.

## Capítulo III – Heranças e lembranças: representações da Guanabara no espaço urbano carioca

As heranças e lembranças da Guanabara permanecem na cidade do Rio de Janeiro principalmente por meio dos *lugares de memória* construídos na gestão de Carlos Lacerda que, de maneira interligadas umas às outras, se fazem presentes em nossos dias. Mesmo após décadas da fusão com o estado do Rio de Janeiro, esses lugares revelam construções simbólicas da inédita experiência do Rio como *cidade-estado*.

### 3.1 – Palácio Tiradentes

A representação do Rio como capital política do Brasil tem no Palácio Tiradentes a sua materialização. O Palácio Tiradentes, antiga Cadeia Velha, se originou em 1672. Junto aos presos, o prédio também abrigava os 3 vereadores da cidade. Foi o local da condenação e prisão de Tiradentes, mais tarde com a chegada da corte, o local foi desapropriado para poder servir de hospedaria aos membros da recém-chegada Corte<sup>332</sup>, ali naquele edifício também foi aprovada a Lei Áurea<sup>333</sup>.

O edifício passou por reforma após a Independência a fim de abrigar a Assembleia Constituinte de nossa primeira Constituição (1891), funcionando enquanto Câmara dos Deputados até o ano de 1914, quando foi deslocada para o Palácio Monroe. O Palácio Monroe abrigou os deputados até 1922, quando se transferiam para a Biblioteca Nacional por 4 (quatro) anos, entre 1922 e 1926, data em que as obras do Palácio Tiradentes foram encerradas e pode ser inaugurado.<sup>334</sup>

De maneira pertinente a esse passado nacional, foi construída a estátua de Tiradentes – no mesmo local de sua cela - com o objetivo de fazer a ligação entre a República e a Independência, como também à liberdade futura, como afirma José Murilo de Carvalho<sup>335</sup>. Declarado patrono da Nação Brasileira<sup>336</sup>, esse monumento em sua

---

<sup>332</sup> ROIG, Rodrigo Duque Estrada. *Direito e prática histórica da execução penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2005. P. 29.

<sup>333</sup> PALÁCIO TIRADENTES *Através da História. Palácio Tiradentes*. Disponível em <<http://www.palaciotiradentes.rj.gov.br/historia/>> Acesso em: 09 de Jul. 2020

<sup>334</sup> SEDES HISTÓRICAS. Câmara dos Deputados. Disponível em <<https://www2.congressonacional.leg.br/visite/sedes-historicas>> Acesso em: 09 Jul. 2020

<sup>335</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. P. 68

<sup>336</sup> Pela Lei 4.897, de 9-12-1965

homenagem foi tomado como modelo referencial para quaisquer reproduções posteriores de sua imagem<sup>337</sup>.

Como muito bem complementa Marilena Chauí, a sede do parlamento exerce uma função essencial ao levar ao monumento a identificação de um patrimônio da sociedade, se fazendo uso de “mitos fundadores” - como no caso de Tiradentes-, a fim de criar uma origem comum para toda a sociedade brasileira.<sup>338</sup> É de supra importância compreender como esse patrimônio media o diálogo entre passado, presente e futuro.<sup>339</sup>

O Palácio Tiradentes é um dos mais imponentes e conhecidos patrimônios da cidade, palco de momentos políticos históricos, como a da já citada aprovação da Lei Áurea, de posses presidenciais, como Washington Luiz e JK, sendo um caso híbrido em nossa história, por ter sido sede de Assembleias Legislativas de dois Estados diferentes, a do estado da Guanabara (ALEG) e a do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ).

Essa última configuração durou até o segundo semestre de 2021 quando deixou de abrigar os deputados estaduais, transferidos para o edifício Lúcio Costa em outro ponto da região central da cidade, ficando o Palácio Tiradentes responsável por abrigar o Museu do Legislativo<sup>340</sup>. Tal “museificação” do Palácio Tiradentes reforça e reconhece seu caráter patrimonial e a sua função social.

A posse de Lacerda como governador da Guanabara ocorreu no Palácio Tiradentes, tendo realizado seu discurso inaugural no local, assim como acontecia com frequência do governador despachar no histórico prédio<sup>341</sup>, que à época abrigava a ALEG. A importância do Palácio é dada também pelo local em que está inserido, a Praça XV, primeiro centro de poder da cidade<sup>342</sup>.

Quando a transferência da capital foi concretizada, caberia ao Palácio atuar como um espaço de legitimação do legislativo estadual, além de representar um patrimônio de seus tempos de capital, permanecendo nesse local o debate político que havia antes, o que

---

<sup>337</sup> De acordo com o Decreto 58.168, de 11-4-1966

<sup>338</sup> CHAUI, Marilena. *Brasil - Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. Terceira edição. SP. Perseu Abramo. 2002. P.10

<sup>339</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Apud* SANTOS, José Reginaldo. *O mal-estar do patrimônio: identidade, tempo e destruição*. *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015

<sup>340</sup> *O Dia, Redação* (3 de agosto de 2021). «<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/08/6204631-alerj-inaugura-plenario-em-nova-sede-no-centro-do-rio.html>». *O Dia*. Consultado em 28 de janeiro de 2022

<sup>341</sup> MOTTA, M. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-75)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. Pág. 85

<sup>342</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009. P.235

Brasília não poderia propiciar. A ressignificação empreendida por Lacerda seria a de buscar manter no local a importância política do Rio capital federal. O governador não queria deixar o prédio sem função, já que isso implicaria na perda de toda a reputação histórica que detinha até a mudança de capital. A solução encontrada foi a de manter o local como um centro político, simbólico, de grandes debates, sem deixar-se esvaziar com o deslocamento da Câmara dos Deputados para Brasília.

O empenho do udenista em tal tarefa está na consolidação da sua própria imagem, como líder e referência nacional, além de potencial candidato ao executivo nacional. A busca pela ressignificação do Palácio Tiradentes atuou também pela formação de uma identidade, que serviu como projeção ao governador, se mantendo em evidência, arquetizando sua imagem junto com a do Rio de Janeiro. De maneira que o udenista tinha em suas mãos um empreendimento que envolvia identidade, poder simbólico, memória e trampolim político enquanto chefe do executivo estadual. O prédio histórico representa, até nossos dias “um símbolo da política como arena de embates”<sup>343</sup>, cujas escadarias vem reunindo ao longo do tempo as mais importantes manifestações políticas e sociais.

### 3.2 – Museu da Imagem e do Som (MIS)

O MIS representa a afirmação da capitalidade cultural da cidade do Rio de Janeiro, na medida em que foi criado como vitrine da *cidade-estado* da Guanabara. O Museu é inaugurado em 03 de setembro de 1965 em meio as comemorações do IV centenário da cidade, sua criação está inserida dentro de uma tentativa de sacralizar a cidade como capital cultural e ao mesmo tempo afirmar uma autonomia carioca<sup>344</sup>. O prédio que abriga o MIS foi construído como um dos pavilhões da Exposição Internacional de 1922, que comemorava o centenário da independência brasileira e nesse momento de festejos, o governo republicano queria expor ao mundo o Brasil como nação emancipada<sup>345</sup>.

A Exposição Internacional é uma feira regulamentada por leis mercadológicas que visava, dentre outras coisas, incentivar o desenvolvimento industrial de uma região e a

---

<sup>343</sup> MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009. P.235

<sup>344</sup> MESQUITA. *Um Museu para a Guanabara:...*

<sup>345</sup> NEVES, Margarida de Souza. *As Vitrines do Progresso. O Brasil nas Exposições Internacionais*. Rio de Janeiro:PUC-RJ/FINEP/CNPq, 1986. P. 16

partir disso, as exposições seriam os locais de apresentação do que era produzido<sup>346</sup>. Ao se apresentar às outras nações, o Brasil demonstraria estar presente dentro de uma concepção de modernidade que tinha a Europa como parâmetro, deixando para trás seu passado colonial. Moderno era ser civilizado, caminhar em direção ao progresso, de modo que civilização e progresso são indissociáveis neste momento, como observa Margarida de Souza Neves, em “As vitrines do Progresso”<sup>347</sup>.

A escolha do Rio de Janeiro para sediar a primeira Exposição realizada no Brasil se deve ao fato de ser a capital federal, a principal cidade do país, a mais conhecida internacionalmente e principal eixo político-cultural-econômico. Embora São Paulo demonstrasse um forte crescimento, o Rio de Janeiro representava a modernidade brasileira, e na qualidade de distrito federal, a Exposição tinha também como finalidade reforçar um patriotismo da recém implantada República.

A Exposição Internacional de 1922 contou com diversos pavilhões, representando nações amigas, a maioria europeias, além de estados brasileiros. Grande parte dos pavilhões fora demolido após a Exposição, porém nem todos sofreram com o desaparecimento, restando o pavilhão destinado ao Distrito federal, o Pavilhão da França (atualmente prédio da Academia Brasileira de Letras) e o Pavilhão da Estatística, atualmente Saúde dos Portos.

Assim como em outras exposições, heranças foram deixadas como importantes pontos turísticos, tais como a Estátua da Liberdade nos Estados Unidos e a Torre Eiffel na França. No Rio de Janeiro o Pavilhão destinado a capital federal permanece como sede do Museu da Imagem e do Som. Para a sua inauguração, o prédio passou por reformas para se adequar às instalações museológicas exigidas, já que antes abrigara o Serviço de Registros de Estrangeiros, sendo necessário um pagamento de indenização para a desapropriação do prédio.

Tal pavilhão projetado por Sylvio Rebecchi, transitando entre o estilo neoclássico e o eclétismo, foi se descaracterizando ao longo do tempo, abrigando além do Serviço de Registro de Estrangeiros, o Instituto Médico Legal e Delegacia de Polícia. Quando Carlos Lacerda adquire o prédio, o faz com ajuda do Banco do Estado da Guanabara (BEG), responsável pelo financiamento das reformas necessárias para receber o novo Museu,

---

<sup>346</sup> SANT'ANA, Thaís Rezende da Silva de. *A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro de início dos anos 20*. Campinas, 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Campinas. P. 17

<sup>347</sup> SANT'ANA. *A Exposição Internacional...*



além de pagar a indenização para a Secretaria de Segurança Pública, no equivalente a trinta milhões de cruzeiros<sup>348</sup>. Além da compra do imóvel, o BEG patrocinou a compra de todo o acervo para a inauguração do MIS.

O MIS se caracterizou como um “museu de fronteira”, concebido para “demarcar os limites simbólicos da nova identidade regional carioca frente ao conjunto da federação”<sup>349</sup>, como pontua Cláudia Mesquita. Simultaneamente a cidade abriga não apenas patrimônios de sua história, mas também os relacionados à própria história do Brasil, condição essa que se acentuou com a chegada da família real portuguesa em 1808 na então capital colonial. Sendo esse convívio de patrimônios locais e nacionais um desafio para realizar as devidas demarcações, separar o que é da cidade e o que é da nação, o que é um processo difícil, já que “O Rio de Janeiro até 1960, e desde 1763, foi o Brasil em termos de concepção cultural”<sup>350</sup>. E é nessa dificuldade de diferenciação entre o local e o nacional, que o MIS se caracteriza como um “museu de fronteira”, pois é parte de uma estratégia de delimitar o que é do Rio e o que é nacional, tendo como fio condutor a memória nessa configuração de identidades, conforme destaca Cláudia Mesquita:

a história do Museu da Imagem e do Som e as fronteiras simbólicas desse território cultural, remete-nos à história da criação da *cidade-estado* da Guanabara e às práticas e estratégias empreendidas por Lacerda e sua equipe no sentido de transformá-la em estado-capital, a partir de um esforço de construção simbólica da cidade.<sup>351</sup>

A distinção do MIS como “museu de fronteira”, ao realizar a sua diferenciação de outras regiões do país, reforça sua identidade na medida em que ela é delimitada junto com a criação de seu passado e essa construção passa pelas mãos de Carlos Lacerda. Mas o Museu não se resume a ser um “museu de fronteira”, é também um patrimônio do Rio de Janeiro, já que Lacerda ao criar o MIS, antecipa a criação do patrimônio cultural que de ampliaria na década de 1970, pois através da preservação da memória por intermédio da imagem e do som, faria a cidade representar um resumo do que é o Brasil.

---

<sup>348</sup>MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

<sup>349</sup>MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara...*

<sup>350</sup> WERNECK, José Luiz Werneck. *Depoimento*. I Encontro de Cultura/ Arquivos Históricos e Museus da Guanabara. Rio de Janeiro, 1968. Setor de Fitas de Áudio/FMIS/RJ In: MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

<sup>351</sup>MESQUITA, Cláudia. *Um Museu para a Guanabara: Carlo Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009.

Uma questão interessante dentro desse processo é a responsabilidade chamada pelo governo estadual em administrar e proteger o patrimônio e Lacerda ao propor o MIS, acaba por patrimonializar o Rio de Janeiro, pois a cidade foi trabalhada pelo governador para “tornar intensa e viva a imagem do Rio de Janeiro, projetando-a no Brasil e no mundo”<sup>352</sup>. Como já dissemos, a inovação trazida pelo MIS provocou a inauguração de espaços similares em outros estados brasileiros, que “inspirassem narrativas de identificação com a cidade”<sup>353</sup>, a começar por São Paulo, que baseado no modelo de Lacerda, inaugurou o MIS em sua versão paulistana.

### 3.3 – Parque Lage

O Parque Lage é a representação do patrimônio paisagístico da cidade do Rio de Janeiro, sendo um dos mais conhecidos pontos turísticos do Rio, cuja história está intimamente ligada à cidade, remetendo a Rodrigo de Freitas, produtor de açúcar e dono das terras na região<sup>354</sup>. Séculos mais tarde veio a pertencer a Henrique Lage, que dá nome ao Parque, e quem mandou construir o palacete em homenagem à sua esposa. Na década de 1960, já sob a configuração de estado da Guanabara e governado por Carlos Lacerda, o Parque é declarado de utilidade pública para fins de desapropriação<sup>355</sup> por ser a última área florestal em zona urbana, por conter um manancial, por ser um elo de ligação entre a mata do Corcovado e a rua Jardim Botânico, além de proteger a florestada construção de grandes edifícios que poderiam desfigurar a região<sup>356</sup>.

Com a desapropriação, o Parque é o primeiro bem a ser tombado fora da esfera federal no Brasil, com a justificativa do local possuir um conjunto paisagístico de grande

---

<sup>352</sup> MESQUITA, Cláudia. Um Museu para a Guanabara: Carlo Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965). Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009.

<sup>353</sup> XAVIER, P. *Cidade Maravilhosa: Imaginário, mito e identidade*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - IPPUR - UFRJ. Rio de Janeiro. 2016.

<sup>354</sup> CAMPELLO, Carlos. *A estratégia empresarial de Henrique Lage e a Companhia Nacional de Navegação Costeira*. In: VII Congresso brasileiro de história econômica e 8ª Conferência internacional de história de empresa, 2007, Aracaju. *Anais do VII Congresso brasileiro de história econômica e 8ª Conferência internacional de história de empresa*, 2007. P. 1

<sup>355</sup> DECRETO "E" Na 788 DE 15 DE JULHO DE 1965 In: CARVALHO, Paulo Roberto Barros de. *Organização governamental e trabalho: auto-realização, prazer e eficácia - o caso da Escola de Artes Visuais do Parque Lage*. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas - FGV, Rio de Janeiro, 1998.

<sup>356</sup> MEDEIROS, Andressa Aparecida De Jesus. *O Eclétismo no casarão do Parque Lage*. Rio de Janeiro, 2015. Monografia (Graduação em História da arte) Escola de Belas Artes, Universidade Federal Do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015

importância para o Rio e seu urbanismo, além de contribuir para a arborização e realce da vegetação do entorno do Corcovado<sup>357</sup>.

Como não poderia deixar de ser em se tratando de Carlos Lacerda, a inauguração do Parque Lage foi envolto em polêmicas, a começar pela desavença com Roberto Marinho em torno da desapropriação do espaço, já que o dono do *O Globo* tinha objetivos imobiliários para o local. Porém, a ação do governador foi apoiada pela sociedade e não houve pagamento de indenização por isso<sup>358</sup>. Lacerda chamou-o de “Parque do Povo”, destacando a importância das áreas de lazer, seu embelezamento e a declarada preocupação do governador com o bem-estar da população<sup>359</sup>.

### 3.4 – Parque do Flamengo

O Parque do Flamengo representa a materialização do Rio moderno. Além do MIS e do Parque Lage, outro grande momento das comemorações do IV centenário da cidade do Rio de Janeiro foi a inauguração do Parque do Flamengo. O Parque foi construído a partir do desmonte do morro de Santo Antônio, na região central da cidade com a retirada de cerca de 8 milhões de metros quadrados de terra que ajudaria a construir cerca de 1 milhão de metros quadrados de vias expressas na interligação entre as regiões central e sul. A área de lazer foi construída por intermédio de Maria Carlota de Macedo Soares<sup>360</sup>, sendo a criação da paisagística comandada por Roberto Burle Marx. Já a execução da obra ficou a cargo da SURSAN (Departamento de Urbanização da Superintendência de Urbanização e Saneamento do Estado da Guanabara).

Com um espetacular diálogo de seus jardins e paisagismo e a fluidez do deslocamento dos carros<sup>361</sup>, a criação do Parque do Flamengo ocorreu em um momento em que a Guanabara passava por um processo de modernização liderada pelo seu governador Carlos Lacerda, rivalizando com Brasília que se destacava no cenário nacional como um referencial de modernismo.

---

<sup>357</sup> MEDEIROS. *O Eclétismo no casarão...*

<sup>358</sup> BRANCO, Paulo. Paulo Branco (depoimento, 1998). Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 1998.

<sup>359</sup> D’ASSUMPÇÃO, Mônica de Matos Teixeira. *Carlos Lacerda: demolidor de presidentes e construtor de um novo estado*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – UFF, Niterói, RJ, 2007.

<sup>360</sup> ONO, Haruyoshi. *Recuperação e revitalização do Parque do Flamengo*. : Paisagem e ambiente, 2002. Disponível em: <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-60982002000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-60982002000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 jan. 2022

<sup>361</sup> CHUVA, Márcia Regina Romeiro . *Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio*. Anais Do Museu Paulista: História, Cultura E Material (Impresso), v. 25, p. 139-166, 2017.

O tombamento realizado pelo IPHAN é simultâneo à sua inauguração em 1965, e tal patrimonialização se dialoga com a paisagem de seu entorno e com a sua dimensão social dada a modernização na qual o Parque está inserido, com isso se objetivava colocar um fim à especulação imobiliária na região. Assim foi possível regular a ocupação do espaço urbano, sendo esta, uma marca do governo higienizador de Lacerda.<sup>362</sup> O pedido de patrimonialização foi feito antes mesmo da conclusão das obras do Parque, o que já era previsto em lei, patrimonializando assim a paisagem urbana.<sup>363</sup> O Parque quando foi inaugurado, já era patrimônio antes de ser um Parque propriamente dito, sua patrimonialização precede ao seu nascimento

Quando foi tombado, o Parque ainda não dispunha “de valores a ele intrínsecos. Como todo bem patrimonializado, resultou de processos históricos de atribuição de valor, sendo ele, portanto, fruto de lutas de classificação em torno da fala hegemônica e do discurso autorizado do patrimônio.”<sup>364</sup> Assim, seus valores foram adquiridos posteriormente ao seu tombamento.

Tanto a complexidade quanto a sua importância da obra tinha uma razão de ser, além da questão de contribuir para a patrimonialização do Rio de Janeiro e de sua memória, Lacerda buscou aliar a cidade à questão do aumento do número de automóveis circulando pelas ruas cariocas e também para atender as classes mais favorecidas<sup>365</sup>, pois a construção do Parque ocorre em um momento de transferência das camadas populares das regiões favorecidas para locais mais distantes da cidade. Assim, o Parque que foi inaugurado para ser um local de lazer da população, representou o entretenimento apenas para os mais ricos, retirando os pobres do seu direito ao passatempo.

Em ofício enviado por Macedo Soares ao IPHAN, ainda chamado DPHAN, Lacerda afirma que o paisagismo do parque tinha por objetivo “a defesa e o enriquecimento da paisagem, e prestação de um serviço público para o povo carioca de caráter educacional e recreativo.”<sup>366</sup> Só que o povo carioca citado não era as camadas populares que nesse momento estavam de mudança para o outro lado da cidade e ainda afirma mais, que o tombamento visa supostamente proteger do Parque da...

---

<sup>362</sup> CHUVA. *Parque do Flamengo...*

<sup>363</sup> NASCIMENTO, F. B. “*Preservando a arquitetura do século XX: o Iphan entre práticas e conceitos*”. Cadernos do PROARQ (UFRJ), v. 19, p. 172-193, 2013

<sup>364</sup> CHUVA. *Parque do Flamengo...*

<sup>365</sup> ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplan-Rio/ Zahar, 1988

<sup>366</sup> PESSÔA, José (Org.). *Lucio Costa: documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: Iphan, 1999 In: CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio*. ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA, CULTURA E MATERIAL (IMPRESSO), v. 25, p. 139-166, 2017.

ganância que suscita uma área de inestimável valor financeiro, e da extrema leviandade dos poderes públicos quando se tratar da complementação ou permanência dos planos (...) e um serviço social para o grande público obedece a critérios ainda muito pouco compreendidos pelas administrações e pelos particulares<sup>367</sup>

Se o Parque era um “serviço social para o grande público”, então não haveria a necessidade do deslocamento populacional para regiões distantes, já que essa mesma população teria o direito de utilizar o espaço público em seu momento de diversão junto com as demais camadas sociais, pois mesmo que não tenham se mudado por razão do Parque, a saída dessa população “coincide” com as reformas urbanas propostas por Lacerda, na qual o Parque do Flamengo está incluído, passando por um substancial incentivo à especulação imobiliária.

Na época afirmava-se que Lacerda “era contra as favelas.”<sup>368</sup> E a remoção das favelas era um importante ponto nesse processo, tendo em vista a Favela do Pasmado, localizada em Botafogo, nas proximidades do Parque do Flamengo, cuja maior parte de seus moradores foi deslocada para locais afastados na Zona Norte e Oeste<sup>369</sup>, demonstrado que essa integração do grande público na realidade, não existiu.

### **3.5 – Museu do Primeiro Reinado**

Para o trabalho memorialístico empreendido por Carlos Lacerda, o Museu do Primeiro Reinado representa a influência da Família Imperial na formação da sociedade carioca. O Museu do Primeiro Reinado é um dos grandes marcos da gestão de Lacerda a frente da Guanabara, tal Museu assim como os monumentos anteriores, faz o diálogo entre a memória da cidade e o patrimônio cultural, consolidando com isso a identidade carioca. A criação desse Museu evidencia o objetivo de Lacerda em buscar civilizar o Rio de Janeiro nos moldes do que foi feito com a chegada da família real portuguesa na capital

---

<sup>367</sup> Processo n. 748-T-64 – Parque do Flamengo In: CHUVA, Op. Cit.

<sup>368</sup> CONCEIÇÃO, Cátia Regina Herculano da. Depoimento. In DINIZ, Edson; BELFORT, Marcelo Castro; e RIBEIRO, Paula. *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda*. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2021

<sup>369</sup> OAKIM, Juliana & PESTANA, Marco. *A ditadura nas favelas do Rio de Janeiro*. Comissão Estadual da Verdade do Rio, 2015. Disponível em: <http://www.cevrio.org.br/site/arq/Oakim-J-e-Pestana-M-A-ditadura-nas-favelas.pdf> Acesso em: 31 Jan. 2021

da colônia, seguindo o modelo de D. João VI no que diz respeito a criação de uma rede de instituições culturais.

Mas antes de explicarmos a patrimonialização do espaço, precisamos conhecer o que foi o Museu instalado em um prédio que abrigou a casa da Marquesa de Santos, desapropriado em 1961 para abrigar o referido Museu, tombado na década de 1930 pelo seu reconhecido valor histórico<sup>370</sup>. O objetivo de Lacerda também com essa iniciativa diz respeito a “reatualizar o status da região como capital cultural do país”<sup>371</sup>, e mais uma vez demonstrar que o Rio de Janeiro é uma cidade nacional, já que o Museu do Primeiro Reinado remete à memória do Rio como sede do Império, sede do poder imperial. Rivalizando mais uma vez com Brasília que não era dotada de um passado tal como o Rio.

A história do prédio tem origem após D. Pedro I comprar duas chácaras estrategicamente próximas ao Palácio de São Cristóvão, residência da família real no Brasil, e ordenar a construção do Solar da Marquesa de Santos em 1826, quatro anos após conhecer Domitila de Castro e Canto Melo que residia em São Paulo e com quem manteve um relacionamento de amplo conhecimento do público.<sup>372</sup> Em estilo neoclássico, o Solar foi construído pelo arquiteto particular de D. Pedro I, Jean Pierre Pézérat.

Domitila de Castro era filha de um oficial português que viveu entre 1797 e 1867, tendo se casado pela primeira vez aos quinze anos de idade e desse casamento nascido cinco filhos, três vindo a falecer. Domitila após o divórcio de seu primeiro marido começa a se relacionar com o Imperador, mudando-se para os arredores da morada da Família Imperial, em São Cristóvão, junto com seus familiares. Seu acesso à Corte veio quando ela já amante do Imperador e já mãe de um filho com o monarca, é nomeada dama camarista, na qual conviveria não apenas com a Corte, mas com a própria Imperatriz diretamente, além de nomeá-la com um título de nobreza, junto de alguns de seus familiares.<sup>373</sup> Porém, após o fim do relacionamento entre ela e o Imperador, em 1829, a residência foi vendida e passou por vários proprietários, na qual Barão de Mauá foi um

---

<sup>370</sup> FERREIRA, M. M.; VALE, N. G. *De Solar da Marquesa de Santos a Museu do Primeiro Reinado*. In: Angela de Castro Gomes. (Org.). *Direitos e cidadania - memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007, v. P. 295-320.

<sup>371</sup> FERREIRA, VALE. *De Solar da Marquesa de Santos...*

<sup>372</sup> FERREIRA, VALE. *De Solar da Marquesa de Santos...*

<sup>373</sup> MONTEIRO, Luíra Freire; OLIVEIRA NETO, M. G.; Wellerson Almeida. *História de amantes: retalhos da correspondência íntima de D. Pedro I para Domitila De Castro*. In: IV Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Subjetividades e Contradiscursos., 2013, João Pessoa. Anais do IV Seminário Nacional de Gênero e Práticas culturais: Subjetividade e contradiscursos. João Pessoa. João Pessoa: Universitária, 2013.

deles<sup>374</sup>. Ao ser desapropriado por Lacerda - a edificação pertencia a uma empresa denominada Hime & Cia - o prédio pode sofrer intervenções, sendo restaurado durante o biênio 1964-1965, o que rendeu aos arquitetos responsáveis um prêmio de arquitetura na época<sup>375</sup>.

Com a finalidade de enaltecer a herança portuguesa no Brasil, e embora a sua criação tenha ocorrido em 1965, o Museu só foi inaugurado em 1979, após a fusão da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro. Em 2012 o Museu foi novamente fechado para um processo de restauração, cujas obras terminaram em 2015. Na ocasião de sua reabertura, não mais funcionaria como o Museu do Primeiro Reinado, mas sim como Museu da Moda, a fim de “privilegiar o aspecto histórico do imóvel e a trajetória do gênero feminino no universo da moda”<sup>376</sup>. Além da casa da Marquesa de Santos não abrigar mais o Museu do Primeiro Reinado, os bens que ali haviam se perderam no incêndio ocorrido no Museu Nacional em 2018<sup>377</sup>.

### 3.6 – Sala Cecília Meireles

A Sala Cecília Meireles representa a erudição da cidade do Rio de Janeiro e o seu cosmopolitismo, e é um dos mais conceituados palcos de concertos do Rio de Janeiro. A história do prédio vem de muito antes da chegada de Carlos Lacerda ao governo da Guanabara, ainda no século XIX, quando o prédio abrigou uma confeitaria denominada Armazém do Romão, seguido de um hotel de grande importância da cidade onde ficaram

---

<sup>374</sup> SUCHODOLSKI, Sergio Gusmão; GORGULHO, Luciane Fernandes (Org.). *Preservação do patrimônio cultural brasileiro*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2016. 207 p.

<sup>375</sup> FERREIRA, M. M.; VALE, N. G. *De Solar da Marquesa de Santos a Museu do Primeiro Reinado*. In: Angela de Castro Gomes. (Org.). *Direitos e cidadania - memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007, v. P. 295-320.

<sup>376</sup> MEIRELES, Ana Renata dos Anjos. *Preservação do patrimônio cultural: uma reflexão sobre algumas violações à ética na casa da Marquesa de Santos no Rio de Janeiro*. 2019. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

<sup>377</sup> MEIRELES, Ana Renata dos Anjos. *Preservação do patrimônio cultural: uma reflexão sobre algumas violações à ética na casa da Marquesa de Santos no Rio de Janeiro*. 2019. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

hospedados inúmeros políticos influentes.<sup>378</sup> Posteriormente ao fechamento do hotel, foi aberto no local um cinema em 1941 que duraria até 1964, quando fechou suas portas.

Embora a cidade do Rio de Janeiro tenha se consolidado como um polo de atração e propagação de cultura, haviam poucos espaços destinados à música, tais como o Teatro Municipal, porém considerado amplo demais para execução de música de Câmara. É a partir disso que Carlos Lacerda demonstra interesse na execução de uma nova sala, destinada exclusivamente para a orquestra e o coro (e a música de câmara) e para dar à vida concertística do Rio uma intensidade maior e, portanto, uma mais fecunda variedade de repertórios<sup>379</sup>. Para isso, junto ao fechamento do cinema, Lacerda desapropriaria o prédio para a adequação do espaço à nova finalidade musical, abrindo ao público no último mês de 1965, tendo como seu primeiro diretor, o maestro Henrique Morelembaum. Assim, o espaço se tornou ao longo das décadas um importante espaço de música erudita na cidade.

A sala ganhou o nome de uma das maiores escritoras que já tivemos, Cecília Benevides de Carvalho Meireles. Nascida no Rio de Janeiro em 1901, a escritora carioca começou sua carreira de escritora em 1919, chegando a atuar como professora após se formar no curso normal. Aos 29 inicia carreira jornalística no *Diário de Notícias* onde comandou uma seção destinada à modernização da educação<sup>380</sup>. Foi a primeira mulher premiada pela Academia Brasileira de Letras, em 1963. A autora não chegou a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras, pois na época, mulher não podia ser elegível, embora ela tivesse sua obra reconhecida até no exterior, a ponto de possuir ruas em seu nome em Portugal.<sup>381</sup> Cecília Meireles veio a falecer em novembro de 1964<sup>382</sup>, às vésperas da desapropriação do imóvel. Amigo de longa data e admirador da escritora<sup>383</sup>, Lacerda a homenageou batizando com seu nome a nova sala de concerto.

---

<sup>378</sup> NUNES, Marcelo Ferreira Portela. *Karl Richter e os Ciclos Bach do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Musicologia) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

<sup>379</sup> *Jornal do Brasil*, Caderno B, edição de 16/03/65, pg.2 In: NUNES, Marcelo Ferreira Portela. *Karl Richter e os Ciclos Bach do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Musicologia) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016

<sup>380</sup> CUNHA, Marcus Vinícius da & SOUZA, Aline Vieira de. *Cecília Meireles e o temário da Escola Nova*. Cadernos de Pesquisa. vol. 41. n. 144. set./dez. 2011, p. 850-865.

<sup>381</sup> *Cecília Meireles - Deusa e poeta*. Academia Brasileira de Letras. 2005. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/artigos/cecilia-meireles-deusa-e-poeta>>. Acesso em: 06 fev. 2022

<sup>382</sup> CUNHA, SOUZA. *Cecília Meireles...*

<sup>383</sup> PAIVA, A. G.A *incursão literária do jovem Carlos Lacerda: memórias de um Rio de Janeiro em transformação*. Revista SOLETRAS, v. 27, p.



A relação de Cecília com a cidade era intensa, enviava cartas onde ela descrevia as paisagens e nessa descrição ela se confundia com as paisagens, tal como observado em carta enviada ao poeta português Côrtes-Rodrigues, onde ela diz:

neste postal vai a imagem -- que domina toda a cidade -- do Cristo, no alto do Corcovado. Na vertente a seus pés, entre esse pico e a baía, -- que vai indicada à margem, -- em pequena altitude, a nossa casa. Quando se olha em redor, não se avista mais do que montanha e floresta. Há umas edificações novas, perto, mas não pesam na paisagem. E há coisas longe -- o mar, os navios... -- que ninguém vê senão eu.<sup>384</sup>

Cecília Meireles ao descrever paisagens, não se limitava a descrever os cenários, mas associava sua imagem à cidade onde nasceu, como fez na década de 1940 ao apresentar fotografias de peregrinações religiosas na revista *Travel in Brazil*, publicado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) durante o Estado Novo, na qual Cecília era editora e que assinava como Florência. A revista transitava entre a tradição e o moderno, se sobressaindo à dualidade entre nacional e o regional<sup>385</sup>. A apresentação da pátria é feita através do Rio de Janeiro, reiterando o lugar do Rio como síntese do Brasil. Carlos Lacerda em sua gestão à frente do estado da Guanabara reforça essa posição, e institucionaliza a cidade enquanto espelho da nação.

A inauguração da sala de concertos contou com a presença de uma das filhas de Cecília Meireles, declamando textos da mãe ao som de violão. A proposta da Sala foi inovadora, já que popularizou a música clássica sem competir com as músicas populares que eram tocadas nas rádios<sup>386</sup>, recebendo inúmeros elogios da crítica não somente pela propagação da música perante a população carioca, mas devido a excelência da sua acústica. Assim, a Sala é um *lugar de memória* da Guanabara consolidado, com reconhecido sucesso perante a sociedade e profissionais da área.

Quarenta anos após a sua inauguração, a sala foi tombada apenas em 2005, através de uma ação entre os governos estadual e municipal. Esse tombamento permitiu, além da manutenção de um patrimônio cultural importante, que a memória ressignificada por

---

<sup>384</sup> SACHET, C. *O Rio de Janeiro de Cecília Meireles para Armando Cortes-Rodrigues*. Travessia n°22, UFSC, Florianópolis, 1991

<sup>385</sup> ROMANO, L. A. C. . *Cecília Meireles e a Travel In Brazil: Duas festividades religiosas no Rio de Janeiro - Santo Antônio e Nossa Senhora da Penha*. MATRAGA , v. 27, p. 210-228, 2020.

<sup>386</sup> ESTADO DO RIO DE JANEIRO. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA. Sala Cecília Meireles. Histórico. Disponível em: <<http://diariodorio.com/historia-da-salacecilia-meireles/>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

Lacerda fosse mantida<sup>387</sup>. Recentemente o prédio passou por reformas para melhorar a experiência de quem visita o espaço e a acústica para os profissionais que ali se apresentam<sup>388</sup>.

A localização privilegiada da Sala vem ao encontro do debate entre o erudito e o popular, já que o bairro da Lapa é tradicional reduto da boemia carioca, do samba, da malandragem, isso fez com que houvesse a diversificação do bairro, ampliando seu público.

### **3.7 - Escola Superior de Desenho Industrial**

A Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) representa a vanguarda estética e industrial da cidade do Rio de Janeiro. Fundada no Natal de 1962, a ESDI foi a primeira, a nível nacional, a se destinar ao Desenho Industrial, inspirada no modelo alemão da Hochschule für Gestaltung com traços racionalistas e cientificistas, que inclusive teve dois alunos participantes da idealização do ESDI junto com Aloísio Magalhães<sup>389</sup>. Este foi também o responsável pela criação da logomarca das comemorações do IV centenário do Rio de Janeiro e do design das novas cédulas brasileiras, em 1968, tornando-o consultor da Casa da Moeda.

A ESDI surgiu com o objetivo de criar e aperfeiçoar os produtos gerados pela indústria, onde os alunos teriam acesso ao que há de mais moderno nessa área, principalmente pela sua inspiração europeia. Sua criação é um reflexo da modernização do Brasil à época, cuja origem baseada numa concepção alemã foi alvo de críticas por ser diferente da realidade brasileira, alheia aos “costumes e as práticas culturais dos povos

---

<sup>387</sup> MARQUES, Clóvis. *40 Anos de Música: Sala Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Associação dos Amigos da Sala Cecília Meireles, 2006.

<sup>388</sup> SALA CECÍLIA MEIRELES. *Cultura & Economia criativa*. 2021. Disponível em: <<http://cultura.rj.gov.br/sala-cecilia-meireles/>> Acesso em: 06 fev. 2022

<sup>389</sup> FERREIRA, Eduardo Camillo K.; BRAGA, Marcos da Costa ; "*I Seminário de Ensino de Desenho Industrial de 1964/1965: o primeiro debate entre instituições*". In: *Revista Estudos em Design*, v. 24, n. 03. Rio de Janeiro: Estudos em Design, 2016. p.1 – 15. ISSN 1983-196X

que formam as etnias brasileiras”<sup>390</sup>.Entretanto, seus defensores alegavam que essa seria uma linguagem universal, servindo em qualquer localidade.<sup>391</sup>

No contexto de sua criação, não podemos deixar de notar a demanda modernista que havia nesse período, pois a ESDI está situada entre a política desenvolvimentista de Juscelino e o Milagre Econômico ocorrido durante os governos militares poucos anos mais tarde. Nesse período, o *design* nacional assume um viés produtivo e tecnológico complementar ao crescimento industrial que, aliada à sua influência alemã, fazia distinções entre arte e *design*<sup>392</sup>.

A criação da Escola Superior de Desenho Industrial se enquadra em um contexto de ruptura com o passado dito “arcaico e escravocrata” que se iniciou com o pensamento positivista republicano e esse rompimento foi liderado, dentre outros nomes, por Getúlio com a criação da Petrobrás, JK e a construção de Brasília e Carlos Lacerda com a inauguração da ESDI, trazendo assim uma modernidade ao Brasil, onde propuseram um modelo de nação moderna, que se projeta ao futuro.<sup>393</sup>

Um ponto que chama a atenção a respeito da instituição se dá pelo fato dela ser orientada ao *design*, mas tal termo não se faz presente em seu nome e por uma razão simples, havia a preocupação de que a utilização do termo “design” não ser compreendida pelos eventuais alunos no momento de suas inscrições para ingresso na Escola, pois o termo era pouco difundido à época<sup>394</sup>. O surgimento do curso inspirou o nascimento de outras escolas de igual finalidade tal como a Escola de Belas Artes da UFRJ e a graduação em desenho industrial na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ). Com a fusão, a ESDI que atuava de forma independente, passa a fazer parte da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

A instituição foi mais uma das novidades da gestão de Carlos Lacerda, porém como as anteriormente citadas aqui nesse capítulo, é algo destinado às elites da

---

<sup>390</sup>ALMEIDA, Anderson Diego da S. *Narrativa Imagética da Coleção Perseverança: um conceito de etnodesign afro-brasileiro*. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós- Graduação em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió: UFAL, 2015. 212 ff

<sup>391</sup> VIEIRA, Thaís Letícia Pinto. *Imprinta: uma gráfica para designers*. 2008.249 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

<sup>392</sup> MIZANZUK, Ivan Alexander. *A Narrativa Histórica de Alexandre Wollner sobre o Design Brasileiro em sua Relação com Arte, Indústria e Tecnologia*. 2015. 279 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

<sup>393</sup> CARDOSO, Rafael. (org.). *O Design brasileiro antes do design*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2011a.

<sup>394</sup> FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.

Guanabara, feitas por essa camada da sociedade, ou seja, é essa elite quem moderniza a sociedade, a fim de garantir para si o poder do desenvolvimento e o controle desse processo<sup>395</sup>.

Isso ajuda a entendermos as razões pela qual o ESDI foi criado aqui no Rio e não em São Paulo, que na época já era o principal centro industrial do país. O antigo distrito federal havia sido capital do Império e da República, concentrando ainda muito da vida cultural do Brasil, além disso, havia a presença da Escola Nacional de Belas-Artes, reforçando assim o pensamento acadêmico do Rio de Janeiro em oposição à capital paulista. Somou-se a isso, o interesse de Carlos Lacerda em manter o Rio enquanto polo cultural e industrial. Segundo o governador, a criação da escola “visa, além de formar quadros para a utilização devida dos materiais e para a educação do gosto e do uso funcional de uma civilização industrial nascente, visa a uma alta tarefa, esta sim, profundamente nacionalista.”<sup>396</sup>

Carlos Lacerda reforça não apenas o ineditismo da ESDI e o seu alcance nacional, mas também o de si próprio, já que o governador transcende intencionalmente os limites da Guanabara, colocando-se como nacionalista acima de chefe do executivo estadual. Suas ações são de interesse nacional, não apenas para a Guanabara. Em seus discursos Lacerda se dirige aos brasileiros, e não somente ao povo carioca.

### 3.8 – Símbolo do IV Centenário

Para os festejos do aniversário de quatrocentos anos do Rio de Janeiro, a organização do evento criou uma logomarca com o objetivo de se expandir através de:

toda e qualquer documentação, publicação ou propaganda, oficial ou não, e fixada como adesivos nos carros e nas casas, como também nas capas e páginas das edições comemorativas apoiadas pelo estado e diretamente pelo seu governador, cujos textos produzidos por poetas, jornalistas e memorialistas tiveram em comum a conformação de quatro séculos da memória do Rio, calcada na origem da cidade e nos

---

<sup>395</sup>SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. "A ESDI e o Ensino Formal de Design". In *KARL HEINZ BERGMILLER um Designer Brasileiro*, 196–251. Editora Blucher, 2019.

<http://dx.doi.org/10.5151/9788521218944-04>

<sup>396</sup>SOUZA. *A ESDI...*

momentos-chaves da sua história; em seus lugares de identificação e nos heróis cariocas.<sup>397</sup>

As comemorações fomentaram uma literatura festiva que propagava a cidade e o próprio governo estadual, renovando sua imagem frente à população. Sendo uma celebração da memória construída da cidade<sup>398</sup>, trata-se de uma “retórica legitimadora”<sup>399</sup>, já que a data permitia a escolha dessas memórias que seriam ou não guardadas<sup>400</sup>.

Aluísio Magalhães ganhou em 1963 o concurso que escolheu o símbolo das comemorações do IV centenário do Rio de Janeiro. Magalhães foi um design nascido em Recife em 1927, dotado de uma obra de imenso valor ligado à cultura brasileira através de suas pinturas, programações visuais e símbolos que o levaram a ser diretor do IPHAN. Magalhães foi também um dos fundadores da ESDI e Secretário do Ministério da Educação e Cultura<sup>401</sup>, como também foi responsável pela identidade visual de empresas como a Light, Petrobrás, notas de cruzeiro, além do selo referente ao Sesquicentenário da Independência<sup>402</sup>.

O concurso foi marcado por uma intensa participação popular marcada também por uma grande quantidade de peças gráficas, cujo edital contava com às seguintes exigências:

o tema é de livre escolha, devendo atender, no entanto, às atuais tendências estéticas de divulgação, e igualmente prestar-se para figurar em documentos, papéis para correspondências, folhetos, cartazes, sinetes, escudos e painéis, em

---

<sup>397</sup> MESQUITA, Claudia, *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

<sup>398</sup> COSTA, Valter Vinícius Lima de Sousa. *A Coletividade em Aloísio Magalhães: A carreira do designer e estudo de caso sobre a popularização do Símbolo do IV Centenário do Rio de Janeiro*. Orientadora: Profª. Drª. Maria Beatriz da Rocha Lagoa. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>399</sup> TURAZZI, Maria Inez. *Aniversário da cidade: histórias e memórias que se cruzam*. In: TURAZZI, M. I. (Org.); MESQUITA, C.; LEITE, J. S. Rio 400 + 50: comemorações e percursos de uma cidade. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014c. p. 18 - 75.

<sup>400</sup> TURAZZI. *Aniversário da cidade...*

<sup>401</sup> FELISETTE, M. C. M. *A linguagem gráfica de Aloísio Magalhães e o projeto editorial no Brasil (os anos 50 e 60)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28022013-101939/pt-br.php>. Acesso em: 19 abr. 2022.

<sup>402</sup> FERREIRA, L. C. A.. *Os intelectuais do Centro Nacional de Referência Cultural e a dinâmica do particular-universal (1975-1979)*. In: XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 2014, Rio de Janeiro. XVI ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO: SABERES E PRÁTICAS CIENTÍFICAS, 2014. p. 1-9.

objetos tidos como souvenirs, enfim, em tudo o que se fizer para lembrar as comemorações do IV centenário da Cidade do Rio de Janeiro.<sup>403</sup>

Tal edital referenciava uma tendência modernista e concreta na qual Magalhães encontrou a solução em linhas geométricas caracterizado por:

quatro triângulos rotacionados de maneira a criarem uma forma quadrangular. Separando os triângulos, o espaço em branco remete a um formato em cruz. Três dos triângulos são azuis (cor da cidade), já o superior esquerdo une o verde e o amarelo, cores da bandeira nacional. A partir destes elementos a marca forma o número 4 (representativo da comemoração) quatro vezes, onde o espaço negativo representa as hastes e a forma triangular significa a contra-forma do numeral<sup>404</sup>.

Assim como observamos na imagem eleita pelo concurso:

Figura 2 – Símbolo do IV Centenário

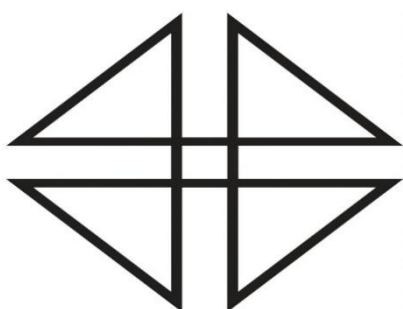


Figura 3 – Símbolo colorido



Fonte: IV Centenário do Rio de Janeiro. Itaú Cultural. Disponível em <[O símbolo faz referências à Cruz da Ordem de Cristo, em uma homenagem às primeiras embarcações portuguesas que aqui desembarcaram. Atendendo assim aos requisitos exigidos pela organização o evento, sua geometria remetia as tendências](https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/aloisio-magalhaes/o-designer/#:~:text=O%20s%C3%ADmbolo%20do%20IV%20Centen%C3%A1rio,22%20de%20julho%20de%201964).> Acesso em 19 abr 2022</a></p></div><div data-bbox=)

<sup>403</sup> CONCURSO para escolha do símbolo do 4º Centenário já tem o seu regulamento. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1963. p. 14. Digital. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_08&pasta=ano%20196&pesq=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_08&pasta=ano%20196&pesq=>). Acesso em: 19 abril 2022.

<sup>404</sup> COSTA, Valter Vinícius Lima de Sousa. *A Coletividade em Aloísio Magalhães: A carreira do designer e estudo de caso sobre a popularização do Símbolo do IV Centenário do Rio de Janeiro*. Orientadora: Prof. Drª. Maria Beatriz da Rocha Lagoa. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

estéticas do período, as várias formas de se observar o número quatro, símbolo das comemorações, sendo passível de ser percebido em diversas posições<sup>405</sup>.

O próprio Magalhães explicava que a logo vencedora pretendia expor não apenas uma parte específica da cidade, mas o Rio de Janeiro por inteiro, com multiplicidade de aspectos exigidos pelas comemorações, dinâmica e rica<sup>406</sup>. Enquanto que a versão colorida apresenta as cores da bandeira brasileira, remetendo ao caráter nacional da cidade, à sua relevância mesmo após deixar de ser a capital federal.

Com o símbolo das comemorações já definido, diversos produtos foram confeccionados e consumidos pela população, demonstrando a rápida absorção dessa logomarca, sem a apropriação estatal, gerando dessa forma usos espontâneos<sup>407</sup>. Tamanha foi a aceitação entre os cariocas, que Carlos Drummond de Andrade afirmara:

popularizou-se, não como “jingle” ou trejeito de artista de televisão, mas como realização gráfica, pura, nua, falante, comunicante, sem apelar para gratos, porém sabidos sensualismos e rotundidades de nossa paisagem. Se alguém ainda teima em não gostar dele, azar desse alguém, deixa falar<sup>408</sup>.

Por meio da criação desses *lugares de memória*, Carlos Lacerda investe na construção de uma memória local, buscando reforçar o lugar estratégico da cidade do Rio de Janeiro perante a nação. Desse modo, podemos considerar Lacerda como um “inventor de tradições” cariocas, nos termos definidos por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, sendo responsável por:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado<sup>409</sup>.

---

<sup>405</sup> COSTA, Valter Vinícius Lima de Sousa. *A Coletividade em Aloísio Magalhães: A carreira do designer e estudo de caso sobre a popularização do Símbolo do IV Centenário do Rio de Janeiro*. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>Dr<sup>ª</sup>. Maria Beatriz da Rocha Lagoa. Rio de Janeiro, 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>406</sup> *Jornal do Brasil*, 22 jul. 1964.

<sup>407</sup> COSTA. *A Coletividade ...*

<sup>408</sup> LEITE, João de Souza. *O desenho como razão de ser: a criação do símbolo do IV Centenário do Rio de Janeiro*. In: TURAZZI, M. I. (Org.); MESQUITA, C.; LEITE, J. S. Rio 400 + 50: comemorações e percursos de uma cidade. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014c. P. 122 - 169.

<sup>409</sup> HOBBSAWM, E. e RANGER, T. *A invenção da tradição*. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

## Considerações Finais

Destacamos algumas características que marcaram a gestão de Carlos Lacerda à frente da Guanabara. Dentre elas, podemos citar as dificuldades na condução de negociações políticas com o legislativo local, muito em função de sua forte personalidade e seu histórico político; conflitos com o governo federal, e a adoção de um discurso golpista em defesa da intervenção militar no país - transformado em oposição devido o prolongamento do mandato de Castelo Branco - e por último, a modernização e melhoria da infraestrutura da cidade do Rio de Janeiro<sup>410</sup>.

Tomando a cidade do Rio de Janeiro como “aglutinador do conceito da nação brasileira”<sup>411</sup>, o udenista atuou também como um “arquiteto memorialista”, garantindo o protagonismo do Rio no contexto da federação brasileira mesmo com o deslocamento da capital para o planalto central. Como inventor de tradições, Lacerda empreende uma conexão do Rio de Janeiro com o passado da nação brasileira, formalizando e ritualizando essas tradições. O que não significa dizer que a tradição em sua forma espontânea, natural, não ocorrera em seu governo, pois “somente partindo de memórias e tradições espontâneas é que se torna possível manipular o imaginário coletivo para invenção de uma tradição, com o objetivo a curto ou longo prazo de dominação”<sup>412</sup>

A interseção entre política e cultura foi um marco do governo lacerdista, na medida em que os interesses políticos de Lacerda são evidentes nesse trabalho com a memória, por meio do qual, o governador seleciona alguns aspectos da “tradição espontânea, tirando dela apenas alguns aspectos que venham figurar no enredo da tradição inventada”<sup>413</sup>.

---

<sup>410</sup> VERSIANI, Maria Helena. *A política carioca nos anos 1960: cassações e clientelismo*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina, PR. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2005. p. 4)

<sup>411</sup> MATTOS, Rita de Cássia de. *Coleções públicas de arte: formação e desenvolvimento de um patrimônio público*. Coleção BANERJ, um patrimônio público. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST

<sup>412</sup> SILVA, Vanessa Aparecida da. *A invenção das tradições: Festas religiosas em Goiás*. Monografia (Graduação em História). Escola De Formação De Professores E Humanidades. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás. Página?

<sup>413</sup> PINHEIRO, Antônio Cesar Caldas. *Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção de tradições*. Goiânia: Ed. Da UCG, p. 33-39, 122-125, 2010.



Com Lacerda, a tradição carioca é interpretada sob um viés ideológico, fazendo do udenista um elo entre o passado, o presente e futuro da cidade do Rio de Janeiro, na medida em que a sua narrativa sobre o passado “é uma maneira de propor um projeto para a atualidade, vinculando-se a raízes e origens”.<sup>414</sup> Portanto, a gestão de Lacerda realizou a ressignificação do Rio de Janeiro, reforçando o valor patrimonial da cidade como representação de uma identidade nacional.

O udenista associa a memória da cidade do Rio de Janeiro como base para a construção da sua própria memória, colocando-se como alguém providencial, que não se limita a propor melhorias apenas para a cidade do Rio de Janeiro e a sua população, mas para o país como um todo e para todos os brasileiros. Afinal, Lacerda governou a Guanabara com vista à presidência do Brasil. Isso significa dizer que Lacerda tinha um projeto de nação.

Esse empreendimento cultural favoreceu sobretudo as elites cariocas, muito em função dos tombamentos serem realizados nas áreas mais nobres da cidade, com obras que valorizavam a presença do automóvel, tal como o Aterro do Flamengo, ao passo que do outro lado da cidade estavam os que lutavam pela dignidade de suas famílias nas longas distâncias até o trabalho, em um transporte escasso e lotado.

A partir do decreto da Lei Complementar nº 20 de 15 de março de 1975, a cidade do Rio de Janeiro foi incorporada ao estado homônimo, assumindo a cidade o papel de capital estadual<sup>415</sup>. A partir da fusão houve um esvaziamento do Rio enquanto vitrine nacional. Isso fez com que o Rio de Janeiro fosse reduzido, de uma cidade de importância nacional, para uma cidade de relevância estadual<sup>416</sup>.

Os defensores da fusão apostaram na expectativa de um desenvolvimento regional fluminense. Já os opositores, tinham como argumento que tal iniciativa elevaria os custos para a cidade do Rio de Janeiro, já que este, enquanto estado da Guanabara, era mais rico que o estado do Rio de Janeiro. Havia também quem entendia a fusão como uma manobra do governo militar para desestabilizar a *cidade-estado*, então administrado pelo Movimento Democrático Nacional (MDB) partido oposicionista, ao passo que o estado

---

<sup>414</sup> MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade: Quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus, 2010

<sup>415</sup> GEISEL sanciona a lei que fará a fusão. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 jul. 1974.

<sup>416</sup> LEITE, Edgard Teixeira, *Que será do Rio? Correio da manhã*, 31/7/1958

do Rio era ligado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA), partido do governo federal<sup>417</sup>.

A reconstrução do Rio é um tema que continua em pauta, no qual a cidade é vista como vítima da mudança de seu estatuto com o advento da fusão, e consequente perda da sua importância como capital do Brasil<sup>418</sup>. Esse trabalho pretendeu contribuir com essa discussão, lançando luz sobre um momento particularmente importante na constituição de uma identidade carioca, a partir do trabalho memorialístico empreendido por Carlos Lacerda e sua equipe na gestão da *cidade-estado* da Guanabara.

Ao longo de sua longa e polêmica atuação com político, Carlos Lacerda foi apelidado de “demolidor de presidentes”, “construtor de estado”, “corvo”. Com essa dissertação sobre os trabalhos de Lacerda com a memória, esperamos ter inscrito mais um codinome associado ao governador da Guanabara, o de “arquiteto memorialista” da cidade do Rio de Janeiro.

## Fontes:

A Semana. (Org. Mário de Alencar). Rio de Janeiro: Garnier, 1914.

AGÊNCIA, Nacional informa: Deputado Aliomar Baleeiro converteu-se a Brasília, *Jornal do Brasil*, 19 dez. 1958

Aliança para o Progresso: resultado de inquérito.

Arquitetura e Urbanismo da Nova Capital – O concurso para o plano piloto”, *Revista Brasília*, no 03, ano 1, março de 1957.

BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

BRANCO, Paulo. *Paulo Branco (depoimento, 1998)*. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 1998.

BRASÍLIA, *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1958

---

<sup>417</sup> Em 15 de março de 1975, Guanabara e Rio se transformam num único Estado. Disponível em: < <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-15-de-marco-de-1975-guanabara-rio-se-transformaram-num-unico-estado-10121382> >. Acesso em 29. Abril. 2020.

<sup>418</sup> COUTO, Ronaldo Costa. *Apud* Motta (2001: 14)

BRASÍLIA. Portal do governo de Brasília. 2015

*Cecília Meireles - Deusa e poeta*. Academia Brasileira de Letras. 2005. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/artigos/cecilia-meireles-deusa-e-poeta>>. Acesso em: 06 fev. 2022

*Cultura e pesquisa agora se instalarão no parque do povo*. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015\\_1965\\_00227.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/030015/per030015_1965_00227.pdf) >. Acesso em: 18 março 2021

Cultural, Instituto Itaú. «Luís da Câmara Cascudo». Enciclopédia Itaú Cultural.

Decreto 58.168, de 11-4-1966

DECRETO "E" Na 788 DE 15 DE JULHO DE 1965 In: CARVALHO, Paulo Roberto Barros de. Organização governamental e trabalho: autorrealização, prazer e eficácia - o caso da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas - FGV, Rio de Janeiro, 1998.

*Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 18 dez, 1957. Notas Políticas

DOXIADIS ASSOCIATES. (1965). *Guanabara*. A Plan for Urban Development. Rio de Janeiro: CEDUG. In: CRUZ, Maurício Feijó . O PAPEL DA MOBILIDADE URBANA NOS SUPERPLANOS O Plano Urbanístico Básico de São Paulo (1968) e o Plano Doxiadis para o Estado da Guanabara (1965). In: *X Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo*, 2018, Barcelona. Archivos Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2018. v. 10.

Edgard Teixeira Leite, *Que será do Rio? Correio da Manhã*, 31/7/1958

Em 15 de março de 1975, Guanabara e Rio se transformam num único Estado. Disponível em: < <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/em-15-de-marco-de-1975-guanabara-rio-se-transformaram-num-unico-estado-10121382> >

*Estado, território ou reintegração ao estado do Rio?*, *Jornal do Brasil*, 12/7/1958

*Estado Novo: Arquitetura e Poder*”, *Chão*, nº 2, jun/jul/ago, 1978.

ESTADO DA GUANABARA. Decreto “N” nº 346 de 31 de dezembro de 1964. Regula a Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara. In: Mattos, G. M. M. de (2018) *Leituras de um passado, desenhos de um futuro: a preservação do patrimônio cultural edificado na Área Central do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: [https://www.academia.edu/44155202/Leituras\\_de\\_um\\_Passado\\_Desenhos\\_de\\_um\\_Futuro\\_A\\_preserva%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Patrim%C3%B4nio\\_Cultural\\_Edificado\\_na\\_%C3%81rea\\_Central\\_do\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_2018\\_](https://www.academia.edu/44155202/Leituras_de_um_Passado_Desenhos_de_um_Futuro_A_preserva%C3%A7%C3%A3o_do_Patrim%C3%B4nio_Cultural_Edificado_na_%C3%81rea_Central_do_Rio_de_Janeiro_2018_) [Consultado em: 17 de junho de 2021].

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA. Sala Cecília Meireles. Histórico. Disponível em: <<http://diariodorio.com/historia-da-salacecilia-meireles/>>. Acesso em: 10 fev. 2022

EUGÊNIO, Gudin reafirma: *Brasília - Fantasia Perniciosa*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 mai. 1957

Fim às filas nas escolas. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pasta=ano%20196&pagfis=1939](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pasta=ano%20196&pagfis=1939)>.

FORJAZ, Jorge (2007), *Genealogias da Ilha Terceira*, 7, Lisboa, p. 461.

GB/RJ, O Superestado, *Manchete* 13. Jul. 1974.

*GEISEL sanciona a lei que fará a fusão*. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 2 jul. 1974.

Isto eu prometo. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&Pesq&pagfis=1675](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq&pagfis=1675)>.

JK no Palácio das Ilusões Perdidas: Faixa Negra – Belo “Abacaxi” Vai Passar o Presidente, *A Hora*, São Paulo, 26 fev. 1957

*Jornal do Brasil*, Caderno B, edição de 16/03/65, pg.2 In: NUNES, Marcelo Ferreira Portela. *Karl Richter e os Ciclos Bach do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em

Musicologia) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016

LACERDA, Carlos. *Discurso de Inauguração do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro*. 3 de Setembro de 1965. Em Setor de Fitas de Áudio da Fundação MIS Rio de Janeiro. In: MESQUITA, Claudia, *Um Museu para a Guanabara: Carlo Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

\_\_\_\_\_, Carlos, *Discurso de Agradecimento*. Publicado no *Correio da Manhã* de 06/01/1946.

\_\_\_\_\_, Carlos. *Otimismo: o Nosso e o da Gamorra*. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 29 dez. 1958

*Lacerda diz que sua vitória foi insurreição da consciência popular*. Disponível em: <  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pasta=ano%20196&pagfis=12986](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pasta=ano%20196&pagfis=12986)>

*CARLOS LACERDA NO PTN: MINHA CANDIDATURA E DE TODAS AS CLASSES*.

Disponível em: <  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_02&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=1779](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_02&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=1779)>

*LACERDA PASSA O MANDATO AO VICE E PRESTA CONTAS*. Disponível em: <  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=76202](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&Pesq=%22Discurso%20de%20Carlos%20Lacerda%22&pagfis=76202)>.

\_\_\_\_\_, Carlos. *Otimismo: o Nosso e o da Gamorra*. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 29 dez. 1958

Lei 4.897, de 9-12-1965

MENDEZ, Tito. *Brasília, não! O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1957. Flagrante

MUSEU DA REPÚBLICA. São Paulo: Banco Safra, 2011.

*O Dia*, Redação (3 de agosto de 2021). «<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2021/08/6204631-alerj-inaugura-plenario-em-nova-sede-no-centro-do-rio.html>». *O Dia*. Consultado em 28 de janeiro de 2022

*O GLOBO*, *O novo governador*, 16 de abril de 1960

*O PREÇO DA CAPITAL. Folha da Manhã*, Pernambuco, 31 de outubro de 1956.

PALÁCIO TIRADENTES ATRAVÉS DA HISTÓRIA. PALÁCIO TIRADENTES. Disponível em <<http://www.palaciotiradentes.rj.gov.br/historia/>>

Processo n. 748-T-64 – Parque do Flamengo

PROJETO DISPÕE SOBRE REDIVISÃO TERRITORIAL E CRIA ÁREA METROPOLITANA DO GRANDE RIO. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1974

RESOLUÇÃO Nº 21 de 05/04/2012 - Atividades e atribuições profissionais do arquiteto e urbanista e dá outras providências.

*Revistas Architectura no Brasil*, de 1921 a 1926 Apud ALENCAR, A. T. S. . *Archimedes Memória: "o futuro ancorado no passado"*. In: 9º Seminário Docomomo Brasil, 2011, Brasília. 9º Seminário Docomomo Brasil: anais, 2011

*Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro - A cidade do Rio de Janeiro dos anos de 1960 e 1970* n.4, 2010

RIO DE JANEIRO (Estado). *Revista de Direito da Procuradoria Geral. Rio de Janeiro: Procuradoria de Divulgação Jurídica*, 1975(b), vol. 29, t. 1 e 2.

SALA CECÍLIA MEIRELES. *Cultura & Economia criativa*. 2021. Disponível em: <<http://cultura.rj.gov.br/sala-cecilia-meireles/>> Acesso em: 06 fev. 2022

SEDES HISTÓRICAS. Câmara dos Deputados. Disponível em <<https://www2.congressonacional.leg.br/visite/sedes-historicas>> Acesso em: 09 Jul. 2020

SPERB, Paula (19 de dezembro de 2020). «Índice ideológico orientou ajuda dos EUA a governadores para desestabilizar Jango». *Folha de S. Paulo*

ÚLTIMA HORA. Governador Sette Câmara: "*Esta é Uma Hora de Júbilo e Esperança*".  
*Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1960. p. 2. Disponível em:  
[Http://memoria.bn.br/docreader/386030/60101](http://memoria.bn.br/docreader/386030/60101). Acesso em: 15 jan. 2022

## **Bibliografia**

A EXPOSIÇÃO anticomunista. O Observador Econômico e Financeiro, v. 3, n. 36, janeiro de 1939, p.124-152 In: MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O demolidor de presidentes*. 1. ed. São Paulo: Códex, 2002. v. 1. 1p . In: COOREA, Maria Letícia; CHAVES, Monica Piccolo Almeida; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. (Org.). *História econômica e imprensa*. 1ed.Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, v. 1, p. 139

A história do Rio de Janeiro, do esplendor à crise. Disponível em: <  
<https://www.portaldoholanda.com.br/riode-janeiro/do-esplendor-crise-historia-do-rio> >

ABREU, Alzira Alves de e LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50.*, 2011

ABREU, Jade. *História da Novacap*. Agência Brasília. 2016.

ABREU, Mauricio de. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. RJ. IPLANRIO/ Zahar, 1987.

AGUIAR, Tânia Mara. *Museu da Imagem e do Som: O desafio do processo de musealização dos acervos audiovisuais no Brasil*. 2012. 397f. Tese (Doutorado em Museologia) – Departamento de Museologia, Universidade Lusófona e Humanidades e Tecnologias: Lisboa, 2012.

ALBERTI, Verena; SARMENTO, Carlos Eduardo; ROCHA, Dora (Orgs.). *Mario Henrique Simonsen: um homem e seu tempo*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ALENCAR, A. T. S. *Archimesdes Memória - O Futuro Ancorado no Passado*. 2010. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Arquitetura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro

ALMEIDA, Anderson Diego da S. *Narrativa Imagética da Coleção Perseverança: um conceito de etnodesign afro-brasileiro*. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Alagoas. Maceió: UFAL, 2015. 212 ff

AMORA, A. M. G. A. *Lugares de memória da saúde no Centro do Rio de Janeiro*. In: Anais do I ENANPARQ. Rio de Janeiro: PROURB, 2010.

ALVES, FABIÓLA CRISTINA. *Olhando o passado no Palácio Tiradentes: um retrato coletivo da autoridade republicana disfarçado de esperança*. An. mus. paul., São Paulo , v. 27, e09, 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. À ESPERA. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro ,24 mar. 1957. Imagens Cariocas

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1993.

ARAÚJO, V. L. de et al. *La experiencia brasilena com bancos de desarrollo: el caso del Banco Nacional de Desarrollo Económico y Social de Brasil*. In: ROUGIER, M. (Comp.). *La banca de desarrollo en América Latina: luces y sombras en la industrialización de la región*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre história e a memória*. Bauru: Edusc, 2000.



ASSIS, Machado de. *No futuro, o estado da Guanabara [1896]*. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965

AUGRAS, Monique. *História oral e subjetividade*. In: (org.) SIMSON, O. R. M. V. Os desafios contemporâneos da História Oral. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

Auler, Isabel Cristina Fernandes; Reznik, Luís. *As Memórias de Carlos Lacerda. Evocação de um passado presente*. Rio de Janeiro, 2011, 110 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

AZEVEDO, Aroldo de. Arnolfo Azevedo. *Parlamentar da Primeira República (1868-1942)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

AZEVEDO, Luiz Vitor Tavares. *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na Tribuna da Imprensa (1953-1955)*. Dissertação de Mestrado defendida no ICHF/UFF em 1988: 114, apud DELGADO, Márcio de Paiva., op. cit., 2006:

BARÇANTE, Eliana Maria Vinhaes; SANCHES, M. G. *História da Região - Volume 2*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012. v. 1. 214p.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica*. Mouseion (UniLasalle), v. 12.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República de 1930 a 1960*. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

BATISTA, G. L. *Dalan Ba Dame: Relatos de um conflito na Comissão da verdade em Timor-Leste* In: VIII Encontro Regional Sul de História Oral, 2015, Joinville. HISTÓRIA ORAL LUGARES EXPERIÊNCIAS & DESAFIOS. Joinville: UNIVILLE, 2015.

BATISTELLA, Alessandro. “Um conceito em reflexão: o “populismo” e a sua operacionalidade”. In: *Revista Latino-Americana de História*, Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012, Edição Especial – Lugares da História do Trabalho

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BEAL, Sophia. *Obras públicas monumentais, ficção e o regime militar no Brasil (1964-1985)*. In: *Escritos: Revista da Fundação casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, ano 4, nº4, 2010.

BENEVIDES, Maria V. *O governo Kubistchek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

\_\_\_\_\_, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti (Coord.). *O Rio de Janeiro e sua região*. Rio de Janeiro: IBGE/Conselho Nacional de Geografia, 1964.

BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 164

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Eugênio Gudin*. *Estud. av.*, São Paulo, v. 15, n. 41, p. 91-110, Apr. 2001

BIROLI, Flávia. *Liberdade de imprensa: margens e definições para a democracia durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.24, n.47, p.213-40, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRENNA, Giovanna Rosso del (org.). *Uma cidade em questão II*. O Rio de Janeiro de Pereira Passos. Editora Index, 1985.

BRUM, Mario Sergio. *Cidade Alta: História, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em História Social/PPGH-UFF. Niterói, 2011,

CAMPELLO, Carlos. *A estratégia empresarial de Henrique Lage e a Companhia Nacional de Navegação Costeira*. In: VII Congresso brasileiro de história econômica e 8ª

Conferência internacional de história de empresa, 2007, Aracajú. *Anais do VII Congresso brasileiro de história econômica e 8ª Conferência internacional de história de empresa, 2007.*

CAMPOFIORITO, Ítalo. *Patrimônio Cultural: "Onde a cultura existe dar voz a ela"*. In: Revista do Brasil. Edição Especial: Política Cultural no Rio de Janeiro (org – Darcy Ribeiro). Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro/Secretaria de Ciência e Cultura e Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, 1986.

CAMPOS, P. H. P. *A cidade do Rio de Janeiro nos anos 1960 e 1970: setorização social em processo - notas de pesquisa. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 4, p. 81-96, 2010.

CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

CANTARINO, Carolina. *Relações ambivalentes desafiam a historiografia*. Cienc. Cult, São Paulo , v. 66, n. 3, p. 8-9, Sept. 2014 . Disponível em<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252014000300004&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000300004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 Abril 2021.

CAPELATO, Maria Helena. *Populismo na imprensa: UH e NP*. In: MELO, José Marques de (org.). *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981. p. 118; FARO, J. S. *A comunicação populista no Brasil: o DIP e a SECOM*. In: MELO, José Marques de (org.). In: Sosa, D. A.C . *Imprensa e História*. Biblos (Rio Grande) , v. 19, p. 109-125, 2006.

CARDINI, Franco. *A Memória Coletiva no Pensamento de M. Halbwachs*. Conferência proferida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 10 de novembro de 1993. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642006000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000300004)

CARDOSO, Rafael. (org.). *O Design brasileiro antes do design*. São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2011a.

CARVALHO, Fábio Sciberras de. *Políticas administrativas para preservação do patrimônio histórico: experiência na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação: Escola Brasileira de Administração Pública/FGV. Rio de Janeiro, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. SP: Cia. das Letras, 1987.

CASTELLS, Manuel. *La cuestión urbana*. Madri, Siglo Veintiuno, 1978

CAVALCANTI, Tenório. *De pé atrás, cariocas!* Luta Democrática, Rio de Janeiro, 19 dez. 1957

CEBALLOS, Viviane Gomes de. *"E a história se fez cidade... ": a construção histórica e historiográfica de Brasília*. 2005. 167p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281709>>.

CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Brasileiros*. Brasília: UNB, 1981

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. *Dois Liberalismos na UDN: Afonso Arinos e Lacerda entre o consenso e o conflito*. Revista Estudos Políticos, v. 1, 2013,

\_\_\_\_\_, Jorge. *O liberalismo de Carlos Lacerda*. Dados vol. 61 no. 4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2018.

\_\_\_\_\_, Jorge. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese de doutorado em Ciência Política, IESP-UERJ, 2015.

CHARTIER, Roger. *"O mundo como representação"*. Estudos Avançados, São Paulo: USP, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil - Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. Terceira edição. SP. Perseu Abramo. 2002.

CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo*. São Paulo, Perspectiva, 1985

CHUVA, Márcia Regina Romeiro . *Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio*. ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA, CULTURA E MATERIAL (IMPRESSO) , v. 25, p. 139-166, 2017..

Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978,

CODATO, Adriano. *O golpe de 1964 e o Regime de 1968: Aspectos conjunturais e variáveis históricas*. História. Questões e Debates, Curitiba - PR, v. 40, p. 11-36, 2005.

COHEN, Gabriel. “Introdução”. Em Weber. São Paulo: Ática, 1986 (Col. Grandes Cientistas Sociais).

CONCEIÇÃO, Cátia Regina Herculano da. *Depoimento*. In DINIZ, Edson; BELFORT, Marcelo Castro; e RIBEIRO, Paula. Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2021

CONCEIÇÃO, Cíntia Nascimento de Oliveira; COSTA, Patrícia Coelho da. “*PIONEIROS DA TELEDUCAÇÃO NA GUANABARA: a televisão educativa na perspectiva das experiências pioneiras de teleducação e formação de professores e profissionais do Instituto de Educação do Estado da Guanabara e da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (1960 - 1975)*.” Rio de Janeiro, 2016. 196 p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CORRÊA, Lucas Berlanza. *Carlos Lacerda jornalista: repórter, gestor e teórico da imprensa*. Rio de Janeiro, 2015. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO

COSTA, A. S. M.; BARROS, D. F.; TEIXEIRA, A. C. C. *A empresa como um "lugar de memória"? Uma análise do discurso do Programa Memória Petrobras*. In: ENCONTRO DA ANPAD. 2013, Rio de Janeiro, RJ. Anais eletrônicos [...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2013. Disponível em [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013\\_EnANPAD\\_EOR1471.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EOR1471.pdf). Acesso em: 3 set. 2021.

COSTA. Célia Maria. *Recurso eletrônico*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/Jacareacanga>>.

COSTA, Emília Viotti da. *Experiência versus estruturas. Novas tendências na história do trabalho e da classe trabalhadora na América Latina –o que ganhamos? O que perdemos?* História Unisinos, São Leopoldo, número especial, p. 17-51, 2001.

COSTA, Rodolfo; BITTAR, Bernardo. *Entenda como a corrupção arruinou o estado do Rio de Janeiro*. Correio Braziliense. Brasília. 03/11/2017, Política.

COSTA, Wagner Cabral da. *"Eu vou pra Maracangalha, eu vou...": JK e a Distopia Brasília na música popular e nas charges da revista Careta (1956-1960)*. Varia hist., Belo Horizonte , v. 29, n. 49.

CRESPO, Jaqueline Jiora. *Rio: a cidade orfã de capital*; In: *anais do 3º encontro de Pesquisa em História: Historiografia e Fontes Históricas*; Graduação em História. Bauru, SP: 2015. Disponível em: <<https://unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/wp-content/uploads/2016/09/16.-JACQUELINE-JIORA-CRESPO.pdf>>, Acesso em 15 abr. 2021

CRUZ, Maurício Feijó. *O papel da mobilidade urbana nos superplanos: O Plano Urbanístico Básico de São Paulo (1968) e o Plano Doxiadis para o Estado da Guanabara (1965)*. In: X Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, 2018, Barcelona. Archivos Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2018. v. 10.

CUNHA, Marcus Vinícius da & SOUZA, Aline Vieira de. *Cecília Meireles e o temário da Escola Nova*. Cadernos de Pesquisa. vol. 41. n. 144. set./dez. 2011, p. 850-865.

D'ARAUJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (Orgs.). *Ernesto Geisel*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

D'ASSUMPÇÃO, Mônica de Matos Teixeira. *Carlos Lacerda: demolidor de presidentes e construtor de um novo estado*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – UFF, Niterói, RJ, 2007.

DEBERT, Guita. *Ideologia e populismo*. São Paulo: Queroz Editora, 1979

DELGADO, Lucilia. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

DELGADO, Márcio de Paiva. *Lacerdismo: a mídia como veículo de oposição na experiência democrática (1946-1964)*. In *Locus, Revista de História*. Juiz de Fora, Novembro/2016. P 3. Ver <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/view/2703/2105>. Acesso em 06/08/2020.

DELGADO, Marcio de Paiva. *O “golpismo democrático” Carlos Lacerda e o jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949 - 1964)*. Diss. Mestrado. Universidade de Juiz de Fora, ano 2006. Acesso em: 31. Ago. 2020

DELGADO, M. P. *O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955*. In: Primeiro Colóquio do LAHES - 13 a 16 de Junho de 2005, 2005, Juiz de Fora. O jornalista e o político Carlos Lacerda nas crises institucionais de 1950-1955. Juiz de Fora, 2005

DERNTL, M. F. (2018). *Além do Plano. A concepção das cidades-satélites de Brasília*. Arqtextos. São Paulo, ano 19, n. 221.03, Vitruvius

DERNTL, MARIA FERNANDA. *Brasília e seu território: a assimilação de princípios do planejamento inglês aos planos iniciais de cidades-satélites*. CADERNOS METRÓPOLE, v. 22,

DULCI, Otávio Soares. *A UDN e o anti-populismo no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1986.

DULLES, John WF (2000), *Carlos Lacerda – A Vida de um Lutador, 1 – 1914–1960*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira

ECO, UMBERTO. *Construir o inimigo: e outros escritos ocasionais*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho, Lisboa: Gradiva.

EVANGELISTA, Hélio A. *A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998. (Série Monografias Premiadas, 1998).

FALCÃO, Joaquim. *A redução do Brasil: patrimônio histórico virou sinônimo de igrejas barrocas, palácios e casas-grandes*. São Paulo: Folha de São Paulo, 04/05/2000.

- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*. 3.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1980
- FERNANDES, Bernardo Mançano. *Sobre a Tipologia de Territórios* In: SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Saverio. (orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- FERREIRA, Eduardo Camillo K.; BRAGA, Marcos da Costa ; "*I Seminário de Ensino de Desenho Industrial de 1964/1965: o primeiro debate entre instituições*". In: *Revista Estudos em Design*, v. 24, n. 03. Rio de Janeiro: Estudos em Design, 2016. p.1 – 15. ISSN 1983-196X
- FERREIRA, Jorge. *A experiência democrática no Brasil (1945-1964)*. 2010. (Texto de referência para a exposição Res Publica Brasileira).
- FERREIRA, M. M. *Industrialização no Rio de Janeiro: Novas Perspectivas de Análise*. IN: *Anais do 18º Encontro Nacional de Economia- ANPEC*, p.1281-1308,
- FERREIRA, M. M.; VALE, N. G. *De Solar da Marquesa de Santos a Museu do Primeiro Reinado*. In: Angela de Castro Gomes. (Org.). *Direitos e cidadania - memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007, v. , p. 295-320.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Memória Política e história do Rio de Janeiro*. In: FERREIRA, Marieta M. (org). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2000
- FERREIRA, Marieta de Moraes et GRZYNSZPAN, Mario. *A volta do filho pródigo ao lar paterno? A fusão do Rio de Janeiro*. In: FERREIRA, M. (org). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.
- \_\_\_\_\_, Marieta de Moraes; CABRAL, Jacqueline Ribeiro. (s/d). Verbete Roberto Marinho. In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, CPDOC/FGV.
- FERREIRA, M. M. *A fusão do Rio de Janeiro, a ditadura militar e a transição política*. In: ABREU, Alzira Alves de. (Org.). *A democratização no Brasil*. 1ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006, v. 1, p. 163-203.



FIGUEIREDO, Wilson. *Ser ou não ser oposição* Opinião. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 15 de março de 1998. In: MESQUITA, Claudia, *Um Museu para a Guanabara: Carlo Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

FONSECA, Maria Cecília L. *Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural*. In: Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo. R): DP&A, 2003

FOUCAULT, Michel. In: SANTOS, José Reginaldo. *O mal-estar do patrimônio: identidade, tempo e destruição*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 213, janeiro-junho 2015

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996

FREIRE, Américo. *República, cidade e capital: o poder federal e as forças políticas do Rio de Janeiro no contexto da implantação republicana*. In: FERREIRA, M. (org). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2000.

FREIRE, Américo. *A fusão: notas bibliográficas e comentários (críticos) sobre uma nova intervenção na cidade do Rio de Janeiro*. Em: AZEVEDO, André N. (Org.) *Seminário Rio de Janeiro, capital e capitalidade*. Anais... Rio de Janeiro: Dep. Cultural/NAPE/DEPEXT/SR-3/UERJ, 2002.

FRIEDEN, Jeffry. *Capitalismo Global: história econômica e política do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GASTAL, Susana de A. *Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local*. In: Gastal. S. (org). *Turismo, investigação e crítica*. São Paulo, 2002, Contexto, p. 69-81.

GIRADERT, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *Reflexões em torno de populismo e trabalhismo*. *Varia História*, Belo Horizonte, nº 28, p. 55-68, dez. 2002

\_\_\_\_\_, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge. "*Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação*". Locus. Revista de História, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, 2018, p. 251-275

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Apud SANTOS, José Reginaldo. *O mal-estar do patrimônio: identidade, tempo e destruição*. Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol. 28, no 55, p. 211-228, janeiro-junho 2015

GONZALEZ, F. *Música Imaginada: o papel das tradições inventadas na construção da identidade midiática de André Rieu*. In: 12 Interprogramas de Mestrado, 2016, São Paulo. Anais do 12 Interprogramas de Mestrado, 2016.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Memória coletiva e história científica*. Revista Brasileira de História, n. 28, p. 180-193, 1995

GUDIN, Eugenio. *A Guanabara não é um burgo podre. Cariocas alertas!* O Globo, Rio de Janeiro, 19 abr. 1974.

GUIMARÃES, Mário. *A loucura de Brasília*. Luta Democrática. Rio de Janeiro, 3 set. 1957

HABER, S. The political economy of industrialization. In: BULMER-THOMAS, V.; COATSWORTH, J. H.; CONDE, R. C. *The Cambridge economic history of Latin America*. New York: Cambridge University Press, 2008. v. II.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multi-territorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

*História do Voto no Brasil (1822-2018)*. Paulo Henrique Paschoeto Cassimiro e Helio Cannone (2018). Disponível em < <http://18.218.105.245/historia-do-voto-no-brasil-1822-2018/>>. Acesso em 18 de agosto 2021.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOBBSAWM, E. e RANGER, T. *A invenção da tradição*. Trad. de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

HUCITEC, 1997. In: SCHEIDT, E. *O processo de construção da memória da Revolução Farroupilha*. Revista de História, [S. l.], n. 147, p. 189-209, 2002. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i147p189-209. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18947>. Acesso em: 26 jan. 2022.

LACERDA, Carlos. *Depoimento*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987

LACERDA, Carlos. *Discursos parlamentares: seleta*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LACERDA, Carlos, *Discursos Parlamentares*, pág. 119. In: CHALOUB, Jorge. *O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946*. Tese de doutorado em Ciência Política, IESP-UERJ, 2015

\_\_\_\_\_, Carlos. *E chegamos ao IV Centenário [1964-1965]*. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

\_\_\_\_\_, Carlos. *Rosas e Pedras no meu caminho*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

\_\_\_\_\_, Carlos. *O Poder das Ideias*. Rio de Janeiro, Distribuidora Record Editora, 1963.

LAFER, Celso. *JK e o programa de metas: processo de planejamento e sistema político no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

LATINI, Sydney A. *A implementação da indústria automobilística no Brasil: da substituição de importações ativa à globalização passiva*. São Paulo: Alaúde, 2007.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Lacerda x Wainer: o Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo, Senac, 1998.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*, Campinas, Editora da UNICAMP, 1994
- LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000
- LESSA, C. *Quinze anos de política econômica*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LIBORIO, Douglas de Souza. *Arte, poder e tradição: o Palácio Tiradentes e a construção de um imaginário político e republicano brasileiro*. ARS (São Paulo), São Paulo, v. 17, n. 36.
- LIBORIO, D. S. *Tríades Republicanas: a experiência de elaboração de uma exposição sobre os usos públicos do passado republicano brasileiro no Palácio Tiradentes*. Revista de História da UEG, v. 10, p. 1-25, 2021.
- LIMA JUNIOR, Olavo Brasil de. *Partidos Políticos Brasileiros 45 a 64*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- LOPES, V. V. *Fontes orais e a construção da memória: o caso do município de Caarapó/MS*. In: VII Encontro Regional sul de História Oral: História Oral e a Integração Latino-Americana, 2013, Foz do Iguaçu. Anais do Encontro Regional Sul de História Oral, 2013. v. 1.
- LYNCH, Christian. *Questão de urgência nacional: o Rio como segundo distrito federal*. Insight Inteligência (Rio de Janeiro), v. 76, 2017.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950-1970*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2002.
- Lopes Coelho. *Que será do Rio? Correio da Manhã*, 18/7/1958
- LOPES, C. A. *A loucura de Brasília: o antimudancismo nas páginas do jornal Tribuna da Imprensa (1956-1960)*. In: *Encontro Nacional de História da Mídia: Mídia Alternativa e Alternativas Midiáticas*, 7, 2009, Fortaleza - CE. Anais... Fortaleza: Alcar, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/31LGoav>>.

LOPES, Luís Carlos. *Brasília: o enigma da esfinge: a construção e os bastidores do poder*. 101 Porto Alegre: UFRGS/Revista Gaúcha de Enfermagem, 1996

LYNCH, Christian. “*Questão de urgência nacional – O Rio como (2º) Distrito federal*”. In: *Insight Inteligência*, nº 76. Rio de Janeiro: 2017, p. 18-42

M. Magalhães. *A mudança da capital no Legislativo brasileiro, 1956-1960*. *Revista de Informação Legislativa*, 47 (187) 2010.

MAGALHÃES, Raphael de Almeida. *Breve Histórico sobre a Estruturação Física e Econômica da Cidade e sua Região*. [S.l.: s.n.], 2001. Texto mimeografado.

MAIA, C. *Rio, o controle da cidade*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 11, 29 Nov. 1994.

MALAFAIA, Wolney Vianna. *Imagens do Brasil: O Cinema Novo e as metamorfoses da identidade nacional*. 2012. 318 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Políticas e Bens Culturais, Programa de Pós-graduação em História, Políticas e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012.

MARQUES, Clóvis. *40 Anos de Música: Sala Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Associação dos Amigos da Sala Cecília Meireles, 2006.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Comunicação e identidade: Quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus, 2010

MARTINS, Felipe (17 de maio de 2014). «*Estátua da Liberdade de volta à Vila Kennedy*». jornal *O Dia*. Consultado em 25 de abril de 2021

MARTINS, M. R.; ALVES, A. C. O. *Um conto de duas enchentes: Memória e natureza nas grandes enchentes da década de 60*. In: XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Conhecimento histórico e diálogo social. 2013, Natal. Trabalhos Apresentados nas Sessões dos Graduandos, 2013.

MARTINS, T. F. *A memória histórica do Palácio Tiradentes em disputa nas páginas do Correio da Manhã (1960-1963)*. In: JORNADA DE ESTUDOS HISTÓRICOS PROFESSOR MANOEL SALGADO (2017) PPGHIS-UFRJ, 2017, Rio de Janeiro. XII

JORNADA DE ESTUDOS HISTÓRICOS PROFESSOR MANOEL SALGADO (2017)  
PPGHIS-UFRJ, 2017. v. 3

MATHIAS, Gomes Herculano. *O Palácio do Catete. Anais do Museu Histórico Nacional, XV Volume Comemorativo do IV Centenário do Rio de Janeiro*, Ministério da Educação e Cultura, 1965

Mattos, G. M. M. de (2018) *Leituras de um passado, desenhos de um futuro: a preservação do patrimônio cultural edificado na Área Central do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/877484.pdf> [Consultado em: 01 de junho de 2020].

MATTOS, Rita de Cássia de. *Coleções públicas de arte: formação e desenvolvimento de um patrimônio público*. Coleção BANERJ, um patrimônio público. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST

MCCANN, Bryan. Carlos Lacerda: *The Rise and Fall of a Middle-Class Populist in 1950s Brazil*. *Hispanic American Historical Review*, v. 83, n. 4, p. 661-696, 2003. In: MELLO, Guilherme. *Oposição demolidora: a formação do lacerdismo*. 2018. (Apresentação de Trabalho/Seminário)

MEDEIROS, Andressa Aparecida de Jesus. *O ecletismo no casarão do Parque Lage: o olhar do visitante e análise morfológica do ecletismo, a história, a escola e o tombamento*. 2015. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MEIRELES, Ana Renata dos Anjos. *Preservação do patrimônio cultural: uma reflexão sobre algumas violações à ética na casa da Marquesa de Santos no Rio de Janeiro*. 2019. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

MELO, D. B. DE. *O Comício da Central: o Rio e as reformas de Jango (The Central Station Rally: Rio and Jango's reforms)* - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2014v15n22p10. *Cadernos de História*, v. 15, n. 22, p. 10-29, 30 maio 2014.

MELLO, E. C. *Um imenso Portugal*. História e historiografia. São Paulo: Editora 34, 2002.

MELLO, Juliana Oakim Bandeira de. "*Urbanização sim, remoção não*". A atuação da Federação de Associações de Favelas do Estado da Guanabara nas décadas de 1960-1970. 2014. 211 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1783.pdf>>.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. *A Tribuna da Imprensa e os interesses liberal-conservadores no Brasil*. In: COOREA, Maria Letícia; CHAVES, Monica Piccolo Almeida; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta. (Org.). História econômica e imprensa. 1ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016, v. 1,

MENDONÇA, Marina Gusmão. *O demolidor de presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda, 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002.

MENEZES, M. L. P. *O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público*. Sucessos e conflitos. Biblio 3W, v. 22. 2017

MERCADANTE, Amaury. *Brasília, a Cidade Menina*. O Seminário, Rio de Janeiro, 08 ago. 1957

MENESES, Ulpiano Bezerra de. *A história, cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 34, 1992

MESQUITA, Claudia. *De Copacabana à Boca do Mato: o Rio de Janeiro de Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.

\_\_\_\_\_. *Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965)*. Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009

MESQUITA, Cláudia; VELASQUES, M. C. *A pequena Montmartre? e a ?princesinha do mar?: Representações dos bairros da lapa e de Copacabana nos anos de 1960*. *Revista do instituto histórico e geográfico do rio de janeiro*, v. 27, p. 09-236, 2020.

MIZANZUK, Ivan Alexander. *A Narrativa Histórica de Alexandre Wollner sobre o Design Brasileiro em sua Relação com Arte, Indústria e Tecnologia*. 2015. 279 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

MONTELLO, Josué. *Ternura pela cidade* *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 Dez. 1958. Areia do Tempo

MONTENEGRO, Rosilene Dias. *Juscelino Kubitschek: trajetórias*. In: XXIX Simpósio Nacional de História (ANPUH), 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. São Paulo: ANPUH, 2017. p. 1-15

MONTEIRO, Luíra Freire; OLIVEIRA NETO, M. G.; Wellerson Almeida . *História de amantes: retalhos da correspondência íntima de D. Pedro I para Domitila De Castro*. In: IV Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Subjetividades e Contradiscursos., 2013, João Pessoa. Anais do IV Seminário Nacional de Gênero e Práticas culturais: Subjetividade e contradiscursos. João Pessoa. João Pessoa: Universitária, 2013.

MONTEIRO, J. O. *As políticas culturais do Instituto Estadual do patrimônio Cultural (INEPAC-RJ) sob a ótica do patrimônio natural na Região Norte Fluminense e seu uso turístico*. 2016. 112 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais). Instituto de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016.

MORAES, Marcos Antonio de; Moraes, Marcos Antonio de (agosto de 2017). «"Mário de Andrade da Câmara Cascudo"». *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (67): 249–254. ISSN 0020-3874. doi:10.11606/issn.2316-901x.v0i67p249-254.

MORAES, Vinicius de. *Quando a capital se vai [1960]*. BANDEIRA, Manuel; ANDRADE, Carlos Drummond de (org.). Rio de Janeiro em prosa & verso. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, p. 501-502. In: SANTOS, V. S. M. dos . *A cidade do Rio de Janeiro no IV Centenário em algumas páginas literárias*. Acervo (Rio de Janeiro) , v. 28, p. 132-143, 2015

MOREIRA, Gabrielle da Costa; Rodrigues, Jose Carlos Souza. *Cidade, cultura e resistência: O Novo Museu da Imagem do Som do Rio de Janeiro e a cultura carioca*.



Rio de Janeiro, 2018. 195p. Tese de Doutorado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MOREIRA, Vânia M. L. *Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural*. In: DELGADO, Lucília. FERREIRA, Jorge. (org) *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. O Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

MOURELLE, Thiago Cavaliere. *Pedro Ernesto Baptista: Um projeto político inovador-de interventor federal a primeiro prefeito eleito da História do Rio de Janeiro*. Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 2, p. 183-203, 2009. Pág. 184-199

MOREYRA, Álvaro. *A Cidade Mulher*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, 1991

MOTTA, Marly Silva da. *A fusão da Guanabara com o Estado do Rio: desafios e desencantos*. In: FREIRE, A.; SARMENTO, C. E.; MOTTA, M. S. da (Orgs.). *Um estado em questão: 25 anos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

\_\_\_\_\_, Marly Silva da. "*Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estados*". In: BOM MEIHY, José Carlos Sebe (org.). *(Re) introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996

\_\_\_\_\_, Marly Silva da. *O Rio de Janeiro continua sendo?* Rio de Janeiro, CPDOC, 2000.

\_\_\_\_\_, Marly Silva da. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: ALERJ: 2001

\_\_\_\_\_, Marly Silva da. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_, Marly Silva da. *Cabeça da nação, teatro do poder: a cidade capital como objeto de investigação histórica*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1993.

\_\_\_\_\_, Marly Silva da, *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2001. 16f.

\_\_\_\_\_, Marly. *Saudades da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

NASCIMENTO, F. B. “Preservando a arquitetura do século XX: o Iphan entre práticas e conceitos”. *Cadernos do PROARQ (UFRJ)*, v. 19, p. 172-193, 2013

NATIVIDADE, M. M. *A Aliança para o Progresso e a questão agrária no Brasil: considerações iniciais*. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios, 2015, Florianópolis. *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História, Lugares dos Historiadores: velhos e novos desafios da ANPUH, 2015*

NAVES, Sarah Meirielle Ferri. *A Ferinha de Pedra Sabão e a invenção das tradições: uma problemática sobre os discursos do patrimônio em Ouro Preto*. 2019. 84 f. Monografia (Graduação em Museologia) - Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2019

NEVES, Lucília A. *O governo João Goulart e o Golpe de 1964: memória, história e historiografia*. Niterói: Revista Tempo. N.28, 2009. P. 125-145.

NEVES, Margarida de Souza. *As Vitrines do Progresso. O Brasil nas Exposições Internacionais*. Rio de Janeiro: PUC-RJ/FINEP/CNPq, 1986.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo: PUC, n. 10, p. 8-9, dez. 1993.

NUNES, Brasilmar Ferreira. "Prefácio". In: OLIVEIRA, Márcio de. *Brasília: O mito na trajetória da nação*. Brasília: Paralelo 15, 2005

NUNES, Marcelo Ferreira Portela. *Karl Richter e os Ciclos Bach do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Musicologia) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

OAKIM, Juliana & PESTANA, Marco. *A ditadura nas favelas do Rio de Janeiro. Comissão Estadual da Verdade do Rio, 2015*. Disponível em: <http://www.cevrio.org.br/site/arq/Oakim-J-e-Pestana-M-A-ditadura-nas-favelas.pdf>  
Acesso em: 31 Jan. 2021

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura urbana no Rio de Janeiro*. In: FERREIRA, M. (org). *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *As festas que a República manda guardar*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2 n.4

ONO, Haruyoshi. *Recuperação e revitalização do Parque do Flamengo. : Paisagem e ambiente*, 2002. Disponível em:<[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-60982002000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-60982002000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 31 jan. 2022

ORENSTEIN, L.; SOCHACZEWSKI, A. C. *Democracia com desenvolvimento: 1956-1961*. In: ABREU, Marcelo de Paiva. *A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana 1889-1989*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004 82 In: COSTA, Marcos Roberto da. O não dito: abaixo da superfície textual. In: III Congresso Nacional em Estudos Linguísticos, 2015, Vitória. *Anais - III Conel Congresso Nacional de Estudos Linguisticos*. Vitória: PPGEL-UFES, 2015. v. 1.

OSÓRIO, Mauro. *Rio nacional. Rio local: mitos e visões da crise carioca e fluminense*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2005.

PAIVA, A. G. *A incursão literária do jovem Carlos Lacerda: memórias de um Rio de Janeiro em transformação*. Revista SOLETRAS, v. 27, p.

PANDOLFI, Dulce; GRYNSZPAN, Mario. *Poder público e favelas: uma relação delicada*. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002

PASSOS, C. E. L. *Consumo de água e tarifa social em áreas de baixa renda: Estudo de caso das Comunidades de Santa Marta, Complexo do Borel/Casa Branca e Complexo da Mangueira*, Rio de Janeiro, RJ. (Mestrado em Engenharia Ambiental). Controle da Poluição Urbana e Industrial. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2010.

PAUSINI, Adel Igor Romanov. *De Estado a Civil: As políticas de relações matrimoniais da casa imperial do Brasil e sua legitimação sucessória (1843-1944)*. REVISTA NEP - NÚCLEO DE ESTUDOS PARANAENSES DA UFPR, v. 3, p. 436, 2017.

PERALTA, Elsa, “*Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica*”, in Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória, N.º 2 (nova série), Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, Pág. 3, 2007.

PEREZ, Maurício Dominguez. *Estado da Guanabara: Gestão e estrutura administrativa do governo Carlos Lacerda*. (Doutorado em História Social, tese). Rio de Janeiro. UFRJ, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 11-23, 2007.

PESSÔA, José (Org.). *Lucio Costa: documentos de trabalho*. Rio de Janeiro: Iphan, 1999  
In: CHUVA, MÁRCIA REGINA ROMEIRO. Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio. ANAIS DO MUSEU PAULISTA: HISTÓRIA, CULTURA E MATERIAL (IMPRESSO), v. 25, p. 139-166, 2017.

PEIXOTO, Enaldo Cravo. *Urbanização do Parque do Flamengo. Módulo*, Rio de Janeiro, n. 37, ago. 1964.

PEIXOTO, Gustavo Rocha. *INEPAC: um perfil dos 25 anos de preservação do patrimônio cultural no Estado do Rio de Janeiro*. Arquitetura Revista FAU/UFRJ, 1990

PINHEIRO, Antônio Cesar Caldas. *Os tempos míticos das cidades goianas: mitos de origem e invenção de tradições*. Goiânia: Ed. Da UCG, p. 33-39, 122-125, 2010.

PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média*. Lisboa: Europa América, 1977.

PIRES, Hindenburgo Francisco. *Planejamento e intervenções urbanísticas no Rio de Janeiro: a utopia do plano estratégico e sua inspiração catalã*. Biblio 3w (Barcelona) , v. 895, p. 13, 2010

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> ..

- QUEIROZ, Rachel de. *Raminho de Alecrim. O cruzeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1957
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993
- RAMOS, José Mário Ortiz. *Cinema, Estado e Lutas Culturais (Anos 50, 60, 70)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983
- REIS Jr, Reinaldo. L. *Cidade, Trabalho e Memória: Os trabalhadores da construção de Brasília (1956-1960)*. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- REZENDE, Vera. *Planos e regulação urbanística: a dimensão normativa das intervenções na cidade do Rio de Janeiro*. In: Oliveira, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: História e desafios* Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002. p. 256-281.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro, E-papers Serviços Editoriais, 2007
- RIBEIRO, Jayme Lúcio Fernandes. *O Rio de Janeiro e o Imprensa Popular: imaginário social carioca nas páginas do jornal (1949-1954)*. In: XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.
- RIBEIRO, Mária Bruna Pereira, *A mudança da capital em debate nos artigos da Revista Brasileira de Geografia e do Boletim Geográfico (1938-1964)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp. 2007
- ROCHA, Roberto P. *Depoimento*. Em: MOTTA, M. & SARMENTO, C. E. *A construção de um estado: a fusão em debate*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001
- ROCHA, Roberto. *Fusão de estados: aspectos de finanças públicas*. Tese apresentada para obtenção do cargo de Professor Titular. UERJ. Rio de Janeiro, 1980
- RODRIGUES, José Honório. *Filosofia e História*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ROIG, Rodrigo Duque Estrada. *Direito e prática histórica da execução penal no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2005

ROMANO, L. A. C. *Cecília Meireles e a Travel In Brazil: Duas festividades religiosas no Rio de Janeiro - Santo Antônio e Nossa Senhora da Penha*. MATRAGA, v. 27, p. 210-228, 2020.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006)

SACHET, C. *O Rio de Janeiro de Cecília Meireles para Armando Cortes-Rodrigues*. Travessia n°22, UFSC, Florianópolis, 1991

SAES, Décio. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985

SANT'ANA, Thaís Rezende da Silva de. *A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro de início dos anos 20*. Campinas, 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, A. C. M. “*Memória, História e Patrimônio Cultural: notas para um debate*”. In: *A invenção do Brasil — ensaios de história e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.

SANTOS, Vicente Saul Moreira dos Santos. *A cidade do Rio de Janeiro no IV centenário em algumas páginas literárias*.

SARACENI, Paulo Cesar. *Por dentro do Cinema Novo: Minha Viagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993

SANTOS, M. *O papel ativo da Geografia: um manifesto*. Revista Território, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 103-109, jul./dez. 2000

SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Edusp, 1978

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Décadas de Espanto e uma Apologia Democrática*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Seminário de Pesquisa do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Percursos socioeconômicos do Rio de Janeiro*. 2013

SERRA, J. *Ciclos e mudanças estruturais na economia brasileira do após-guerra*. Revista de Economia Política, v. 2/2, n. 6, abr./jun. 1982.

SILVA, Abílio Diniz (Ed.). *D. Luís da Cunha*. Instruções Políticas Lisboa: CNCDP, 2001.

SILVA, Vanessa Aparecida da. *A invenção das tradições: Festas religiosas em Goiás*. Monografia (Graduação em História). Escola De Formação De Professores E Humanidades. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás.

SILVA, D. V.; Silva. M. C. C.; Silva. C. A. S. . *O culto a invenção das tradições gaúchas*. In: XVI Seminário Interinstitucional De Ensino, Pesquisa E Extensão, 2011, CRUZ ALTA - RS. UNIVERSIDADE NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. CRUZ ALTA - RS, 2011. p. 01-02.

SILVA, C. A. de S. e. *A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012

SILVA, Fernando Nascimento (dir.). *Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos*. Rio de Janeiro: Record, 1965.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos/ Kalina Vanderlei Silva*. MACIEL, Henrique Silva - 2 ed. 2 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, KianeFollman da – *A reorganização da direita no Brasil e o papel do MBL*. Da fundação ao impeachment de Dilma Rousseff (2013-2016)

SILVA, Robson Dias. Rio de Janeiro: *Crescimento, Transformações e sua Importância para a Economia Nacional (1930-2000)*. Dissertação (Dissertação em Economia – UNICAMP. CAMPINAS 2004

SILVA, V. R. F. *Patrimônio, Memória e Mercadoria: uma reconstrução arquitetônica em Ouro Preto, Minas Gerais. Pelotas: 2011*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). In: SILVA, S. S. . Patrimonialização e Desenvolvimento. In: II CODE - Conferência do Desenvolvimento, 2011, Brasília - DF. Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos IPEA e Associações de Pós-graduação em Ciências Humanas, 2011.

SILVEIRA, F. J. N. *Biblioteca, memória e identidade social*. Perspectivas em Ciência da Informação (Impresso), v. 15, p. 67-86, 2010.

SILVEIRA, Jorge Luís Rocha. *A fusão Guanabara & Rio de Janeiro: memórias de vietcongues e do Poder Judiciário fluminense*. Rio de Janeiro, 2008. 514 f. Tese de Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

SIMÕES, Soraya Silveira. *Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto 273 habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro*. Niterói: UFF/ ICHF/ PPGA, 2008.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: De Getúlio a Castelo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

SOARES, Felipe Nunes. *A Transferência da Capital do Brasil e as Expectativas da Imprensa Local do Município de Luziânia. (1910- 1916)*. 2015. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SOUZA, Giane Maria de. *Encontros com a memória: uma experiência de educação em patrimônio histórico*, In. – Org. PAIVA, Odair da Cruz, LEAL, Elizabete. Patrimônio e História, Londrina, Ed. Unifil, 2014.

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. "A ESDI e o Ensino Formal de Design". In KARL HEINZ BERGMILLER um Designer Brasileiro, 196–251. Editora Blucher, 2019. <http://dx.doi.org/10.5151/9788521218944-04>

STEFFENS, M. H. *A biografia na pesquisa histórica: uma análise do trabalhismo no Brasil*. REVISTA DE TEORIA DA HISTÓRIA, v. 1, p. 12, 2010

SUCHODOLSKI, Sergio Gusmão; GORGULHO, Luciane Fernandes (Org.). *Preservação do patrimônio cultural brasileiro*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2016. 207 p.

TAVARES, M. C. *Ciclo e crise: o movimento recente da industrialização brasileira*. Campinas: Unicamp, 1998.



TEIXEIRA, Simone. *Um olhar sobre o papel do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural/ Inepac na construção da identidade no estado do Rio de Janeiro. IV Simpósio Nacional de História Cultural*. Goiânia: 2008.

THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria, ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro F. (Org.) *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VASQUES, Vivianne Sampaio. *Entorno de Bens Tombados: Reflexões acerca da sua delimitação e gestão para a salvaguarda dos bens*. Rio de Janeiro, 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016

VERSIANI, Maria Helena. *A política carioca nos anos 1960: cassações e clientelismo*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. 2005, Londrina, PR. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, 2005. p. 1-8.

VESENTINI, Carlos A. *A Teia do Fato: uma proposta de estudo sobre memória histórica*. São Paulo,

VIEIRA, Thaís Letícia Pinto. *Imprinta: uma gráfica para designers*. 2008.249 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Rio de Janeiro, Record, 1987.

Weber, Max. “*Conceito e Categorias de Cidade*”. Em: Velho, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987

WEFFORT, F. C., “*Políticas de massas*”, in *Política e Revolução Social no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965

XAVIER, P. O. *Cidade Maravilhosa: Imaginário, mito e identidade*. 2017. 274 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/42/teses/859369.pdf>>.

WERNECK, José Luiz Werneck. Depoimento. I Encontro de Cultura/ Arquivos Históricos e Museus da Guanabara. Rio de Janeiro, 1968. Setor de Fitas de Áudio/FMIS/RJ In: MESQUITA, Cláudia. Um Museu para a Guanabara: Carlos Lacerda e a criação do Museu da Imagem e do som (1960-1965). Rio de Janeiro. Folha Seca, 2009